

**FLAVIA MENGARDO GOUVÊA**

**OS IMIGRANTES ALEMÃES EM RIO CLARO:  
ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA E REDES DE  
SOCIABILIDADES NOS SÉCULOS XIX E XX**

**FRANCA**

**2011**

**FLAVIA MENGARDO GOUVÊA**

**OS IMIGRANTES ALEMÃES EM RIO CLARO:  
ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA E REDES DE  
SOCIABILIDADES NOS SÉCULOS XIX E XX**

**Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, campus de Franca, como pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em História.**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Márcia Pereira da Silva**

**FRANCA**

**2011**

Gouvêa, Flavia Mengardo

Os imigrantes alemães em Rio Claro: estratégias de sobrevivência e redes de sociabilidades nos séculos XIX e XX / Flavia Mengardo Gouvêa. –Franca : [s.n.], 2011  
103 f.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Márcia Pereira da Silva

1. Imigração alemã – História – Brasil. 2. Imigrantes alemães – Redes sociais – Rio Claro. I. Título

CDD – 325.10943

**FLAVIA MENGARDO GOUVÊA**

**OS IMIGRANTES ALEMÃES EM RIO CLARO:  
ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA E REDES DE  
SOCIABILIDADES NOS SÉCULOS XIX E XX**

**Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em História.**

**BANCA EXAMINADORA**

**Presidente:** \_\_\_\_\_

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Pereira da Silva**

**1º Examinador:** \_\_\_\_\_

**2º Examinador:** \_\_\_\_\_

**Franca, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.**

*Dedico este trabalho aos meus pais.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, meu primeiro Pai e meu grande Pai onipotente, por tudo que proporcionou à minha vida, por ter me dado forças nos momentos de dificuldade, e por ter permitido minha formação tão rica nesta universidade, um sonho que, em muitos momentos, pareceu inalcançável.

Agradeço a minha Mãe, Maria, que intercedeu por mim a Deus, e me auxiliou no amparo nos momentos de dificuldade, como uma verdadeira Mãe faz com uma filha que necessita de auxílio.

Dedico um agradecimento especial aos meus pais, Edna e Samuel, que, com tanto esforço e dedicação fizeram com que a oportunidade de estudar nesta Universidade fosse possível, e que o mestrado tornasse um sonho palpável. Agradeço-lhes pelo apoio, espiritual, psicológico e material, a tríade que fez com que o sonho de uma pós-graduação em uma Universidade Pública fosse possível. Obrigada, meus queridos pais! Amo-os infinitamente!

Agradeço à minha irmã Marina, que nos momentos de dificuldade, também me deu um suporte especial. Muito obrigada por tudo, querida irmã! Agradeço também aos amigos Marco e Claudio, que sempre me auxiliaram para o bom andamento e finalização deste esforço de pesquisa, contribuindo não apenas com palavras de conforto nos momentos de dificuldade, mas também com ações diversas, das quais me lembrarei para sempre. Muito obrigada, queridos amigos!

Dedico um agradecimento especial ao meu orientador, o Prof. Dr. José Evaldo de Mello Doin (*in memoriam*), que, enquanto muitos não acreditavam que a minha pesquisa daria frutos, o professor Evaldo depositou sua confiança em mim. Os frutos da pesquisa que fizemos em conjunto seguem nesse texto, que tem muito do saber desse grande homem. Obrigada, por tudo, meu orientador, meu grande amigo, e também pai, em muitos momentos! Obrigada!

Quero dar um grande agradecimento à amiga, mestre, e por hora também mãe, a minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Pereira da Silva, que de uma maneira ou de outra, sempre esteve presente, desde o início da pesquisa, auxiliando-me no desenvolvimento da minha pesquisa desde a graduação. A professora Márcia sempre acreditou no meu potencial, e me auxiliou em todas as circunstâncias do desenrolar desta pesquisa, incluindo os momentos de dor e de muita dificuldade. Muito obrigada, Márcia, pela presença e auxílio em todos estes momentos!

Dedico também um agradecimento ao grupo de professores da pós-graduação em História, UNEPS, Franca, que me orientaram na elaboração deste trabalho. Entre estes dedico um agradecimento especial à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia da Costa Garcia, coordenadora do programa da pós-graduação em História, e também grande mestre nas aulas do curso de mestrado. Um grande agradecimento também ao amigo e Prof. Dr. Pedro Geraldo Tosi, um grande mestre que me auxiliou bastante no desenvolver da pesquisa de mestrado, desde as aulas da disciplina da pós-graduação, até o auxílio na banca de qualificação. Também um agradecimento à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Naxara, que me auxiliou na ampliação dos meus conhecimentos principalmente na área da historiografia.

Agradeço também aos amigos do Centro de Estudos da Modernidade e da Urbanização no Mundo do Café (CEMUMC), o qual também participei, e em especial ao grande amigo Prof. Dr. Rodrigo Ribeiro Paziani, que me ajudou muito desde o início do meu esforço de pesquisa em 2005, na época ainda da graduação. Rodrigo agradeço-lhe, de coração, pelo esforço e dedicação à minha pessoa! Muito obrigada!

Agradeço também aos amigos Rafael Cardoso de Mello, mestre em História pela UNESP Franca, e Elaine Caun, também mestre em História pela UNESP Franca, ambos companheiros do CEMUMC. Agradeço-lhes, de coração, meus amigos e companheiros de estudo pelo apoio de sempre!

Quero agradecer também aos funcionários da UNESP, sempre prestativos na resolução de meus problemas. Em especial agradeço à Fátima da Seção Técnica Administrativa; à Máisa da seção de Pós-Graduação; à Laura da Biblioteca; e aos funcionários do Restaurante Universitário; pois, sem vocês, a minha formação e o meu esforço de pesquisa não seriam possíveis. Muito obrigada a todos vocês!

E, por fim, mas não menos importante, agradeço à CAPES, pelo apoio financeiro aos meus estudos nos últimos seis meses de mestrado. Obrigada pelo apoio e confiança!

*Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo dos céus: tempo para nascer, e tempo para morrer; tempo para plantar, e tempo para arrancar o que foi plantado.*

*(Eclesiastes 3, 1-2)*

GOUVÊA, Flavia Mengardo. **Os imigrantes alemães em Rio Claro: estratégias de sobrevivência e redes de sociabilidades nos séculos XIX e XX.** 2011. 103 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2011.

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as redes sociais estabelecidas pelos imigrantes alemães em Rio Claro no período que compreende a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Muitos alemães se transferiram para Rio Claro no contexto da crise da mão-de-obra escrava e chegaram ao Brasil para a lavoura do café. Obviamente, os mesmos queriam novas oportunidades de vida, ao mesmo tempo em que desejavam resguardar tradições, hábitos e costumes da terra natal. Para isso, tais imigrantes estabeleceram determinadas redes sociais, sendo, algumas destas, objetos dessa investigação, abrangendo três esferas sociais: Igreja, Escola e Clube de Ginástica, além de perpassar algumas questões da política local. Utilizaremos como fonte principal o Arquivo da Igreja Luterana, com assentos de batizado e casamento e documentos sobre a fundação da Escola Alemã, da Igreja Alemã e do Clube de Ginástica no município de Rio Claro.

**Palavras-chave:** Imigração alemã; Redes sociais; Rio Claro

GOUVÊA, Flavia Mengardo. **Os imigrantes alemães em Rio Claro: estratégias de sobrevivência e redes de sociabilidades nos séculos XIX e XX.** 2011. 103 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2011.

### **ABSTRACT**

This study aims to analyze social networks established by German's immigrants in Rio Claro in the period of the second half of the nineteenth and early twentieth century. Many Germans have moved to Rio Claro in the context of the crisis of slave labor in Brazil and came to the coffee plantations. Obviously, they wanted new life opportunities, and on the other hand they wanted to protect traditions, habits and customs of their homeland. To do so, such immigrants have established certain social networks, objects of this investigation, particularly regarding three social spheres: church, school and club gymnastics and, in addition, this study works upon some issues of local politics. We will use as the main source file of the Lutheran Church, with seating christening and marriage and documents about the founding of the German School, the Church and the German Gymnastics Club in the city during the late nineteenth century.

Keywords: German Immigration, Social Networks, Rio Claro

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1 – O DESCOMPASSO DE UMA LOCALIDADE.....</b>	<b>20</b>
1.1 Origem de Rio Claro.....	20
1.2 Cafeicultura como catalisadora da imigração e modernização.....	27
1.3 As associações urbanas de Rio Claro: solidariedade em prol de melhorias urbanas – Ferrovia e <i>Sociedade do Bem Commum</i> .....	31
<b>CAPÍTULO 2 - A IMIGRAÇÃO EUROPÉIA EM RIO CLARO.....</b>	<b>36</b>
2.1 As características da imigração europeia em Rio Claro (séculos XIX e XX).....	36
2.2 O imigrante no cotidiano urbano rio-clarense.....	41
2.3 Características do imigrante europeu em Rio Claro no início do século XX.....	45
<b>CAPÍTULO 3 DESENVOLVIMENTO DA SOCIABILIDADE DOS IMIGRANTES ALEMÃES EM RIO CLARO.....</b>	<b>53</b>
3.1 A adaptação dos alemães na parte urbana de Rio Claro.....	53
3.2. A formação da Igreja Luterana.....	54
3.3 Fundação da Igreja e da Escola Alemã.....	57
3.4 A Escola Alemã em Rio Claro.....	64
<b>CAPÍTULO 4 OUTRAS ESFERAS SOCIAIS DE PARTICIPAÇÃO DOS ALEMÃES EM RIO CLARO.....</b>	<b>70</b>
4.1 Fundação do Clube de Ginástica.....	70
4.2 Participação política dos alemães em Rio Claro (séculos XIX e XX).....	74
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>84</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>89</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>96</b>
<b>ANEXO A - Projeto da Primeira Igreja Luterana em Rio Claro.....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXO B - Certificado de Batismo redigido em alemão (sem data).....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXO C - Registros da Igreja Luterana de 1981 ainda redigidos em alemão.....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXO D - Livro de Registros da Igreja da Comunidade Evangélica de Rio Claro (1866- 1875); páginas de registros traduzidas do alemão para português.....</b>	<b>100</b>
<b>ANEXO E - Livro de Registros da Igreja Católica de Rio Claro obtidos na Cúria Diocesana de Piracicaba.....</b>	<b>102</b>

## LISTA DE TABELAS E QUADROS

<b>TABELA 1</b> Imigração alemã no Brasil por décadas de 1824 a 1969.....	14
<b>QUADRO 1 -</b> Relação das colônias de parceria de Rio Claro (1852-1857).....	22
<b>TABELA 2</b> Nacionalidade dos imigrantes nas colônias de parceria das fazendas cafeeiras de Rio Claro (1857).....	38
<b>QUADRO 2</b> Relatório do secretário do Estado dos negócios da agricultura, comércio e obras públicas do estado de São Paulo (1893).....	38
<b>TABELA 3</b> População estrangeira em Rio Claro em 1872.....	39
<b>TABELA 4</b> Imigrantes saídos da hospedaria dos imigrantes de São Paulo com destino a Rio Claro, por nacionalidade e sexo (1882-1885).....	40
<b>TABELA 5</b> Imigrantes saídos da hospedaria dos imigrantes de São Paulo com destino a Rio Claro, por nacionalidade e sexo (1886-1900).....	42
<b>TABELA 6</b> Imigrantes saídos da hospedaria dos imigrantes em São Paulo com destino à Rio Claro (1901-1920).....	47
<b>TABELA 7</b> População estrangeira no município de Rio Claro segundo a nacionalidade e o sexo (1920).....	47
<b>TABELA 8</b> Profissão dos alemães mencionados nos registros da Igreja Luterana entre os anos de 1866 a 1875, totalizando 324 registros de batismo, casamento, sepultamento e confirmação.....	49
<b>TABELA 9</b> Casais advindos da mesma região européia.....	62
<b>TABELA 10</b> Origem dos prefeitos e vereadores – Rio Claro (1900-1930).....	80
<b>QUADRO 3</b> República e o predomínio das novas famílias – Rio Claro (1889-1930).....	80
<b>TABELA 11</b> Composição profissional do Executivo e Legislativo de acordo com o primeiro mandato – Rio Claro (1900-1930).....	81
<b>TABELA 12</b> Origem social da elite política de Rio Claro (1900-1930).....	81

## INTRODUÇÃO

As atividades político-econômicas, as relações de sociabilidade e os demais negócios urbanos ligados à cultura cafeeira entre meados do século XIX e o início do século XX – a cafeicultura propriamente dita, a imigração européia, os bancos, as casas comissárias, as empresas de serviços públicos, as trocas de favores entre representantes do poder público municipal e estadual – configuraram os contornos de poder das elites paulistas e o caráter decisório de muitos de seus elementos, na promoção de uma modernização nos espaços agrícolas e urbanos do estado de São Paulo.

O município de Rio Claro foi, durante todo um século, um dos centros de produção de café em São Paulo:

[...] teatro de transições importantes: do regime colonial para o de sesmarias, do Império para a República (sua sede foi uma das primeiras a criar um diretório do Partido Republicano) e da escravatura para o trabalho livre. Seus fazendeiros encontravam-se entre os de maior influência política provincial e mesmo nacional.<sup>1</sup>

A produção de café em Rio Claro atraiu sobretudo imigrantes alemães. Há estudos sobre imigrantes em outras localidades, e sobre o desenvolvimento de outros municípios do interior paulista à época (a exemplo de Ribeirão Preto e São Carlos) tendo como plano de fundo os negócios do café que envolvem a questão da imigração européia para o Brasil.

Há vários estudos que tratam do interior paulista, como os de Rodrigo Paziani, intitulado **A cidade como ‘balcão de negócios’: empresas de serviços públicos, tramas políticas e modernização urbana na Belle Époque Caipira – Ribeirão Preto, um estudo de caso (1893-1923)**. Esta pesquisa explora as relações entre o amplo circuito de negócios e riquezas em torno da economia cafeeira e a trajetória de modernização urbana em Ribeirão Preto na Primeira República, tendo como eixo principal a elaboração de projetos e as experiências de urbanização (sistema de distribuição de água, esgotos e iluminação elétrica; calçamento de vias públicas. Tal contexto estudado perpassa pelas articulações e conflitos políticos entre as lideranças municipais entranhadas no poder público e os grandes (e pequenos) empresários do setor de serviços públicos – em especial, a Companhia de Água e Esgotos de Ribeirão Preto, cujos acionistas majoritários eram membros da família Silva Prado – que começavam a se instalar na cidade e na região durante a última década do século XIX.

---

<sup>1</sup> DEAN. **Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura (1820-1920)**, p. 15.

Outro estudo é o de Luiz Arrovani Fonseca chamado **Os almanachs de Itu e a celebração da modernidade**; trabalho de dissertação de mestrado, e que a partir de uma série de publicações de almanaques na cidade de Itu, entre os anos de 1890 e 1920 (cinco ao todo), foi estudada a construção de sua modernidade. Itu, uma cidade de tradicional economia açucareira também experimentou das benesses da cultura cafeeira. Essa mudança de orientação do sentido econômico transformou a paisagem urbana. Logo, nota-se o surgimento de fábricas (como a fábrica de tecidos São Luís), de novos códigos de posturas e do surgimento de novos bairros alinhados aos ditames racionalistas do discurso da modernidade.

Foi verificado, nesses estudos mencionados, a ausência de um levantamento mais aprofundado sobre as redes de sociabilidade dos imigrantes que chegaram na região do interior de São Paulo, sendo ainda mais escassos os estudos que tratam da questão da imigração alemã para o Brasil. Assim, a pergunta central dessa pesquisa foi: como se instituíram as redes de sociabilidades dos imigrantes alemães em Rio Claro?

Como bem salienta Natalie Zelion Davids, num escrito mais comum entre sociólogos e antropólogos, o estudo de “espaços mais precisos”, como os de uma aldeia, vila ou cidade, vem ganhando força entre as pesquisas com base nos fundamentos historiográficos.<sup>2</sup> Com estes estudos surgiu a necessidade de compreender as comunidades humanas existentes nestes locais não ignorando a relação entre a micro análise e a macro análise. Assim, analisamos questões relacionadas ao imigrante alemão em Rio Claro, afinal como salienta Milton Santos, “cada lugar é a sua natureza, o mundo”.<sup>3</sup> Repetimos: o intuito foi estudar como se deram as redes de sociabilidade dos imigrantes alemães em Rio Claro.

Quando tratamos dos imigrantes alemães obviamente nos referimos a vários territórios, tendo em vista que a pesquisa antecede à Unificação do país. Até o [século XIX](#) eram considerados alemães todos os falantes dos dialetos alemães, ou seja, os habitantes da [Alemanha](#), [Áustria](#) e [Suíça](#). Todavia, com a [Unificação Alemã](#) em [1871](#), o alemão passou a ser compreendido como o habitante do território do novo país ou àquele que lá tinha origens. Suíços e austríacos ainda podem ser classificados como alemães étnicos. Tal espírito nacional já se relacionava com a cultura germânica desde o início do século XIX, como se pode ver nos escritos de Hegel:

“(…) o espírito de um povo [volkgeist]: é um espírito de características muito bem definidas, que se constrói em um mundo objetivo. Este mundo existe e permanece

<sup>2</sup> DAVIDS. **As muitas faces da história – nove entrevistas**, p.104-106.

<sup>3</sup> SANTOS. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**, p. 314

em sua religião, seu culto, seus costumes, sua constituição e suas leis políticas em toda a esfera de suas instituições, seus acontecimentos e seus feitos. Esta é o seu trabalho: um povo, é isso que é uma nação! Os povos são o que são os seus feitos. (...) A função do indivíduo é apossar-se de sua existência material, tornando-a parte de seu caráter e de sua capacidade, fazendo com que dessa maneira ele tenha um lugar no mundo. Ele descobre a existência do povo a que pertence como um mundo já estabelecido, um mundo estável, a que deve adaptar-se.”<sup>4</sup>

Segue os dados do IBGE (ver **TABELA 1**) com relação a imigração alemã para o Brasil no período estudado:

**TABELA 1 Imigração alemã no Brasil por décadas de 1824 a 1969**

Décadas	1824-47	1848-72	1872-79	1880-89	1890-99	1900-09	1910-19	1920-29	1930-39	1940-49	1950-59	1960-69
<b>Imigrantes</b>	8.176	19.523	14.325	18.901	17.084	13.848	25.902	75.801	27.497	6.807	16.643	5.659

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Nota-se que consideramos alemães todos os imigrantes oriundos da **Confederação dos Estados Alemães**<sup>5</sup> (1815-1866), da **Liga Setentrional Alemã**<sup>6</sup> (1866-1871), dos **Estados Meridionais Alemães** (1866-1871), do **Império Austro-Húngaro** (1867-1918), do **Império Alemão**<sup>7</sup> (1871-1918) e **imediações** que emigraram, por motivos diversos, e que se estabeleceram no Brasil. Em outras palavras: consideramos alemães os imigrantes que pertenciam à nação alemã, unida pelo língua, cultura e pela história comum em detrimento do Estado político-administrativo de sua procedência.

A identidade alemã é dada pelo conceito de "Kultur", com todos os seus significados correlatos, que se calca em fatos intelectuais, artísticos e religiosos<sup>8</sup>, refletindo a consciência da nação. Daí porque consideramos alemães os imigrantes que faziam uso da língua alemã através dos conceitos decorrentes do *jus sanguinis*: direito pelo sangue, pela herança. Por esse conceito classifica-se como "alemão" todo aquele que faz uso das especificidades decorrentes do *jus sanguinis*, independente do País/Estado onde tenha nascido<sup>9</sup>. Provinham dos Estados

<sup>4</sup> HEGEL. *O curso da história do mundo: A dialética dos princípios nacionais*. In: HARTMAN, (org.). **A razão na história**, 1990. p. 125.

<sup>5</sup> A composição da Confederação dos Estados Alemães foi estabelecida em 1815 pelo congresso de Viena, entre os soberanos dos Estados Alemães, o imperador da Áustria e os reis da Dinamarca e dos Países Baixos; vigorou até 1866.

<sup>6</sup> União política dos Estados Alemães localizados ao norte do rio Meno, criado com a dissolução da Confederação dos Estados Alemães, em 1866.

<sup>7</sup> O Império Alemão foi instituído em 1870-1871 ao fim da guerra franco-prussiana. Dominado pela Prússia, o governo centralizava negócios comuns de 25 estados soberanos e uma província. O imperador exercia o poder executivo e o legislativo dividia-se entre o Bundesrat - Conselho Federal - e o Reichstag - Assembléia Nacional.

<sup>8</sup> Cf. ELIAS. **O Processo Civilizador - Uma História dos Costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, volume 1, 1994, p. 43.

<sup>9</sup> GERTZ. "A Construção de uma Nova Cidadania". In: **Os Alemães no Sul do Brasil: Cultura, Etnicidade e História**. Canoas: Ed. da ULBRA, 1994, p. 30.

do Reich Alemão de 18 de janeiro de 1871, incluindo a Alsácia-Lorena (hoje França), Luxemburgo, Suíça, Áustria, Hungria, República Tcheca (antiga Boêmia, Morávia e parte da Silésia), Romênia, Polônia, Bielorrússia, Ucrânia, Lituânia, Letônia, Estônia além do Tirol (hoje norte da Itália) e imediações. Dessa forma "a nacionalidade configura uma condição humana desvinculada da condição de cidadania"<sup>10</sup>. Se a nacionalidade - que podemos denominar de *Volkstum* ou etnicidade - é um atributo cultural decorrente das pessoas, a cidadania decorre das prerrogativas do Estado enquanto unidade autônoma e soberana.

Eram cerca de 5 milhões - do total aproximado de 60 milhões de pessoas que emigraram da Europa no século XIX - os que faziam uso da língua alemã. A maioria dos alemães embarcou nos portos de Hamburgo e Bremen e se dirigiu para os Estados Unidos da América; entretanto, outros se estabeleceram no Brasil, Canadá, Argentina e Austrália<sup>11</sup>. O Brasil recebeu, no período de 1819 a 1947, segundo estatísticas, 235.846 imigrantes alemães<sup>12</sup>.

A composição da **Confederação dos Estados Alemães** também chamada de Liga Alemã - cuja unidade consistia, essencialmente, no uso do idioma alemão - era, politicamente, muito diversificada: 35 estados independentes e 4 cidades livres. Consistia numa união pouco coesa de estados soberanos. Além da Áustria (até 1866), dela participaram os reinos da Prússia, Baviera, Württemberg, Hannover (sob o domínio do rei da Inglaterra) e Saxônia; os Grão-Ducados Mecklemburg-Schwering-Strelitz, Oldenburg, Hesse-Darmstadt, Saxe-Weimar e Baden; o eleitorado de Hesse-Kassel; os ducados de Brunswick, Nassau, Anhalt-Dessau-Bernburg-Göthen, Saxe-Koburg-Gotha, Saxen-Meiningen-Altenburg-Hildburghausen e Holstein (sob o domínio do rei da Dinamarca); parte dos Países-Baixos (sob a jurisdição do Gran-Duque de Luxemburgo); as quatro cidades-livres de Frankfurt/Meno, Bremen, Hamburgo e Lübeck, somados ainda de um grande número de pequenos principados independentes.

<sup>10</sup> RAMBO, "Nacionalidade e Cidadania". In: **Os Alemães no Sul do Brasil: Cultura, Etnicidade e História**. Canoas: Ed. da ULBRA, 1994, p. 43.

<sup>11</sup> ALVES, "A Imigração Alemã para o Brasil". In: JOCHEM, & ALVES, **São Pedro de Alcântara: 170 anos depois...** São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999, p. 9. Salientamos que, além dos países acima citados havia colônias alemãs na Rússia Meridional, da Bessarábia até o Cáucaso, nas estepes siberianas, às margens do rio Volga e os campos da Criméia, na antiga Turquestão e o rio Amur, na fronteira chinesa (antiga União Soviética); na Namíbia; na Argélia; no México; na Venezuela e Nova Granada (Antilhas), em Java (Oceânia), Sumatra entre outras regiões. Além de Hamburgo e Bremen eram utilizados os portos de Roterdã - foz dos Rios Meusa e Reno; Antuérpia - foz do Rio Escalda; Havre de Grace - no canal da Mancha, na França; Dunquerque, também na França, além de outros. Fonte: ABRANTES, Visconde de. "Memória sobre os meios de Promover a Colonização". In: **Revista de Imigração e Colonização**. Rio de Janeiro, ano II, números 2-3, 1941, pp. 834-5.

<sup>12</sup> NADALIN, *Imigração Alemã no Brasil: Dois Problemas*. In: **III Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros**. Porto Alegre: Editora da URGs, 1980, pp. 297-303.

Por sua vez, o **Império Áustro-Húngaro** era constituído pela Áustria (grande parte de tchecos - Boêmia e Morávia - e pelos poloneses - Galícia). Ambos os países encontravam-se unidos pela instituição monárquica, representada por Francisco José I, ao mesmo tempo imperador da Áustria e rei da Hungria. Cada país responsabilizava-se pela respectiva administração interna; a fusão, entretanto, configurava-se em questões relativas a política externa, à economia e à guerra que eram regidas por ministérios comuns.

A antiga **Confederação dos Estados Alemães** e o **Império Áustro-Húngaro** e **imediações**, ao longo da história, devido aos constantes processos de coalizões e desintegrações territoriais dos séculos XIX e XX, através da "dança das fronteiras" deram lugar a inúmeros países. Seus emigrantes que nos séculos XIX e XX instalaram-se no Brasil contribuíram, sobremaneira, na formação sócio-econômico-político-cultural do povo brasileiro.

Segundo a historiografia que abarca os estudos da urbanização nas “terras do café” as diversas cidades e regiões do interior paulista não permaneceram excluídas das modernizações do período<sup>14</sup>, mas, ao contrário, não foram poucos os casos em que o desenvolvimento urbano nestas pequenas localidades antecipou-se às transformações ocorridas em algumas capitais brasileiras. Rio Claro, por exemplo, era em 1879, depois da chegada da cultura cafeeira, a terceira cidade do país a possuir energia elétrica, ficando atrás somente do Rio de Janeiro e de Varginha.<sup>15</sup>

Tais questões relativas ao desenvolvimento da cafeicultura em Rio Claro são abordadas no primeiro capítulo deste trabalho. Tratamos também da participação do senador Nicolau de Campos Vergueiro na introdução do modelo de produção cafeeira com mão-de-obra imigrante europeia e sua vinculação à modernização e à imigração na cidade de Rio Claro, destacando a chegada da ferrovia na região e também a formação da *Sociedade do Bem Commum*,<sup>16</sup> que visava trazer melhorias à cidade.

Com a cultura do café, a paisagem urbana de Rio Claro mudou: recebeu iluminação com lâmpões e luz elétrica, as ruas e praças foram arborizadas e pavimentadas, e as chácaras do centro desapareceram.<sup>17</sup> O primeiro capítulo da dissertação versa sobre as correntes

<sup>14</sup> DOIN, Franca: Tese de Livre-Docência em História, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP. **O capitalismo bucanero: dívida externa, materialidade e cultura na saga do café (1889-1930)**

<sup>15</sup> FERRAZ. **História do Rio Claro (A sua vida, os seus costumes e os seus homens) – 1821 – 1827 – 1922**, p. 79; MAGALHÃES. **Força e luz: eletricidade e modernização na República Velha**, p. 122.

<sup>16</sup> *Sociedade do Bem Commum* foi o nome dado a um grupo de particulares que se uniu no município de Rio Claro no Século XIX com o intuito de realizar melhorias públicas na cidade, assunto este que será melhor explicitado no Primeiro Capítulo deste trabalho.

<sup>17</sup> ALMEIDA, **Atlas municipal e escolar: histórico geográfico ambiental**, p. 26

migratórias que chegaram à cidade de Rio Claro, mostrando como se deu a socialização das mesmas na região, principalmente no cenário urbano.

Sobre a imigração em Rio Claro é lícito afirmar que as correntes de alemães e suíços aportados na região para trabalhar nas lavouras de café foram (direta ou indiretamente) responsáveis pela modernização agrícola e urbana, sendo que muitos deles passaram a morar na área urbanizada da cidade. Já em 1872, os alemães representavam cerca de 50% da população estrangeira em Rio Claro.<sup>18</sup> A redução do número de imigrantes alemães e suíços – devido às restrições dos respectivos governos,<sup>19</sup> forçou muitos cafeicultores a promover a importação de uma grande leva de imigrantes italianos de forma a evitar uma crise na economia cafeeira. Por outro lado, também os imigrantes alemães se tornaram pequenos proprietários de terras e produtores de café, pois conseguiram comprar propriedades já em decadência. Assim, também alguns alemães conseguiram se inserir nesse contexto da produção cafeeira propriamente dita, o que também é tratado neste estudo.

O segundo capítulo do trabalho traça um panorama do desenvolvimento das redes de sociabilidade dos imigrantes alemães na região de Rio Claro. Assim, abordamos, num primeiro momento, a adaptação dos alemães na parte urbana de Rio Claro, mostrando a sua acomodação no local, ou seja, sua organização social. Foi nesse momento que os imigrantes alemães fundaram e organizaram a Igreja Luterana no município, iniciativa atrelada à Fundação da Escola Alemã na cidade. Tais questões também são abordadas no Capítulo 3 deste estudo, que trata especificamente das questões da fundação da Igreja e da Escola Alemã.

As redes de sociabilidade construídas pelos alemães em nome da socialização com o novo espaço que habitavam foram analisadas mais profundamente nos capítulos 3 e 4, por meio de registros de batizados e casamentos dos anos de 1866 a 1875. Essas fontes primárias estão disponíveis, e traduzidas para o português, com os originais transcritos em alemão, na Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Rio Claro. Esses laços sociais são desenvolvidos no contexto da vida privada, e, em Rio Claro, a instituição da Igreja Evangélica de Confissão Luterana mostra que essa corrente migratória constituiu, de certa forma, uma endogamia, pois se tornou uma comunidade fechada em si mesma num primeiro momento, obviamente tendo em vista a proteção e o fortalecimento de laços internos para posterior inserção na sociedade rio-clarense.

A solidariedade desenvolvida pelos imigrantes pode ser distinguida entre primária e secundária, segundo Durkeim. A solidariedade social representada é a mais elementar,

<sup>18</sup> Gráfico presente em: Ibid., p. 34

<sup>19</sup> “**A colônia Ibicaba – a influência da colônia Ibicaba no progresso de Rio Claro**”, de PEREIRA. Museu Histórico e Pedagógico “Amador Bueno da Veiga” – **Almanaque**: Rio Claro Sesquicentenária, p. 89-90.

espontânea e forte, sendo chamada por Durkheim de Solidariedade Mecânica ou por semelhança (solidariedade primária). A Solidariedade Mecânica é constituída por um sistema de segmentos homogêneos e semelhantes entre si. Os membros da sociedade em que domina a Solidariedade Mecânica estão unidos por laços de parentesco. O meio natural e necessário a essa sociedade é o meio natal; o lugar de cada um é estabelecido pela consangüinidade e a estrutura dessa sociedade é simples. Logo, os imigrantes alemães buscam se juntar com os seus, ou seja, os da mesma família ou região da Alemanha. O indivíduo, nessa sociedade, é socializado porque, não tendo individualidade própria, se confunde com seus semelhantes no seio de um mesmo tipo coletivo.

A Solidariedade Orgânica (ou secundária) é fruto das diferenças sociais, já que são essas diferenças que unem os indivíduos pela necessidade de troca de serviços e pela sua interdependência, a exemplo da formação de um núcleo urbano, como no caso de Rio Claro. Os membros da sociedade em que predomina a Solidariedade Orgânica estão unidos em virtude da divisão do trabalho social. O meio natural e necessário a essa sociedade é o meio profissional, em que o lugar de cada um é estabelecido pela função que desempenha e a estrutura dessa sociedade é complexa.

O indivíduo, nessa sociedade orgânica é socializado porque, embora tenha sua individualidade profissional, depende dos demais e por conseqüente, da sociedade resultante dessa união. A sociedade que resulta da divisão do trabalho social predomina, embora a de direito seja mantida.

No quarto Capítulo tratamos também da fundação do Clube de Ginástica Alemão, fechando o triângulo das três instituições formadas pelos alemães em todos os locais de sua chegada no Brasil, segundo a bibliografia já existente sobre o assunto, como no trabalho de Emílio Willems (**Aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: nacional, 1946): a Igreja, a Escola e o Clube de Ginástica, os três principais espaços de sociabilidade dos imigrantes alemães em Rio Claro, criados por eles para esse fim. Também neste Capítulo traçamos um breve panorama da política desenvolvida no município no período estudado, a fim de ressaltar como se deu a inserção política dos imigrantes alemães em Rio Claro.

Todo o estudo tem como fonte principal documentos do Arquivo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Rio Claro, do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, e do Museu do Colégio Koelle, de Rio Claro. Também consultamos teses e livros sobre a imigração em Rio Claro na Biblioteca Pública Municipal “Centro Cultural” (Rio Claro), na Biblioteca Pública Municipal “Lenyra Camargo Fracarolli” (Rio Claro) e também na Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (Unesp) do campus de Rio Claro e de Franca.

**CAPÍTULO 1**  
**O DESCOMPASSO DE UMA LOCALIDADE**

## 1.1 Origem de Rio Claro

Rio Claro originou-se como local de pouso e parada no caminho para o Oeste do Brasil para aqueles que queriam alcançar as terras de Goiás em busca do ouro. Foi desse modo que ocorreu o desbravamento dos chamados *Sertões de Araraquara*, a oeste da cidade de São Paulo.<sup>20</sup> Porém, com a decadência da mineração, desenvolveu-se, no Brasil, a economia da agricultura baseada na produção de açúcar, que, como o ouro, também visava o mercado externo. Foi nesse cenário que Rio Claro surgiu: um entreposto, palco de um comércio irregular de artigos de primeira necessidade, que atendia a uma população dispersa por uma centena de anos. “Rio Claro passou a ser visto como boca do sertão, pois logo depois dele começava, no planalto, o que os habitantes consideravam como realmente ermo, o Sertão de Araraquara.”<sup>21</sup>

Em 1827 São João Batista do Rio Claro foi elevado à categoria de Capela Curada, originando-se na Sesmaria da família Pereira, único local na região para o pernoite de animais de transporte. No final do século XVIII, a região sofreu um grande movimento de apropriação de terras com a disputa pela concessão de Cartas de sesmarias, grande parte pertencente a famílias influentes, estabelecidas, com suas fazendas, nas regiões de Piracicaba, Itu e Campinas (como é o caso do senador Vergueiro, que já possuía terras na região de Campinas).

A partir da segunda metade do século XIX, a lavoura em Rio Claro deixou de ser a da cana-de-açúcar e passou a ser a do café; também deixou de usar o trabalho escravo, passando a utilizar o trabalho do imigrante europeu. Os fazendeiros investiam parte do capital acumulado nas propriedades em Itu e Campinas na produção em Rio Claro. Em 1852, por exemplo, havia no município dez grandes engenhos de açúcar, nove estabelecimentos de café, e também diversas instalações voltadas para esse “ramo de cultura [o café], que, principiando um, dois e três anos atrás, prometem para o futuro breve grande exportação.”<sup>22</sup>

Em julho de 1847, *Vergueiro & Companhia* (empresa do senador Nicolau de Campos Vergueiro) fundou a primeira colônia agrícola *Vergueiro* na fazenda de *Ibicaba*, localizada nos arredores de Rio Claro; ou seja, a primeira colônia agrícola na fazenda a contratar

---

<sup>20</sup> Vide BILAC. **As elites políticas de Rio Claro**: recrutamento e trajetória, p. 30 e 31.

<sup>21</sup> DEAN, op. cit., p. 21.

<sup>22</sup> FERRAZ, op. cit., p. 39.

imigrantes alemães e suíços para a lavoura cafeeira numa experiência pioneira.<sup>23</sup>

A empresa de Vergueiro lucrava tanto com a “comercialização” de imigrantes como com a cobrança de supostas dívidas que os colonos adquiriam já na sua entrada no Brasil, além dos lucros advindos com a comercialização do café no Porto de Santos. Já em 1840, Vergueiro recebeu, em sua *Fazenda Ibicaba*, 90 famílias camponesas suíças (os primeiros imigrantes contratados para uma colonização particular).

Alemães e suíços advindos dessa intensa imigração passaram, posteriormente, a morar na área urbanizada da cidade, visto que se deslocaram das fazendas produtoras de café da região, em sua maioria, devido ao término de seus contratos agrícolas, com o intuito de desenvolver outras atividades cidadinas. Tais imigrantes acabaram por repaginar as relações sociais desenvolvidas na cidade, pois havia um grande descompasso entre os que chegaram com experiências adquiridas da Revolução Industrial Européia, e os que estavam na região de Rio Claro que possuíam mentalidade conservadora.

Os evangélicos luteranos, de origem alemã e da Suíça Oriental,<sup>24</sup> que vieram para o Brasil a partir de 1840, localizaram-se no interior do Estado de São Paulo, em cidades como Campinas e Rio Claro. Muitos eram artífices e comerciantes, advindos de diversas regiões da Alemanha; outros procuravam a zona rural, sendo provenientes da Pomerânia, da Silésia-Holstein e da Suíça. Os pomeranos se instalaram nas redondezas de Pires, próximo à cidade de Limeira; e os que eram originários de Holstein, ficaram, de preferência, na mais antiga colônia de Friburgo no sul do país.<sup>25</sup>

Devido à falta de mão-de-obra escrava (lei de 1850 proibia o tráfico de escravos entre as províncias), Rio Claro passou por uma séria crise de mão-de-obra. “[...] felizmente, porém, no município vizinho foi estabelecida uma colônia (*Ibicaba*), que prosperando, reanimou os ânimos e alguns proprietários já tem seguido aquelle exemplo, e muitos se prepararão com grandes plantações para o mesmo fim”.<sup>26</sup>

A Empresa de Vergueiro, além de trazer colonos para as fazendas de propriedade do próprio Vergueiro, também colocava à disposição dos outros fazendeiros da região a sua “organização empresarial” que contratava os imigrantes, organização esta já estabelecida na Europa há algum tempo. Vergueiro também expandiu esses serviços a outras localidades.

Em 1852, após muitas negociações, foi feito um contrato, de acordo com a lei nº 14, de 19 de julho de 1852, entre o governo provincial e a *Casa Vergueiro*, para a importação de colonos, renovado, posteriormente, em 1856. Por esse contrato, o governo concederia à casa importadora *Vergueiro & Cia* um empréstimo anual de 25 contos de réis, e esta seria obrigada

<sup>23</sup> WITTER, **Ibicaba, uma experiência pioneira**, 1982

<sup>24</sup> Nesse período, alemães e suíços são considerados teutos. Desse modo, torna-se difícil a descrição da origem exata dos imigrantes. Portanto, não se pode afirmar com certeza quais imigrantes eram realmente de origem alemã e quais eram suíços. Assim, procurar-se-á estudar tanto os alemães quanto os suíços na pesquisa.

<sup>25</sup> WILLEMS, **Aculturação dos alemães no Brasil**. 1946

<sup>26</sup> DINIZ, **Rio Claro e o café** – desenvolvimento, apogeu e crise (1850-1900). Rio Claro: Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, UNESP, p. 71.

a importar 1000 colonos por ano, sem contar os menores de idade. Desse montante, a *Casa Vergueiro* poderia reservar 400 para si, distribuindo os restantes pelas fazendas de São Paulo.

A remuneração, nessas colônias, era baseada no resultado das colheitas, no chamado sistema de “parceria”, criado por Vergueiro: “a remuneração era proporcional ao café obtido pela família colona, mas o pagamento do colono dependia da venda do café no mercado”.<sup>27</sup>

Pelo contrato dos parceiros de Ibicaba, por exemplo, o colono recebia uma extensão de cafeeiros para cultura, colheita e melhoramento; participava na proporção da quantidade que colhesse, do trabalho de preparação do café a ser colocado no mercado; devia replantar as clareiras que se fizessem nos cafeeiros. Após a venda do café o fazendeiro receberia metade do lucro líquido e o colono a outra metade. O fazendeiro permitia ao colono tirar de lugares determinados de suas terras os produtos necessários à sua alimentação; o fazendeiro não tinha parte nos gêneros alimentícios que o colono produzisse para o seu consumo, mas recebia metade do preço excedente dos mesmos produtos vendidos. Quanto às dívidas contraídas com o fazendeiro (passagem, sustento nos primeiros tempos) metade no mínimo da renda líquida anual dos colonos seria destinada a compensá-las.<sup>28</sup>

Para a relação das colônias de Parceria, segue quadro abaixo. (ver **QUADRO 1**).

**QUADRO 1 - Relação das colônias de parceria de Rio Claro (1852-1857)**

NOME DA COLÔNIA	NOME DO PROPRIETÁRIO	ANO DE FUNDAÇÃO	OBSERVAÇÕES
Boa Vista	Benedito Antonio de Camargo	1852	“Fundada com 90 colonos, teve depois mais de 200”
Beri	Dr. José Elias Pacheco Jordão	1852	“Fundada com 90 suíços”
Corumbataí	Pe. Manoel Rosa de Carvalho Pinto	1853	“Fundada com 18 colonos, durou pouco mais de 1 ano”
São João do Morro Grande	Ten. Cel. João Ribeiro dos Santos Camargo	1853	“Fundada com 21 portugueses”
São José do Corumbataí	Domingos José da Costa Alves	1854	“Teve cerca de 100 colonos”
Boa Vista (Morro Grande)	Anna Joaquina Nogueira Oliveira	1855	“Fundada com 80 e poucos alemães”
Angélica	Casa Vergueiro & Cia.	1855	“Fundada com 137 alemães e 8 portugueses”
Covetinga	Dr. José Elias Pacheco Jordão	1855	“Fundada com 69 alemães”
Sertão de Araraquara	Domingos José da Costa Xavier	1855	“Fundada com 56 portugueses”
Itaúbia	Inácio Xavier de Negreiros	1857	“fundada com colonos vindos de outras colônias”

**Fonte:** Relatório apresentado ao Dr. Presidente do Estado de São Paulo pelo Dr. Jorge Tibiriçá, Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 4.4.1893 – Rio de Janeiro, Typ. G. Ruizinger & Filho, 1893.

O sistema de remuneração de parceria nas fazendas acabou por fracassar devido ao tratamento dado aos imigrantes, às altas taxas cobradas aos colonos pelos fazendeiros, entre

<sup>27</sup> BEIGUELMAN, 1977, op. cit., p. 63

<sup>28</sup> Idem, p. 62

outros motivos. Os imigrantes europeus não aceitaram facilmente as imposições bastante arbitrárias dos donos das fazendas de café. “E assim é que se cobra, sem mais nem menos, de um pobre imigrante, uma quantia arbitrária e ainda aparece um governo provincial para endossar semelhante abuso.”<sup>29</sup>

Os colonos que emigram, recebendo dinheiro adiantado tornam-se, pois, desde o começo, uma simples propriedade de Vergueiro & Cia. E em virtude do espírito de ganância, para não dizer mais, que anima numerosos senhores de escravos, e também da ausência de direitos em que costumam viver esses colonos na província de São Paulo, só lhes resta conformarem-se com a idéia de que são tratados como simples mercadorias, ou como escravos.<sup>30</sup>

Além de todos esses empecilhos, a maior parte dos trabalhadores alemães e suíços vindos da Europa somente sabia desempenhar funções citadinas (tanoeiros, vidraceiros, alfaiates, carpinteiros e operários de fábrica), não possuindo experiência no trabalho agrícola. Tal característica é principalmente observada na primeira leva de imigração em Rio Claro, que trouxe para o município famílias com saber técnico da Europa Industrial, muito diferente do possuído por aqueles que já habitavam a região.

Como destaca o escritor Italo Calvino, objeto da atenção do olhar humano a cidade é uma realidade múltipla, apreendida segundo perspectivas várias.<sup>31</sup> Sendo assim, pode ser percebida, entendida e interpretada como um fenômeno mental, físico, social, econômico, instâncias de investigação em muitas ocasiões conciliáveis. No estudo proposto, tal interpretação se dará num cenário de um grande descompasso urbanizador.

Daniel Kidder, pastor metodista que visitou a *Fazenda Ibicaba* durante o seu apogeu, revelou que se surpreendeu ao ver lá carros movendo-se sobre eixos, fabricados na própria fazenda por suíços, pois que até então somente via em uso na localidade carros de boi de eixo fixo.<sup>32</sup>

Por falta de agentes apropriados na Europa, para cuidarem com interesse de tal assunto, sucederia que os colonos, em vez de serem homens aptos para a lavoura, seriam artistas, mecânicos e até literatos, e que por tal razão ou não se sujeitam aos trabalhos da lavoura ou permanecem mesmo nas fazendas, porém somente para darem prejuízo aos fazendeiros, em vez de proporcionar-lhes lucros (...)<sup>33</sup>

Em 1852, a *Fazenda Ibicaba* tinha 339 colonos, de maioria germânica, seguida por portugueses, brasileiros e espanhóis. Dentre as 48 famílias germânicas, 25 delas desenvolviam outras funções (sapateiros: 6; alfaiates: 6; pedreiros: 5; carneiros: 2; caldeireiros: 1;

<sup>29</sup> DAVATZ. **Memórias de um colono no Brasil (1850)**. Tradução, prefácio e notas: HOLANDA, p. 87.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 86

<sup>31</sup> CALVINO. **Cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>32</sup> KIDDER. **Reminiscências de viagem e permanência no Brasil**: Rio de Janeiro e São Paulo. 1 ed, 1943.

<sup>33</sup> Correio Paulistano, 10 de abril de 1874 apud BEIGUELMAN, 1977, op. cit., p. 68

ferreiros: 1; barbeiros: 1; carapinas: 1; marceneiros: 1; tanoeiros: 1).<sup>34</sup> Em 1856, segundo Thomas Davatz, Rio Claro contava com 6 colônias produtoras de café, com um contingente de 538 imigrantes, sendo mais da metade de origem alemã ou suíça.

Esse tipo de força de trabalho (“parceria”) gerou queixas, conflitos e desentendimentos que culminaram com a Revolta de *Ibicaba*, em 24 de dezembro de 1856, na cidade de Rio Claro, que contou com o apoio de colonos das fazendas vizinhas, inclusive da *Fazenda Angélica*, de propriedade de Vergueiro & Cia. Se, por um lado, os trabalhadores colonos não satisfaziam as exigências do trabalho, os donos da Fazenda também não cumpriam as cláusulas contratuais dos trabalhadores, que ficavam em situações desfavoráveis. Enfim, tudo conspirava a favor de uma esfera de conflitos e desajustes entre imigrantes e população local.

A Câmara Municipal de Rio Claro solicitou forças policiais para evitar que tal movimento se disseminasse para além daquela colônia (Ibicaba). Também na Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo a *Revolta de Ibicaba* foi assunto de amplos debates. A revolta gerou várias conseqüências, sendo a mais importante a mudança dos contratos de trabalho dos imigrantes. Logo, parte desses imigrantes dirigiu-se para a parte urbana da cidade de Rio Claro.

O sistema de parcerias, por fim, foi substituído pelo de locação de serviços, em que os colonos recebiam um pagamento mensal fixo, previamente combinado, e terras para plantio de subsistência. Em 1860, apenas 29 colônias ainda mantinham o sistema de parceria que, posteriormente, foi abandonado. O fracasso do sistema de parcerias acabou com as correntes migratórias alemãs e suíças, o que agravou ainda mais a falta de mão-de-obra.

Em 1860 foi nomeado Ministro pelo governo o Barão Tiago Von Tschudi que, desde 1857, encontrava-se no Brasil. A ele coube fazer um levantamento dos problemas da imigração suíça no Brasil. Tschudi visitou fazendas na Província de São Paulo, esteve em Rio Claro em visita na *Fazenda Angélica* quando alegou que, no local, “vivem bem os colonos, que se mostram muito mais satisfeitos, isto porque a situação lá é muito mais regular sendo o posto de administrador ocupado por um homem humano e justo”.<sup>35</sup>

Além da *Angélica*, Tschudi visitou as colônias de *Beri e Calvatinga* que contavam com 18 famílias suíças e algumas poucas germânicas, que sofriam com as imposições do dono das Fazendas, Dr. José Elias Pacheco. Contra Pacheco foi aberta uma sindicância que depunha acerca da barbaridade no tratamento aos colonos contratados, incluindo a contratação de menores. No final do inquérito, conclui-se ser procedente a acusação.

<sup>34</sup> Mapa dos colonos existentes na *Fazenda Ibicaba*. *Annaes (1852-1853)*, p. 202, Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro.

<sup>35</sup> VON TSCHUDI. *Viagem a Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo, 1954, p. 182.

Em 1872, repetimos, os alemães eram 50% da população estrangeira em Rio Claro. Em 1873, no âmbito das indústrias da cidade de Rio Claro, havia 74 brasileiros trabalhando no setor, 31 portugueses, 37 alemães, italianos e de outras nacionalidades. Tais atividades advinham de um conhecimento “moderno” adquirido na Europa Industrial e que na região de Rio Claro ainda não eram desenvolvidas por muitos.<sup>36</sup> Como todas as atividades comerciais/industriais pressupunham relacionamentos, as mesmas acabaram incentivando os imigrantes a buscar novos laços, como as associações na Igreja, na Associação de Ginástica, na Escola.

A forma de organizar a imigração foi refeita. Ficaram a cargo do governo todas as despesas com a mesma; os novos imigrantes, sobretudo, italianos, foram trazidos com todas as contas pagas, e colocados à disposição dos fazendeiros, com os quais assinavam contratos de serviços e não mais contratos de parceria, como idealizou Nicolau de Campos Vergueiro. Rio Claro recebeu então uma nova leva de imigrantes, advindos predominantemente da região norte e sul da Itália. Em 1891, foram transportados pela linha férrea de Rio Claro mais de 6.000 imigrantes, e, em 1895, este total ascendeu para 21.281. Tal imigração foi influenciada pela crise econômica que a Itália enfrentava no período; pelas vantagens oferecidas pela província de São Paulo; e também devido ao declínio econômico dos Estados Unidos e da Argentina, locais prioritários de destino do imigrante italiano.<sup>37</sup>

Uma acelerada urbanização aglutina mercados, povos adventícios de variadas línguas e etnias invadem todos os espaços, com o predomínio em terras paulistas dos inconfundíveis sotaques dos dialetos falados na bota peninsular. Aqui imigrantes eram derramados nos principais portos, se bem com menos ímpeto que na década anterior, já que seu fluxo anual fora reduzido pela metade [...] <sup>38</sup>

Também nessa segunda leva migratória, nem todos os imigrantes eram agricultores; muitos se dedicavam a atividades artesanais e/ou liberais, ocasionando novamente um grande êxodo das fazendas, fazendo com que muitos passassem a residir na cidade de Rio Claro. Nas próprias fazendas, os imigrantes europeus não desempenhavam somente funções agrícolas, eram também cocheiros, pedreiros, carpinteiros, entre outros.

Os conflitos entre trabalhadores imigrantes e fazendeiros continuaram, e tal situação repercutiu nos jornais italianos da época. Em Rio Claro, o jornal *La liberta* foi fundado com a intenção de defender os direitos dos imigrantes. A mão-de-obra nacional passou a ser

<sup>36</sup> **Almanak de São João do Rio Claro para 1873**/ organizado por Thomaz Carlos de Molina; publicado por José Maria Lisboa. SP: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial do Estado, 1981.

<sup>37</sup> GRAHAM. **Migração estrangeira e a questão da oferta de mão-de-obra no crescimento econômico brasileiro – 1880-1930**, p. 30-32.

<sup>38</sup> DOIN, 2001, op. cit., p. 212.

valorizada e o jornal *Diário do Rio Claro* começou a publicar anúncios sobre procura de mão-de-obra para a lavoura, tendo como preferência os nacionais, visto que a estrutura cultural dos imigrantes acabava por afastá-los da agricultura e aproximá-los das atividades citadinas.

Em São Paulo não houve o desejo de se fazer uma política migratória de colonização para o povoamento de terras, mas sim uma política visando a substituição do braço escravo pelo “trabalhador livre” europeu, com o intuito de obter lucros, já que os custos operacionais da mão-de-obra escrava não eram mais viáveis para a produção cafeeira. Porém, tais elementos estrangeiros não se adaptaram à situação proposta no local, e acabaram desenvolvendo atividades diferenciadas. Enfatizamos que o *habitus* e a cultura local não eram vistas com bons olhos pelos imigrantes europeus, o que acabou fazendo com que eles mesmos criassem espaços de solidariedade na sociedade rio-clarense, a fim de interagirem e se protegerem, visto que eram considerados pelos nativos como os “estranhos” da localidade.

Assim, os alemães fundaram a Igreja Luterana, a Associação de Ginástica, a Associação do Cemitério Alemão, a Escola Alemã, entre outras, para estabelecer laços de sociabilidades primárias e secundárias na nova localidade em que passaram a residir e desenvolver atividades profissionais liberais.

Em 1887, os alemães na província de São Paulo eram cerca de 15.000. Ao abandonarem a lida nas fazendas em Rio Claro, os alemães aglutinaram-se ao lado da vila férrea, originando a Vila Alemã. Parte dos alemães e suíços de *Ibicaba* foi levada por Teófilo Otoni para o Vale do Mucuri, em Minas Gerais, mas lá também não se adaptaram à agricultura.

Sob a influência da imigração alemã, Rio Claro conheceu o uso do trole para o transporte, substituindo os carros de bois: houve mais rapidez nas comunicações com as cidades vizinhas. Os alemães também atuavam em inúmeras profissões, tais como tanoeiros, mecânicos, ferreiros, além de padeiros, estalajadeiros, carpinteiros e marceneiros; enfim, possuíam um “saber-fazer”<sup>39</sup> desses instrumentos modernos da área mecânica.

Em 1871, o *London and Brazilian Bank* adquiriu da firma *Vergueiro & Cia*, em falência, a *Fazenda Angélica*. Em 1880 a fazenda dividida foi comercializada: a “crise do café” já começava em Rio Claro;<sup>40</sup> e em 1892 já existiam 16 proprietários de terras de origem germânica, que adquiriam as fazendas em decadência, entre eles Fritz, Heiderich, Helsdorf, Kappel, Schimidt e Drysbach. Nesse período as pequenas fazendas desmembradas, adquiridas posteriormente por imigrantes europeus na região, produziam menos que as grandes

---

<sup>39</sup> CERTEAU. *A invenção do cotidiano*, 2000.

<sup>40</sup> DINIZ. 1973, op. cit., p. 64-65.

propriedades rurais; em média 1680 arrobas em 1892, 1784 arrobas em 1895 e 3680 arrobas em 1898. Ou seja, os imigrantes alemães mais uma vez visam ocupar espaços na sociedade que antes somente eram ocupados pelos originários do local.

Enfim, tais pequenas lavouras propiciaram uma certa ascensão social dos imigrantes que se dedicaram ao café: além de desenvolverem o urbano, tais imigrantes também passaram a ser proprietários, e não mais colonos das fazendas cafeeiras – os imigrantes não pouparam esforços para adquirir bens e mudar de condição de vida.

## 1.2 Cafeicultura como catalisadora da imigração e modernização

Rio Claro no período de 1850 a 1890 sofreu grandes mudanças ao substituir o cultivo da cana-de-açúcar pelo do café, e o escravo negro pelo trabalhador imigrante. Os empresários do café se autodesignavam com uma *missão civilizatória*, pois além de modificar o trabalho escravo pelo do imigrante conseguiam expandir a rede ferroviária, associavam-se na fundação de cidades e também no desenvolvimento de melhorias urbanas, enfim, todas modificações ditas civilizatórias.<sup>41</sup>

O local se firmou como centro urbano desenvolvido da economia cafeeira. Como cidade, Rio Claro originou-se na doação, por fazendeiros locais, de partes de suas terras, logo seguida da construção de uma capela.<sup>42</sup> Antes da metade do século XIX, a cidade já havia se consolidado economicamente, pois foram introduzidos, no local, vários melhoramentos urbanos significativos, antes mesmo dos trilhos da ferrovia chegarem ao município.

Em 1852, Vergueiro levou para *Ibicaba* cerca de 80 famílias de imigrantes alemães, como mão-de-obra para a cafeicultura. Outros fazendeiros seguiram essa iniciativa, e em 1885, formaram-se três núcleos coloniais em Rio Claro, totalizando 445 pessoas. Já em 1886, por exemplo, a cidade foi classificada como a terceira maior produtora de café da província.

Os conflitos que ocorreram nas fazendas que faziam uso do sistema de parceria, a exemplo do conflito em *Ibicaba* (Revolta de *Ibicaba*, ocorrida em 1857)<sup>43</sup>, acabaram por levar ao fracasso de tal sistema, uma vez que houve uma grande insatisfação, por parte dos colonos, no que tange às questões das duras condições do trabalho rural, da inclemência tropical, da alimentação inadequada, da precariedade de assistência médica e espiritual.<sup>44</sup>

<sup>41</sup> ELIAS, **O processo civilizador**, 1994.

<sup>42</sup> FERRAZ, 1922, op. cit., p. 17.

<sup>43</sup> WITTER. **Ibicaba, uma experiência pioneira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1982. *Cap. IV – A Crise do Sistema de Parceria: A revolta de 1857 e suas conseqüências*, p. 39-48 e DAVATZ, 1980, op. cit., passim – A segunda obra foi redigida por um dos mentores e enérgicos participantes da Revolta de *Ibicada*, Thomas Davatz.

<sup>44</sup> Crônica “**A colônia Ibicaba...**”, op. cit., p. 89-90.

Porém, apesar dessa população de imigrantes possuir uma condição de existência precária, ela representou um aumento do mercado consumidor (principalmente após os anos de 1860), pois, nesse período, avolumou-se a corrente migratória para o Brasil, principalmente para São Paulo, sendo esta, em sua maioria, de origem italiana.

Ressalta-se que os colonos também se queixavam das grandes dívidas que contraíam nas fazendas em que trabalhavam, as quais, na maioria das vezes, eram cobradas “ilegalmente”, já que tais cobranças não constavam em seus contratos de trabalho; porém, na prática, os aluguéis das casas dos colonos acabavam sendo cobrados pelos fazendeiros.<sup>45</sup>

Como afirma Von Tschudi, “embora o sistema implantado por Vergueiro tivesse falhado, teve a vantagem de dar vida nova e impulsionar o progresso no triângulo formado por Rio Claro-Campinas e Piracicaba”. Assim, ocorreu a urbanização da cidade de Rio Claro, que somente foi possível devido à existência desses imigrantes na região: “Azevedo Marques revela que Rio Claro muito se beneficiou com a fixação desses elementos, que, vindos de países adiantados, levavam o progresso para onde iam”.<sup>46</sup>

A metade do século XIX marca o começo da maior migração dos povos na História. Seus detalhes exatos mal podem ser medidos, pois as estatísticas oficiais, tais como eram então, são falhas em capturar todos os movimentos de homens e mulheres dentro dos países ou entre estados: o êxodo rural em direção às cidades, a migração entre regiões e de cidade para cidade, o cruzamento de oceanos e a penetração em zonas de fronteiras, todo este fluxo de homens e mulheres movendo-se em todas as direções torna difícil uma especificação.<sup>47</sup>

Já em 1854, São João Batista do Rio Claro contava com 6.564 habitantes – crescimento fruto do progresso das lavouras de cana-de-açúcar e de café. Em 1855, por exemplo, já havia no município 65 fazendas produtoras de café. O aumento populacional do local intensificou suas funções urbanas e, de vila, foi elevada à categoria de cidade em 1857.

Partindo dessas colocações, pode-se dizer que a difusão das concepções modernas<sup>48</sup> esteve presente nas cidades do café e, dentre elas, Rio Claro, que sofreu importantes modificações no cenário urbano financiadas pelos lucros advindos da produção cafeeira e influenciadas também pelo intenso deslocamento dos imigrantes europeus das fazendas

<sup>45</sup> DAVATZ, 1980, op. cit., passim.

<sup>46</sup> Crônica “A colônia Ibicaba...”, op. cit., p. 89 e 90.

<sup>47</sup> HOBBSAWM. **A era do capital: 1848-1875**, 1977, p. 207.

<sup>48</sup> “O café traz consigo os anseios da fantasmagoria do progresso e seus beneficiários estão gulosos dos símbolos da modernidade” DOIN, 2001, op. cit., p. 213, grifo do autor

cafeiras para o pequeno conglomerado urbano em formação.

Fernand Braudel reforça essa colocação assinalando a importância das cidades na era moderna, sua posição central no circuito da vida material e de trocas (na circulação de produtos, bens e capitais financeiros) e seu papel na tensão dos fluxos de capitais, a tendência à hierarquização das redes urbanas, os diferentes papéis assumidos, sua complementaridade. Nas palavras do próprio Braudel:

As cidades são como transformadores elétricos: aumentam as tensões, precipitam as trocas, caldeiam constantemente a vida dos homens. Não nasceram elas da mais antiga, da mais revolucionária divisão do trabalho: os campos de um lado, as chamadas atividades urbanas do outro? (...) A cidade tanto cria a expansão como é criada por ela. Mas o centro é que, mesmo quando não é a cidade a fabricá-la com todas as suas peças, é ela a ditar as leis do jogo. E na cidade este jogo revela-se melhor do que em qualquer outro posto de observação [...] A cidade é corte, ruptura, destino do mundo. Quando surge, portadora da escrita, abre as portas ao que chamamos *história* [...] uma cidade é sempre uma cidade onde quer que se situe, tanto no tempo como no espaço. O que de maneira alguma quer dizer que as cidades sejam todas parecidas. Mas, para além de características diversas, originais, todas falam obrigatoriamente uma mesma linguagem *fundamental*: o diálogo ininterrupto com o campo, necessidade primordial da vida cotidiana; a presença das pessoas, tão indispensável como a água para a roda do moinho; o orgulho cidadão, o desejo de as cidades se distinguirem umas das outras; a sua situação obrigatória no centro de redes de ligações mais ou menos longínquas; a sua articulação com os seus arredores e com outras cidades. Umas senhoras, outras servas ou mesmo escravas, estão ligadas, formam uma hierarquia, na Europa, na China ou em qualquer lugar.<sup>49</sup>

Grandes mudanças como o aumento da imigração européia, a mudança do conceito da concepção do uso da terra,<sup>50</sup> o uso de máquinas e a construção das ferrovias, estavam relacionadas com um projeto moderno<sup>51</sup> “[...] a distribuição dos homens do campo através do globo não pode ser negligenciada, é, contudo, menos surpreendente do que o êxodo da agricultura. Migração e urbanização andavam juntas [...]”<sup>52</sup>

É preciso salientar que a economia cafeeira envolvia múltiplas ações no plano internacional, seja no domínio financeiro, seja na comercialização, seja na importação de insumos e máquinas, seja na warrantagem, seja na propaganda do produto nas principais praças, seja nos armazéns espalhados pela Europa e Estados Unidos. Como se não bastasse, movia ainda a importação de mão-de-obra, as negociações perenes e cotidianas, o desenvolvimento de um sistema de escoamento

<sup>49</sup> BRAUDEL. **Civilização material, economia e capitalismo**: séculos XV-XVIII. v. 1 (As Estruturas do Cotidiano: o possível e o impossível), 1998, p.439. Seguindo esse mesmo raciocínio Arrighi identifica quatro longos ciclos sistêmicos de acumulação de capital desde o século XV, correspondendo cada um respectivamente a um centro-mundo urbano hegemônico: Genova, Amsterdã, Londres e Nova Iorque. ARRIGHI. **O longo século XX**: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo, 1996, p.1-20.

<sup>50</sup> Na nobreza terratenente a terra era a base do *status* e o símbolo da aristocracia, depois passou a ser vista como um meio de produção.

<sup>51</sup> FREITAS. **Os signos da modernidade nos cafezais**. São Paulo: Tese (Doutorado em Artes Plásticas), Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1994, passim

<sup>52</sup> HOBBSAWM, 1977, op. cit., p. 209. O que ocorre nesse contexto, na verdade, é um nomadismo, ou seja, uma ocupação do espaço ecúmeno.

ferroviário, a modernização portuária, a implantação de técnicas modernizadoras. Além disso, também tornava possível a importação e transmigração de hábitos, habilidades, refinamentos, moda, estilos arquitetônicos, materiais nobres de construção, entretenimento, companhias de vaudeville, operísticas, orquestras, entre outros. Enfim, por meio da riqueza, das necessidades, das oportunidades ou dos gostos, o fato é que o coffee business aproximava o Brasil dos demais países do mundo, intensificando o processo de mundialização.<sup>53</sup>

Para Marshal Berman<sup>54</sup>, a modernidade é um tipo de experiência vital, expressa dentro de um tempo-espaço, onde forças dialéticas se inter-relacionam. Já a modernização, para ele, caracteriza-se por ser as transformações sócio-econômicas operadas na sociedade, principalmente, a partir do século XIX, caso do crescimento urbano, da industrialização da produção e dos sistemas de comunicação de massa, entre outros, tais características também presentes em Rio Claro na época estudada.

Verificou-se, também, no local, uma mudança importante: os imigrantes influenciaram, inclusive, os hábitos alimentares da população local, quer na zona rural, quer no pequeno aglomerado que ganhava, gradativamente, feições e características urbanas. Isso tudo ocorre pois mesmo uma comunidade etnicamente homogênea numa localidade adotiva não impede, por vezes, a incorporação compulsória de valores culturais estranhos. Diferenças, por exemplo, do meio físico não admitem a utilização, pelos imigrantes, de uma boa parte das experiências acumuladas no país de origem. Logo, padrões de habitação, de vestuário, de alimentação, de trabalho, de locomoção, de recreação e outros têm de ser modificadas.

Von Tschudi assinalou que, antes da chegada dos colonos teutos, os paulistas do interior se limitavam ao consumo do trivial, como arroz, feijão, farinha, carne de

<sup>53</sup> Fragmento extraído de projeto de grupo temático “**A Belle Époque Caipira: modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852/1930)**” apresentado pelo CEMUMC - Centro de Estudos da Modernidade e Urbanização do Mundo do Café – e entregue a FAPESP em caráter de parecer, p. 18, grifo do autor

<sup>54</sup> Ao que nos parece, a crítica contida no livro de Berman diz respeito às reflexões que, ceticamente, tomaram conta do cenário intelectual a partir da segunda metade do século XX. Segundo Berman, essas críticas teriam de certa maneira provocado uma espécie de “ontologização da modernidade”, ou seja, transformado-a numa entidade que está dissociada do homem e de sua ação. Pontuando que a modernidade é a relação dialética entre modernização e modernismo, isto é, entre as modificações sócio-econômicas e tecnológicas e a discussão, favorável ou não, sobre seu impacto, por parte dos homens, Berman procura combater este ceticismo. BERMAN. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a experiência da modernidade**, 1998, p.15/36.

porco e tocinho, alimentação totalmente pouco adequada ao clima tropical. Os alemães enriqueceram esse invariável cardápio adicionando hortaliças, manteiga fresca, mel de abelhas, queijo, frutas e laticínios.<sup>55</sup>

Em 1873 era grande o número de famílias alemãs na região que deixavam a zona rural para se dedicarem àquelas atividades a que estavam acostumadas na Europa, como o trabalho em oficinas de consertos e pequenas indústrias; exerciam também a função de “alugadores de carros”. Para substituir a mão-de-obra agrícola alemã e suíça, em 1880 começaram a chegar na região de Rio Claro grandes levas de imigrantes italianos para a lida no campo, como já mencionado anteriormente.

### **1.3 As associações urbanas de Rio Claro: solidariedade em prol de melhorias urbanas – Ferrovia e *Sociedade do Bem Commum***

Fluxos e tensões marcaram a modernização de São Paulo, a exemplo das urbes interligadas por uma extensa malha de estradas ferroviárias (Mogiana, Paulista, Sorocabana e outras) que convergiam para a linha-tronco da *São Paulo Railway* até o porto de Santos. O plano urbanístico e espacial dessas cidades do café amoldou-se a esse moderno sistema de transporte. As sacas de café eram enviadas aos comissários e exportadores. No retorno do trem, vinha um intenso movimento de mão-de-obra imigrante, do qual uma grande parcela acabava se fixando nos pequenos núcleos, dinamizando as atividades urbanas, o comércio e o setor de serviços, acelerando ainda mais o processo de modernização em Rio Claro.

Porém, o transporte do café de Rio Claro para São Paulo e também para o porto de Santos era feito, inicialmente, em lombo de mulas que levavam, às vezes, até uma semana para completarem os percursos. Essa demora encarecia muito os produtos e afetava a economia do município, ainda mais no período das chuvas, quando as estradas de rodagem tornavam-se intransitáveis. Assim, almejava-se a expansão da linha férrea de Campinas até Rio Claro, visando facilitar e baratear o transporte do café até o porto de Santos, local onde este produto era negociado e vendido para outros países.

Em 1826, o senador Nicolau de Campos Vergueiro escreveu à Corte aconselhando a abertura de caminho da cidade atual de Araraquara à Fazenda Angélica, hoje pertencente ao distrito de Ajapi, município de Rio Claro. Em 1836, a questão da abertura de estradas na

<sup>55</sup> Crônica “A colônia Ibicaba...”, op. cit., p. 89-90

região de Rio Claro, ainda não resolvida, voltou à tona, com nova carta escrita pelo senador ao governo central.<sup>56</sup> Tal atitude obteve resultado, e levou Estevam Cardoso de Negreiros, subprefeito, de realizar tal obra nos arredores da “freguesia” de São João do Rio Claro.<sup>57</sup>

Uma agremiação liberal fundada na década de 1830, intitulada *Sociedade do Bem Commum*, também rendeu grandes frutos à modernização dos espaços públicos de Rio Claro. Em 1832, na casa de Estevam Cardoso de Negreiros, nasceu a *Sociedade do Bem Commum*. Tal sociedade cuidou, em primeiro lugar, da construção da Igreja Matriz Católica (entre outras obras públicas), pois queriam garantir o vínculo da elite local com o poder religioso,<sup>58</sup> bastante consolidado na época, e visava também promover os bons costumes e a educação da mocidade. Enfim, tal organização queria dirigir os destinos da povoação.

Terrenos doados por Manoel Paes de Arruda foram utilizados para a construção da *Igreja Matriz Católica São João Batista* e do Pátio da Matriz (Praça da Liberdade). Nessa obra, a *Sociedade* acabou por implantar um sistema de ruas espanhol: foram feitos blocos quadrados com terrenos vendidos à população, e as ruas entre os blocos foram denominadas numericamente: Primeira Rua (atual avenida 1); Segunda Rua (atual avenida 2); Terceira Rua (atual avenida 3); e assim por diante. Obras como o alargamento do cemitério público, assunto discutido em sessão já em 1832, foram de autoria da *Sociedade do Bem Commum*.<sup>59</sup>

Essa sociedade era uma instância do poder local, já que não havia instituições oficiais, como uma Câmara de Vereadores. Tal sociedade desapareceu em 1839. Em 1845, Rio Claro foi elevada de freguesia a vila, o que lhe garantiu uma Câmara Municipal – os mesmos nomes que dominaram a *Sociedade do Bem Commum* participaram da administração pública, entre eles José Estanislau de Oliveira, dono da *Fazenda São José*; Antonio Paes de Barros (Barão de Piracicaba), dono das *Fazendas São João e Santo Antonio*; e Nicolau Vergueiro, proprietário das *Fazendas Angélica e Ibicaba*,<sup>60</sup> todos os três com influências na Corte, e se transformaram nos intermediários da população local junto aos governos estadual.

Enquanto Rio Claro almejava ter uma linha férrea, desde agosto de 1872 Campinas já possuía estrada de ferro, ligando-a a Jundiaí e a São Paulo, construída pela *Companhia Paulista*. Na década de 1870 surgiu o primeiro lance ferroviário do país, e também se iniciou

---

<sup>56</sup> BERMAN, 1997, op. cit., p. 24 e 25.

<sup>57</sup> FERRAZ, 1922, op. cit., p. 14 e 15.

<sup>58</sup> BILAC, 2001, op. cit., p. 43.

<sup>59</sup> Não existe, no Arquivo Municipal, o livro de atas das sessões da *Sociedade do Bem Commum*. Sendo assim, tais informações foram obtidas no livro FERRAZ, 1922, op. cit., passim, em péssimo estado de conservação; existindo, além desse exemplar, apenas uma “cópia micro filmada” pertencente à Unicamp (Universidade de Campinas).

<sup>60</sup> BILAC, 2001, op. cit., p. 47.

sua expansão. Tal rede ferroviária teve a feição e a medida das conveniências e aspirações das localidades imediatamente interessadas e na proporção dos seus meios de ação.

Visando trazer a ferrovia para a cidade, a câmara de Rio Claro recorreu aos acionistas da *Companhia Paulista* (Visconde do Rio Claro, Conde do Pinhal e Barão do Piracicaba) para que, junto à direção da *Companhia de Estradas de Ferro* e junto ao governo da Província, conseguissem trazer até Rio Claro a linha férrea. Em 1874 iniciou-se o prolongamento da ferrovia, chegando à região em 11 de agosto de 1876 – obra idealizada pela *Companhia Paulista*, que ganhou a concorrência, tendo a visita de Dom Pedro II na inauguração. Assim, a região de Rio Claro ficou conhecida como a “ponta do trilho”.<sup>62</sup>

Grandes garantias foram concedidas aos interesses agrícolas e gerais de todos os que se utilizassem do novo trecho da ferrovia, que recebeu o nome de “*Companhia Rio Claro*”. Em 1877, a *Companhia Rio Claro* estendeu-se até Araras, Leme e Pirassununga, partindo de Cordeirópolis. Devido à chegada das estradas de ferro nas cidades interioranas produtoras de café, a imigração incrementou-se paralelamente ao desenvolvimento das mesmas: à *Companhia Paulista* cabia a iniciativa de transportar nas linhas férreas do Estado, gratuitamente, os imigrantes e suas bagagens. Nos trinta e cinco anos decorridos desde 1882 até 1917, tinha a *Companhia Paulista* dado passagem em seus trens a 700.765 imigrantes.

Até 1884, Rio Claro era a ponta do trilho<sup>63</sup>, o que permitiu um maior desenvolvimento da região, pois pôde escoar a produção cafeeira até o porto de Santos e, por outra mão, também trouxe, mais facilmente, os imigrantes para o município. Houve a ampliação do comércio de bens que antes não chegavam ali.

Em 1879 iniciaram-se os estudos para a construção da linha férrea Rio Claro-São Carlos. A *Empresa Barão do Pinhal & Cia*, empreendimento rio-clarense, levou a ferrovia à São Carlos (1883); à Araraquara (1885); e à Jaú (1887). A ferrovia foi vendida para uma Companhia Inglesa, passando a se chamar “*The Rio Claro São Paulo Railway Company*”, que construiu ramais de São Carlos à Santa Eudóxia e à Ribeirão Bonito, e prolongou o tronco de Araraquara à Jaboticabal. Em 1892, a *Companhia Paulista* adquiriu a *Companhia Rio-Clarense*, e terminou os trechos iniciados pelos ingleses, levando-a até a cidade de Jaú.

---

<sup>62</sup> SANTOS. **Rio Claro**: uma cidade em transformação (1850-1906), 2002, passim

<sup>63</sup> Idem, p. 108-110.

O grande impulso modernizador veio para o município quando este deixou de ser a ponta do trilho e passou a ter condição de estação intermediária. Nessa nova condição, ou seja, Rio Claro como o ponto final dos trilhos de bitola larga, a cidade passou a concentrar todo o movimento de baldeação, que posteriormente se tornaram as oficinas da *Companhia Paulista de Estrada de Ferro* e que acabaram por gerar vários postos de trabalho, os quais foram ocupados, em sua maioria, pelos imigrantes europeus.<sup>64</sup>

Em função de tais estações ferroviárias, instalou-se na região o pessoal da manutenção e administração das linhas férreas (*Oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro*), o que acabou por originar diversos bairros e vilas em Rio Claro e abriu espaço para o desenvolvimento de atividades não agrícolas no município. Tais oficinas eram especializadas na produção de vagões (1892), que geraram cerca de 2.000 novos empregos que, juntamente com outras indústrias de menor porte, acabaram por gerar uma demanda de bens e serviços diversificados, impulsionando, sobretudo, a vida urbana. Em 1914, com a chegada da bitola larga em São Carlos, foi para lá transferida essa seção de manutenção.

A ferrovia proporcionou um maior contato entre o interior e a capital, que modernizou o consumo, serviços e empregos; e também intensificou os contatos intramunicipais (rural-rural e rural-urbano).

À atividade cafeeira estão vinculados dois importantes elementos da História de São Paulo: a *colonização*, por meio de trabalhadores livres europeus, e a *estrada de ferro*. Esta nasceu intimamente ligada ao café, pois os seus promotores, quer no Rio de Janeiro, quer em São Paulo e mesmo em outras regiões, foram fazendeiros, e toda rede ferroviária, com raras exceções, foi construída em função da cultura cafeeira.<sup>65</sup>

Diferentemente do que aconteceu em outras regiões do Brasil à época, observa-se que além do capital acumulado pelos imigrantes, os próprios fazendeiros aplicavam parte de seus lucros nas indústrias em formação, a exemplo da compra da estrada de ferro, metalúrgicas e fábricas de cerveja, que eram as maiores indústrias da época na região.

O *Almanak de São João do Rio Claro para 1873* assinala, para o ano, a existência de:

7 capitalistas, aproximadamente 500 proprietários, 78 fazendeiros, 34 lavradores, 34 lavradores de algodão e de açúcar, 18 comerciais ou lojas de tecidos, 8 de ferragens, 64 armazéns de secos e molhados, 8 armazéns e depósitos de gênero de terra e igual número de casas de Importação e Exportação, além de 35 depósitos de açúcar, cal, trigo, madeira e calçados [...] (e na classificação de Indústrias, Artes e Ofícios) entre outros, 14 alfaiates, 8 carros de passeios e viagens, 3 funerárias, 7 açougues, 2 barbeiros, 3 caldeiros, 25 carpinteiros, 3 carroceiros, 3 casas de saúde, 4 cigarreiros, 10 costureiras, 6 depósitos de chapéus, 5 ferradores.

<sup>64</sup> Idem, p. 111-150.

<sup>65</sup> MATOS, 1974, op. cit., passim.

Outros avanços na urbanização da cidade de Rio Claro podem ser percebidos: a adoção de luz elétrica para a iluminação da cidade, a partir de 15 de novembro de 1895. Também no mesmo ano a cidade ganhou um reservatório de água; e, em 1902, o serviço de esgoto. O gabinete de leitura (hoje a *Biblioteca Pública Municipal “Lenyra Camargo Fracarolli”*) foi construído em 1876: mais uma obra modernizadora.

A Igreja Presbiteriana e a Luterana (1883) foram instauradas na cidade com o intuito de agregar os imigrantes, que não possuíam um local para expressar sua fé. Estes eram locais de solidariedade dos imigrantes que aqui chegavam, pois conseguiam se reunir e conservar sua cultura na localidade, visto que não possuíam outros locais para conservarem seus costumes e também “se protegerem” do ambiente local que não era muito hospitaleiro ao estrangeiro.

Em 15 de maio de 1863, por influência de fazendeiros de café, como o dr. José Elias Pacheco Jordão, iniciou-se a construção de um teatro na cidade de Rio Claro. Em 20 de janeiro de 1864, em frente ao jardim público da cidade, o *Teatro São João* (depois *Teatro Phenix*) foi inaugurado. Muitas companhias importantes apresentaram-se no local, entre elas a *Grande Companhia de Ópera* de Luiz Braga Junior e a orquestra sob a regência do maestro Gomes Cardim. No período poucas eram as cidade interioranas que possuíam um teatro a disposição da população naquele período (Mogi Mirim, Itu, Taubaté e Campinas, apenas).

O *Teatro São João* foi o primeiro da Província de São Paulo, somente posterior à inauguração do *Teatro São José*, da cidade de São Paulo. Nele, apresentaram-se inúmeros conjuntos nacionais e estrangeiros em sessões de magna importância política e social.

Assim, devido a essas modificações e investimentos na localidade de Rio Claro, podemos perceber as grandes mudanças situacionais ocorridas na localidade, ou seja, as modificações ocorridas na região impulsionadas pelo negócio cafeeiro mudaram os panoramas das relações sociais no local, o que torna o estudo sobre os imigrantes europeus que ali chegaram bastante importante para o entendimento dessa rede. Nessa nova realidade, o imigrante (o diferente) adentra nesse ambiente, modificando as relações sociais. Essa nova situação será melhor apresentada nos capítulos subseqüentes.

## **CAPÍTULO 2**

### **A IMIGRAÇÃO EUROPÉIA EM RIO CLARO**

#### **2.1 As características da imigração europeia em Rio Claro (séculos XIX e XX)**

A expansão cafeeira foi responsável pelo volume que acabou por assumir a imigração internacional em direção ao Estado de São Paulo nas últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX. No contexto de uma discussão sobre as modalidades do

processo de urbanização no interior paulista durante o auge do período cafeeiro, destaca-se a afirmação de que a imigração imprimiu às cidades do café, a exemplo de Rio Claro, uma qualidade diferenciada, ou seja, uma multiplicidade de bens e serviços cuja oferta dependia de um “saber-fazer”<sup>66</sup> específico dos imigrantes europeus aportados nos municípios paulistas. Nesse contexto, ressalta-se a presença maciça da primeira geração de imigrantes formada por alemães e suíços no meio urbano rio-clarense, contrariando, de certa maneira, os planos e os objetivos da política oficial de São Paulo de importar a mão-de-obra estrangeira apenas para as atividades agrícolas. O capital das pequenas unidades artesanais/industriais (maioria absoluta no total de estabelecimentos existentes) era, fundamentalmente, dos imigrantes.<sup>67</sup> Assim, destacavam-se, nas atividades de fundição de metais, na fabricação de máquinas, carros, charretes e na carpintaria, os imigrantes de origem alemã. Os italianos se sobressaíam na produção do couro e no ramo do comércio.

Neste sentido, a cidade tornar-se-ia o “lócus” forjador de um imaginário urbano singular<sup>68</sup> - baseado na tríade café/ferrovia/imigração - que rapidamente esfumava identidades sociais e/ou étnicas, modificava a paisagem urbana e arquitetônica, de forma a imprimir uma vida cotidiana em seus habitantes marcadamente ambígua.<sup>69</sup>

Muitos imigrantes em Rio Claro começaram a desenvolver outros tipos de atividades nas próprias fazendas como seleiros, tanoeiros, pedreiros, ferreiros etc. – ofícios diferenciados, mas que apenas se desenvolveriam com a criação e o crescimento dos núcleos urbanos pelo interior.<sup>70</sup> Também houve casos de imigrantes que foram “liberados” pelos fazendeiros, e passaram a conduzir pequenos negócios na cidade de Rio Claro, além de um número reduzido de imigrantes que conseguiram comprar lotes de terras.<sup>70</sup> Segundo Thomas Davatz,

(...) 87 pretensos lavradores europeus contratados para os estabelecimentos de parceria em São Paulo, dos quais apenas 13 se tinham dedicado a atividades

<sup>66</sup> Sobre as atividades e práticas inseridas pelos imigrantes no cotidiano urbano em Rio Claro utilizar-se-á as contribuições teórico-metodológicas de: CERTEAU. de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Trad. Ephraim F. Alves. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

<sup>67</sup> O Catálogo as Indústrias Paulistas para o Interior do Estado de São Paulo e os Róis de Imposto de Indústria e Profissões de Rio Claro (Prefeitura Municipal) registram, para o início do século, em Rio Claro, firmas e empresas com nomes de proprietários que muitas vezes se repetem de forma constante, em sua maioria de origem imigrante: Augusto Schmidt Filho, Caetano Castelano, família Timoni, Bruno Mayer, família Hofling, família Fscher, Francisco Cartolano, viúva Júlia Meyer, Conrado Krettlis, Guilherme Leonardo Sobrinho, João B. de Castro, Alberto Mamprin.

<sup>68</sup> CALVINO. **As cidades invisíveis**. São Paulo, Companhia das letras, 12ª reimpressão, 1999, p. 150.

<sup>69</sup> DOIN. **Olhar, desejo e paixão: lazeres e prazeres nas terras do café (1864-1930)**. ArtCultura, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, NEHAC, nº. 2, vol. 1, 2000, p. 46.

<sup>70</sup> BRIOSCHI. Fazendas de criar. In: BACELLAR, C. de A. P. & BRIOSCHI, L. R. (orgs.). **Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999, p. 74.

<sup>70</sup> DEAN, 1977, op. cit. p. 98.

agrícolas em suas terras de origem. Dos restantes, 42 eram operários de fábricas, 6 sapateiros, 4 carpinteiros, 9 alfaiates, 3 soldados, 2 pedreiros, 2 terreiros, 2 vidraceiros, 2 tanoeiros, 2 músicos ambulantes, 1 jornalista, 1 confeitiro, 1 pintor, 1 serrador e 1 mestre escola.<sup>71</sup>

A cidade de Rio Claro conseguiu, já no ano de 1886, um alto desenvolvimento econômico, visto que foi responsável pela produção de 9.000.000 quilos de café, sendo a terceira maior produção da província de São Paulo, segundo relatório apresentado ao Presidente da Província no mesmo ano.<sup>72</sup> Nesse período, a imigração na cidade foi predominantemente familiar e com forte predominância de suíços-alemães (ao menos durante o início do século XX).<sup>73</sup> Os portugueses eram a segunda nacionalidade com mais imigrantes no município após os alemães<sup>74</sup> (ver **TABELA 2**).

Acresce que o pauperismo reinante em certas localidades européias levava muitas autoridades da Alemanha e da Suíça a estimular a emigração de elementos que se tornavam onerosos às administrações municipais. Várias municipalidades prontificaram-se mesmo a colaborar com os agentes de emigração adiantando ao emigrante as somas necessárias à passagem e sustento. É claro que isso podia prometer tudo aos nossos fazendeiros menos os homens ativos, morigerados e ordenados de que tanto careciam eles. Entre os colons enviados a São Paulo por intermédio da Casa Vergueiro figuravam, segundo o testemunho insuspeito do D. Heusser, não só antigos soldados, egressos das penitenciárias, vagabundos de toda espécie, como ainda octogenários, aleijados, cegos e idiotas[...]<sup>75</sup>

**TABELA 2 Nacionalidade dos imigrantes nas colônias de parceria das fazendas cafeeiras de Rio Claro (1857)**

COLÔNIAS	BRASIL FAM. IND.	ALEMÃES FAM. IND.	SUÍÇOS ALEMÃES FAM. IND.	PORTUG. FAM. IND.	BELGAS FAM. IND.	TOTAL FAM. IND.
ANGÉLICA	- -	4 20	28 129	- -	1 4	33 153
BOA VISTA	6 39	4 26	7 28	20 101	- -	37 194
BERI E COVITINGA	6 26	3 15	22 115	- -	- -	31 156
SÃO JOÃO DO MORRO GRANDE	2 14	- -	- -	5 23	- -	7 37
<b>TOTAL</b>	14 79	11 61	57 272	25 124	1 4	108 540

Fonte: Davatz. *Memórias de um Colono no Brasil, 1850*. 1980, p. 38.

<sup>71</sup> DAVATZ, 1980, op. cit., p. 17.

<sup>72</sup> DINIZ, 1973, op. cit., p. 14.

<sup>73</sup> Ao menos durante o início do século XX.

<sup>74</sup> BASSANEZI, 1992, op. cit., p. 40.

<sup>75</sup> HOLANDA. Prefácio in DAVATZ, 1980, op. cit., p. 28 e 29.

Na segunda metade do século XIX (anos 60 e 70), os portugueses continuaram a emigrar da Europa para o Brasil a fim de trabalhar nas fazendas de café. Nesse período, os fazendeiros de café começaram a usar outra modalidade de organização do trabalho na lavoura cafeeira, ou seja, a locação de serviços, empregando, dessa forma, ex-parceiros das fazendas de café e também outros que chegavam à região de Rio Claro <sup>76</sup> (ver **QUADRO 2**).

**QUADRO 2 Relatório do secretário do Estado dos negócios da agricultura, comércio e obras públicas do estado de São Paulo (1893)**

PROPRIEDADE	PROPRIETÁRIO	ANO FUNDAÇÃO	OBSEVAÇÃO
CAFEIRAL	Barão de Porto Feliz	1866	“com alemães, portugueses e brasileiros”
CAFEZAL	Barão de Porto Feliz	1868	“com ex-colonos parceiros”
BOA VISTA	Barão de Porto Feliz	1870	“com alemães, portugueses e brasileiros”
SÃO JOSÉ	Barão de Araraquara	1870	“com 70 colonos”

**Fonte:** “Observe que em 1876 havia 45 fazendas de Rio Claro que empregavam simultaneamente trabalhadores livres e escravos e que apenas 22 não possuíam trabalhadores livres.” Dean. 1977, p. 123.

Em 1872, o primeiro Censo nacional do país contou 818 estrangeiros em Rio Claro, que representavam 7,4% da população livre do município (ver **TABELA 3**). Dessa quantidade, cerca da metade (45,2%) eram alemães; 31,3% eram portugueses; e 14,8% eram suíços. Havia poucos italianos na região (3,1% do total dos imigrantes) e não havia imigrantes de origem espanhola.<sup>77</sup>

**TABELA 3 População estrangeira em Rio Claro em 1872**

NACIONALIDADE	HOMEM	MULHER	TOTAL
ALEMÃ	227	143	370
BELGA	3	5	8
FRANCESA	11	2	13
HOLANDESA	5	1	6
ITALIANA	22	3	25
NORTE-AMERICANA	1	-	1
PORTUGUESA	171	85	256
SUÍÇA	86	35	121
AFRICANA	12	6	18
<b>TOTAL</b>	<b>538</b>	<b>280</b>	<b>818</b>

**Fonte:** Recenseamento Geral da População Brasileira – 1872, In: BASSANEZI, 1992, op cit, p. 41.

<sup>76</sup> BASSANEZI, 1992, op. cit., p. 39.

<sup>77</sup> BASSANEZI, 1992, op. cit., p. 41

Por volta de 1870, estabeleceram-se muitos suíços e alemães no município, entre eles Jorge Helmeister, Mathias Hartmann, Adão Hebling, Mathias Pott, Jacob Witzel, Nikolaus Britsghy, Jacob Huber, João Bolliger, Fernando Hartung, Nokolaus Neubauer, os irmãos Schlittler, Carl Thim, os irmãos Kretti, Martinho Hummel, João Eichenberger, Felix Hoffmann, Bartli Iost, os irmãos Breternitz, Nokolaus Arnold, Samuel Blumer, Germano Muler, João Peter Linhardt, João Reiff, os Lahr, os Baungartner, os Bruckaiser, os Thielle, os Graner.

No final dos anos 70 e início dos anos 80 do século XIX, a imigração estrangeira com destino às cidades produtoras de café sofreu um aumento vertiginoso devido à expansão cafeeira e também devido ao declínio da escravidão. Logo, essa segunda fase da imigração foi mais importante que a anterior, tanto no que tange ao volume da imigração, quanto à composição desses imigrantes (por nacionalidade) e suas implicações. Tal impacto populacional foi bastante percebido na economia local, e também na população em geral, visto que deu várias características estrangeiras a Rio Claro. Porém, não é possível precisar o número de estrangeiros que se fixaram no município no período.

Conforme Maria Silvia C. B. Bassanezi, o levantamento da Comissão Central de Estatística para a província de São Paulo de 1886 não informa os estrangeiros em Rio Claro, embora o faça para outros municípios.<sup>78</sup> Os dados de 1890 e 1900 não estão completos e, logo, não são confiáveis. As fontes da *Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo* – coleção de *Livros de Matrícula de Imigrantes* – registraram os imigrantes que foram da Hospedaria diretamente em direção à Rio Claro, porém, as saídas do município de Rio Claro não estão contabilizadas.

Tais *Livros de Matrícula* mostram que entre 1882 e 1885 vieram para Rio Claro 773 imigrantes, dos quais cerca de 66% eram homens, sendo que a maioria tinha idade entre 20 e 35 anos. Perto da metade desse número (52,8%) era composta de italianos; 22,1% eram portugueses e 17,7% eram espanhóis. Os alemães, juntamente com os austríacos, somaram apenas 8% desse total<sup>79</sup> (ver TABELA 4).

**TABELA 4 Imigrantes saídos da hospedaria dos imigrantes de São Paulo com destino a Rio Claro, por nacionalidade e sexo (1882-1885)**

NACIONALIDADE	HOMEM	MULHER	TOTAL
Italiana	320	88	408
Portuguesa	155	16	171

<sup>78</sup> BASSANEZI, 1992, op. cit., passim.

<sup>79</sup> BASSANEZI, 1992, op. cit., p. 42.

<b>Espanhola</b>	85	52	137
<b>Alemã</b>	22	7	29
<b>Austríaca</b>	23	5	28
<b>TOTAL</b>	605	168	773

Fonte: Hospedaria dos Imigrantes – Livros de Matrícula de Imigrantes 1882-1885.

Nessa segunda leva, ao contrário dos primeiros imigrantes europeus em Rio Claro – que tinham um caráter mais familiar – observou-se um caráter mais individual e masculino. A grande maioria desses imigrantes foi trabalhar nas fazendas, havendo, porém, um número razoável de estrangeiros que se dedicou aos trabalhos na ferrovia.

Em 1886, quando se consolidou a imigração subvencionada e o regime de trabalho nas cafeiculturas, o colonato, em substituição ao sistema de parcerias<sup>80</sup>, aumentou-se muito o volume de imigrantes para o Brasil. Houve, portanto, um incentivo à imigração de famílias européias e não mais uma imigração predominantemente masculina e individual.

Entre 1885 e 1930, mais de 3,8 milhões de imigrantes estrangeiros chegaram ao país, dos quais aproximadamente 60% dirigiram-se ao Estado de São Paulo. O volume máximo ocorreu nas duas últimas décadas do século XIX. A partir de 1902, iniciou-se uma queda regular até os anos que antecederam à Primeira Guerra Mundial. Nos anos do conflito, diminuiu o número de entradas que voltou a crescer até 1929, sem, contudo, alcançar os níveis do final do século XIX. O ano de 1930 marcou o início das restrições governamentais ao movimento migratório internacional. Os italianos predominaram com vantagem, seguidos pelos portugueses e espanhóis. Estas 3 correntes responderam juntas  $\frac{3}{4}$  dos imigrantes entrados no Estado no período.<sup>81</sup>

Enfim, estas são as características gerais da imigração européia para Rio Claro no século XIX. Pode-se perceber a grande presença maciça de tais imigrantes nesse cenário, o qual mudava paulatinamente, devido a essa nova realidade. O aprofundamento das questões relativas à presença dos imigrantes europeus na parte urbana de Rio Claro se dará nos tópicos subseqüentes.

## 2.2 O imigrante no cotidiano urbano rio-clarense

<sup>80</sup> Remuneração feita ao colono por meio de salário fixo. Vide WITTER, 1982, op. cit., p. 39-48.

<sup>81</sup> BASSANEZI, 1992, op. cit., p. 42.

O cotidiano rio-clarense deve ser entendido como uma zona de tensão entre os tempos anteriores (mentalidade não moderna do Brasil agricultor) e os tempos a serem construídos pelos atores sociais, ou seja, um espaço interessante para que se faça uma análise sobre o modo pelo qual os homens se fazem sujeitos históricos, de um modo especial segundo os limites e as possibilidades de sua época, uma vez que os homens são “filhos de seu tempo”. É nesse sentido, portanto, que esse levantamento foi feito, por hora também estatístico da população estrangeira na região de Rio Claro, a fim de se articular sujeitos históricos em locais com civilizações díspares, mas que são amarrados ao seu tempo.

Entre os anos de 1886 e 1900 saíram muitos estrangeiros da *Hospedaria dos Imigrantes* com destino a Rio Claro: mais de 11.536 (ver **TABELA 5**). Deste total de imigrantes, cerca de 600 pessoas chegaram em Rio Claro desacompanhadas; e os outros pertenciam aos 2.387 núcleos familiares que na região se fixaram.<sup>82</sup> Desse montante, cerca de 80% da população estrangeira com destino a Rio Claro era de italianos que vinham, em sua maioria, com suas famílias,<sup>83</sup> o que também fez crescer o número de crianças e jovens descendentes de tais estrangeiros.

**TABELA 5 Imigrantes saídos da hospedaria dos imigrantes de São Paulo com destino a Rio Claro, por nacionalidade e sexo (1886-1900)**

<b>NACIONALIDADE</b>	<b>HOMEM</b>	<b>MULHER</b>	<b>TOTAL</b>
<b>ITALIANA</b>	5138	4176	9314
<b>PORTUGUESA</b>	391	218	609
<b>ESPAÑHOLA</b>	391	324	715
<b>ALEMÃ</b>	103	53	156
<b>AUSTRÍACA</b>	348	302	650
<b>OUTRAS</b>	47	45	92
<b>TOTAL</b>	6418	5118	11536

<sup>82</sup> BASSANEZI, 1992, op. cit., p. 43.

<sup>83</sup> Dados recolhidos em: Idem.

Fonte: Hospedaria dos Imigrantes – Livros de Matrícula de imigrantes 1886-1900.<sup>84</sup>

O Censo não possui informações acerca de Rio Claro para o ano de 1890; mas por meio da análise de dados quantitativos sobre os municípios vizinhos (Limeira, Piracicaba, São Carlos e Pirassununga) pode-se inferir que a população de Rio Claro fosse de aproximadamente 4.000 estrangeiros, sendo que mais da metade eram homens. Segundo Bessanezi, tal volume de imigrantes deve ter aumentado muito em 1900, pois a população total do Estado de São Paulo teve um incremento da ordem de 90%.<sup>85</sup>

Segundo os dados disponíveis, em 1886, 1890 e 1900, a população de Rio Claro (que incluía a cidade de Analândia) foi de respectivamente 20.133, 24.584 e 38.426 habitantes, sendo que Dean calcula, em seu livro, que a entrada de imigrantes durante as duas últimas décadas do século XIX em Rio Claro foi de aproximadamente 20.000 pessoas.<sup>86</sup>

Sobre o urbano e a vivência de seu cotidiano (caráter social de tais agentes), pode-se pensar, por exemplo, no conceito de *habitus* de Bourdieu<sup>87</sup>, ou seja, os conhecimentos incorporados por diversas formas da sociedade, as experiências, os modos de vida que passam de uma geração a outra, mesmo quando ocorrem deslocamentos ou transformações espaciais ao redor de um determinado grupo social. Tais questões podem ser percebidas, por exemplo, na mudança dos “modos de vida” da população rio-clarense em geral, visto que tais imigrantes importavam também hábitos (alimentícios – verduras, legumes; costumes – utilização de troles; experiências urbanas diferenciadas – criação de Igrejas; escolas; etc) que eram incorporados ao cotidiano rio-clarense.

A partir de 1904, o imigrante ascendeu na economia urbana, uma vez que o recenseamento agrícola de 1905 não permitiu que o imigrante tivesse grandes possibilidades de tornar-se pequeno agricultor apesar de alguns imigrantes terem conseguido adquirir tais terras.

Assim, com experiências adquiridas na Europa industrial do século XIX, os imigrantes instalaram-se no município de Rio Claro em meados dos séculos XIX e XX, atuando de maneira decisiva não apenas como agentes modernizadores da localidade, mas, principalmente, no papel de sujeitos capazes de estabelecer um feixe de “relações internacionais” entre as demandas e expectativas da cidade/município e os interesses político-econômicos externos.<sup>88</sup>

<sup>84</sup> Não foram computados dados para os anos de 1893 a 1894.

<sup>85</sup> BASSANEZI, 1992, op. cit., p. 43.

<sup>86</sup> DEAN, 1977, op. cit., passim.

<sup>87</sup> BOURDIEU. **O poder simbólico**, 1989.

<sup>88</sup> Entenda-se aqui por “relações internacionais” toda e qualquer relação bilateral ou multilateral, seja ela na

Já em 1906, havia 67 indústrias na cidade, das quais a maior parte era de transformação de materiais agrícolas: alimentícios, bebidas e bens de consumo. Havia apenas duas de maquinário: uma de máquinas agrícolas; e outra de carros e vagões. Na relação de proprietários estavam antigos fazendeiros do município; tradicionais coronéis do café; e comerciantes e agentes de câmbio (os verdadeiros donos do capital e de origem européia).<sup>89</sup>

As transformações sofridas por Rio Claro devido ao seu desenvolvimento urbano trouxeram conseqüências políticas e sociais. Ao analisar a cidade na passagem do século XIX para o século XX, Davids destaca que esse período caracterizou o rompimento do complexo tradicional, baseado na cultura cafeeira, e que o centro urbano, tendo se tornado o “fulcro dinâmico da economia do município”, delineou uma nova estrutura econômica e social, com uma nova configuração das classes sociais e das relações de poder.<sup>90</sup> Assim, a classe dominante foi, aos poucos, perdendo o poder político e o prestígio social, e apareceram em cena outros segmentos sociais, com destaque para a classe média, de maioria imigrante.

Na segunda metade do século XIX, especialmente nas últimas décadas, a vila de Rio Claro já se afirmava como centro regional, acentuado com o início do tráfego ferroviário. Intensificavam-se suas funções urbanas, principalmente com relação à prestação de serviços: foram instalados cartórios, tabelionatos e uma escola, além de armazéns de gêneros de primeira necessidade e aguardente; os serviços urbanos sofreram um melhoramento com os trabalhos de encanamento de água e de reforma da estrada para São Paulo.

Em fins do século XIX a cidade cresceu, ampliou seu espaço urbano, desenvolveu-se comercialmente, com a instalação de lojas, armazéns, e ampliou as primeiras indústrias – serrarias, cerâmicas, beneficiadoras de café e arroz. Em 1889, surgiu a *Cia. Cervejaria Rio Claro*, de imigrantes alemães, aumentando o mercado de trabalho industrial. “A acumulação de empresas comerciais e de pequena indústria gerou uma classe média urbana bastante ampla, cujas ambições e padrão de consumo diversificaram os empregos ainda mais.”<sup>91</sup>

Um dos efeitos urbanizadores do complexo cafeeiro em Rio Claro foi a concentração de uma população nova imigrante no município e nas áreas vizinhas que, chamada pelas atividades rurais, aos poucos foi se transferindo para a cidade. Essa população representou, de fato, uma demanda efetiva de bens e serviços urbanos. Por outro lado, parte dos imigrantes dirigiu-se diretamente para a cidade e se dedicou às atividades que eles próprios iniciaram:

---

exportação do café rio-clarense, na imigração européia ou nos “novos traços culturais” que a cidade ganhava com essas intensas mudanças (choque de culturas). MARTINS. **Relações Internacionais:** cultura e poder. Brasília: IBRI, 2002, passim

<sup>89</sup> DAVIDS. **Poder local:** aparência e realidade, 1968, p. 56-57

<sup>90</sup> Idem, passim.

<sup>91</sup> DEAN, 1977, op. cit., p. 178.

pequenos serviços, comércio, escolas especializadas em italiano ou alemão, entre outros. Enfim, a segunda onda imigratória em Rio Claro (majoritariamente de italianos) deu-se com o movimento geral da imigração no Estado de São Paulo, com a escravidão já em colapso.

A produção do café começou a declinar na segunda década do século XX, mas a atividade continuou até 1940. A crise de 1929 levou muitas pequenas propriedades a se dedicarem à produção de víveres para o consumo na cidade e nas fazendas. Rio Claro acabou por substituir o café na região pelo algodão e pela citricultura. No século XX, devido a desmembramentos de municípios, que provocaram a diminuição do território rio-clarense, e da decadência da cultura do café na região, a cidade começou a perder sua feição de centro agrícola.

Em 1945, segundo Othake, das cinco principais indústrias existentes em Rio Claro, duas foram criadas no início da industrialização na cidade (fim do século XIX e início do século XX): a *Cia Paulista*, que produzia acessórios para vagões, e a *Cia. Cervejaria Rio Claro*.<sup>92</sup> Enfim, foi devido a esses fatores que Rio Claro se constituiu como cidade, desenvolvendo atividades urbanas, ultrapassando o estágio de centro de mercado e de embarque de mercadorias pela ferrovia, e começando a ter um caráter mais urbano, multifuncional, de produção urbana e de prestação de serviços à população e à produção.

### **2.3 Características do imigrante europeu em Rio Claro no início do século XX**

No início do século XX, o fluxo migratório Europa-Brasil começou a declinar. Nesse período, Rio Claro já não era mais um dos grandes centros cafeeiros paulistas.<sup>93</sup> Outras áreas produtoras de café no Brasil atraíam mais os imigrantes do que a região de Rio Claro. Assim, entre os anos de 1901 e 1902 saíram da *Hospedaria dos Imigrantes* para Rio Claro 8.088 estrangeiros, e de 1921 a 1930, apenas 1.000 estrangeiros fizeram esse trajeto<sup>94</sup> (ver **TABELA 6**).

A imprensa surgiu na cidade de Rio Claro na década de 1870. Em 1873 surge a “Estrella d’Oeste”; em 1874 o “Correio do Sertão”; em 1876 “O Futuro”; em 1875 o “Caipira”; em 1878 o “Alpha”; em 1879 a “Infância”; em 1880 o “Correio d’Oeste”; em 1882 o “Tempo”; em 1886 o “Século XIX”; em 1886 o “Diário do Rio Claro” (jornal existente na cidade até os dias de hoje); em 1888 o “Tiradentes” e o “Typographo”; em 1889 o “Correio do Rio Claro” e o “Commercio do Rio Claro”; em 1892 a “Gazetinha” e a “Gazeta do Rio Claro”; em 1894 o “Rio Clarense”; em 1895 o “Espumas”, o “Rio Claro”, o “Município” e o “Jarmin”; em 1896

<sup>92</sup> OTHAKE. **O processo de urbanização em São Paulo**: dois momentos, duas fases, 1982, passim.

<sup>93</sup> Havia a concorrência de novas áreas produtoras de café no Brasil.

<sup>94</sup> BASSANEZI, 1992, op. cit., p. 44.

a “Coruja”; em 1900 o “Martello”, o “Prego” e a “Cidade do Rio Claro”.

Nas edições do jornal “O Alpha” do ano de 1911 do município de Rio Claro ainda pode-se verificar a importância do café para o município, período em que o café já sofria certo declínio. Em tal folhetim diário<sup>95</sup> encontra-se em *Serviço Telephonico* os preços das sacas de café em Santos (mercado interno) e os preços do café também no mercado estrangeiro (Mercado de Café de Havre, de Hamburgo e de Londres). Porém, nesse período (início do século XX), a produção cafeeira na região de Rio Claro já começa a declinar, o que leva os produtores e compradores de café a anunciar cada vez mais nos jornais do local, a fim de aumentar essa comercialização. As edições de jornais também trazem anúncios de importadores (compradores de café), que visavam comercializar o café produzido em pequenas propriedades, das quais eram donos os imigrantes europeus; ou os próprios compradores de café possuíam origem européia, como é o caso do primeiro anúncio transcrito abaixo.

“Importadores: Schimidt, Trost e Comp. (São Paulo – Santos) Compra-se qualquer quantidade de café finos, miúdos, e em cocos, em qualquer parte do Estado, mediante amostras. J. J. Carvalho.”

Srs. Lavradores: tenho a satisfação de comunicar aos srs. Lavradores, produtores de café, que, autorizado por uma respeitável firma comercial da praça de Limeira, comprarei toda e qualquer quantidade de café em côco ou beneficiado, pagando pelos melhores preços e a vista. Peço não effectuarem negócios, sem primeiramente conhecer das minhas ofertas. Sebastião Bueno. Residência, rua 8, 22.”<sup>96</sup>

Na edição de 14 de junho de 1911 do jornal *O Alpha*, havia uma coluna, *Pelo Mundo*, que trazia informações sobre várias nações européias, entre elas “Turquia, França, Itália e Hespanha”, a fim de dar notícias sobre as “nações-mães” dos imigrantes aportados e residentes em Rio Claro. Tais notícias são uma evidência da manifestação específica do “global” no âmbito do “local”,<sup>97</sup> ou do “lugar”, como pensaram Milton Santos e Anthony Giddens,<sup>98</sup> pois articulava mundos distantes e culturas diferentes por meio de objetos técnicos modernos (jornal). Assim, pode-se falar do lugar no âmbito mundial.

Observa-se também a existência de ao menos duas cervejarias no município, em meados do ano de 1911, nascidas como “fruto da imigração alemã na região”, que trouxe consigo o “saber-fazer” de tal iguaria, transformando o município de Rio Claro em um pólo tradicional.

<sup>95</sup> Em tal Arquivo somente existem edições do jornal **O Alpha** em condições de consulta a partir do ano de 1911. Edições anteriores a essa foram deterioradas e/ou extraviadas.

<sup>96</sup> Tais informações foram obtidas no jornal **O Alpha**, de 1º de julho de 1911, p. 1, que possui um exemplar disponível para consulta no Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro.

<sup>97</sup> GINZBURG, **A micro-história e outros ensaios**, 2004, passim.

<sup>98</sup> GIDDENS, 2002, op. cit., passim.

“Cerveja Rio Claro. Marcas: Rio Claro – Sport – Extracto de Malte (clara, escura, preta). Premiada com Medalha de Ouro a mais pura e a melhor para a saúde. ‘Cerveja Rio Claro’ Companhia Industrial.”

“Fabrica de Cerveja Alemã. Das cervejas nacionaes econômicas, a melhor para a saúde, reconhecida e proclamada por todos os entendidos – Branca e Pretinha. Fabrico a systema alemão – Adolpho Wiechman – Rio Claro – Rua 1, n. 40.”<sup>99</sup>

Em 1920 cerca de 85% dos estrangeiros tinham 25 anos ou mais, segundo dados do Censo do mesmo ano. Tal população representava 16,6% do município. A nacionalidade predominante nessa terceira fase da imigração para Rio Claro continuava sendo a italiana (quase 60% dos imigrantes), enquanto portugueses e espanhóis juntos não chegavam a 30% do total de imigrantes; e os alemães e os austríacos juntos chegavam a apenas 8% desse total. Os homens continuavam a ser a maioria entre os imigrantes europeus.<sup>100</sup> (ver **TABELA 6** e **TABELA 7**). Em 1901 Rio Claro atingiu o máximo de sua produção. O replantio do café continuou até 1929, e ainda em 1940 havia cafeeiros em Rio Claro.<sup>101</sup>

**TABELA 6 Imigrantes saídos da hospedaria dos imigrantes em São Paulo com destino à Rio Claro (1901-1920)**

NACIONALIDADE	FREQÜÊNCIA	PORCENTAGEM
ITALIANA	3.117	38,54
PORTUGUESA	1.166	14,42
ESPAÑHOLA	1.753	21,67
ALEMÃ	348	4,30
AUSTRÍACA	286	3,54
RUSSA	752	9,30
OUTRAS	666	8,23
<b>TOTAL</b>	<b>8.086</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Anuário Estatístico do Estado de São Paulo: 1901-1920, In BASSANEZI, 1992, op. cit., p. 44

“[...] é preciso lembrar que apesar da intensa mobilidade espacial que caracterizou todo o período cafeeiro em São Paulo e independente do destino original dos imigrantes, não restam dúvidas de que o município de Rio Claro atraiu e fixou uma quantidade razoável dos mesmos e de seus descendentes em função da cafeicultura propriamente dita e de seus desdobramentos no local.”<sup>102</sup>

**TABELA 7 População estrangeira no município de Rio Claro segundo a nacionalidade e o sexo (1920)**

PAÍSES	HOMEM	MULHER	TOTAL
<b>EUROPA OCIDENTAL</b>			

<sup>99</sup> Informações obtidas nas duas páginas do folheto **O Alpha** de Rio Claro, edição de 2 de julho de 1911. Tal exemplar encontra-se disponível para consulta no Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro.

<sup>100</sup> BASSANEZI, 1992, op. cit., p. 44 e 45.

<sup>101</sup> DEAN, op. cit., passim.

<sup>102</sup> BASSANEZI, 1992, op. cit., p. 44 e 45

<b>ITÁLIA</b>	2615	2228	4843
<b>PORTUGAL</b>	770	478	1240
<b>ESPAÑA</b>	630	486	1116
<b>ALEMANHA</b>	157	109	296
<b>AUSTRIA</b>	216	141	359
<b>SUÍÇA</b>	14	31	45
<b>OUTROS</b>	30	26	56
<b>EUROPA ORIENTAL</b>			
<b>RÚSSIA</b>	46	40	86
<b>POLÓNIA</b>	43	32	75
<b>HUN/TCHESC/IUGUS</b>	3	2	5
<b>OUTROS</b>	28	24	52
<b>AMÉRICA</b>			
<b>ARGENTINA</b>	37	40	77
<b>OUTROS DA AM. LAT.</b>	1	2	2
<b>ESTADOS UNIDOS</b>	3	2	5
<b>CANADÁ/OUTROS</b>	1	-	1
<b>ÁSIA</b>			
<b>JAPÃO/ TURQUIA ASIÁTICA</b>	72	26	98
<b>PAÍSES DIVERSOS OU INDETERMINADOS</b>	6	8	14
<b>TOTAL</b>	4673	3705	8378

Fonte: Recenseamento de 1920. In: BASSANEZI, 1992, op. cit., p. 44 e 45.

O final do século XIX e o início do século XX, como mostrou José Teixeira de Oliveira,<sup>103</sup> foram promissores no desenvolvimento e ampliação de Rio Claro, que recebeu benefícios, como hospitais, instalação de luz elétrica, rede telefônica, melhorias no atendimento de água à população, escolas, associações, jornais, entre outros; sendo todos objetos da modernização.

O centro da cidade de Rio Claro também se industrializou, pois, além das *Oficinas da Cia Paulista*, instalaram-se lá oficinas de carruagens, serrarias, olarias, fábricas de sapatos, fornos de fundição, fábricas de produtos alimentícios, entre outros, os quais foram empreendidos, em sua grande maioria, por imigrantes europeus que se instalaram na região.

O comércio também se expandiu bastante, possuindo casas de importação, armazéns secos e molhados, casas de ferragens, explosivos, louças e miudezas, sendo os imigrantes os donos de tais empreendimentos. E, na virada do século XIX para o século XX, iniciaram-se na cidade as obras de saneamento: abastecimento de água e rede de esgoto.

Dentre os estabelecimentos advindos da presença imigrante no município,<sup>104</sup> podemos citar: *Mercearia e carpintaria a vapor João Oehlmeyer*, *Oficina de funilaria Mileo*, *Fábrica de calçados Vienna*, *Alfaiataria Cartolan*, *Fábrica de flores artificiais Miguel Fozato Filho*, *Cabeleireira e florista Cecília Reggiani Fosatto*, *Doceiro Inácio da Geléia* (comercializava

<sup>103</sup> OLIVEIRA, **História do café no Brasil e no mundo**, 1989.

<sup>104</sup> Dados: ALMEIDA, op. cit., p. 38-39 e FERRAZ, 1922, op. cit., p. 135-160

*geléia de mocotó elaborada com vinho do Porto), Padaria Lotti, Modista Lavinia Colli, Barbeiro Adriano Pinto, Correios e Telégrafos, Escola de Pintura D. Lucia S. Lima, Escola de farmácia e odontologia de Rio Claro, Casa Castellano, Casa Farani, Collegio Minervino, Casa Pilla, Schmidt – Meyer & Cia, Cervejaria Rio Claro, Grande Hotel Stein.*

Mapeamos as profissões dos alemães encontradas nos registros da Igreja Luterana de Rio Claro para os anos de 1866 a 1875. Em 324 registros estão mapeados os batizados, casamentos, confirmações e óbitos dos luteranos na época. Nestes registros podemos ter um panorama geral das profissões exercidas por estas pessoas, visto que a profissão é um dado bastante importante em tais registros. São dadas as profissões não apenas dos nubentes, mas também de seus pais; dos padrinhos; etc. Os descendentes alemães valorizavam a mais a questão da profissão nos registros da Igreja Luterana, diferentemente dos católicos da mesma época levantados nos registros da Cúria Diocesana de Piracicaba (arquivos referentes à época da cidade de Rio claro estão armazenados neste local), onde pôde ser constatado que os católicos somente descrevem a profissão dos noivos.

Tal constatação mostra a inserção dos alemães no local, ou seja, o papel que desenvolveram dentro dessa nova sociedade rio-clarense. Para a doutrina luterana o trabalho ou profissão é visto como um dever religioso e não apenas como um meio de satisfazer determinadas necessidades, logo a sua grande importância nestes registros estudados. Os dados recolhidos seguem abaixo (ver **TABELA 8**).

**TABELA 8 Profissão dos alemães mencionados nos registros da Igreja Luterana entre os anos de 1866 a 1875, totalizando 324 registros de batismo, casamento, sepultamento e confirmação**

PROFISSÃO	QUANTIDADE
COLONO	51
FERREIRO	16
PROPRIETÁRIO DE FAZENDAS	13
MESTRE PADEIRO	9
LAVRADOR	5
CONSTRUTOR DE MÁQUINAS	5
CHAPELEIRO	4
DIRETOR DE COLÔNIA	3
AGRICULTOR	3
MÉDICO	2
MARCINEIRO	2
PEDREIRO	2
FARMACÊUTICO	2
RELOGEIRO	2
SAPATEIRO	1
CACHEIRO	1
TORNEIRO MECÂNICO	1
MINEIRO	1

SERRALHEIRO	1
OLEIRO	1
ARMADOR	1
TRABALHADOR MANUAL	1
COMERCIANTE	1
FABRICANTE DE CERVEJA	1
MESTRE LATOEIRO	1
TOTAL	130

Como pode ser percebido na tabela anterior, praticamente metade das profissões mencionadas não estão relacionadas ao trabalho com a lavoura na zona rural, mostrando a característica diferenciada de tal população, que visava desenvolver outros tipos de ocupação além das relacionadas com a lavoura.

Já os registros encontrados no mesmo período para os católicos da região de Rio Claro, encontrados no arquivo da Cúria Diocesana em Piracicaba, SP, percebe-se que não há o relato das profissões dos pais e padrinhos dos envolvidos nos registros (ora noivos, ora pessoas que serão batizadas, etc). Assim, pode-se perceber que a profissão tem um papel maior e mais relevante para os luteranos, pois este plano da vida também está relacionado com a religião profetizada e o desenvolvimento da fé. Enfim, é característica dos luteranos uma maior preocupação com essas questões quando comparada aos católicos.

Enfim, as características da migração para Rio Claro possuem, de certa maneira, as características desenhadas para as áreas cafeeiras em geral. Os italianos chegaram ao município em maior quantidade (principalmente nas segunda e terceira fases da emigração para Rio Claro), e dirigiram-se à lavoura do café atraídos pelo subsídio à viagem, e pelos grandes incentivos à emigração familiar e ao trabalho sob o regime de colonato, que propunha o pagamento de salários fixos aos trabalhadores da lavoura.<sup>105</sup>

Embora houvesse uma preferência pela migração familiar, também havia espaço (menor) para a migração individual. Tais indivíduos acabavam por executar tarefas complementares à lavoura (transporte, secagem e beneficiamento do café) e também aquelas que eram necessárias para o bom funcionamento da propriedade (serraria, selaria, etc).

Muitos italianos instalaram-se, desde a sua chegada, na parte urbana do município, e executaram atividades artesanais ou manufatureiras e comerciais. Outros, depois de certo tempo na lavoura cafeeira, dirigiram-se ao centro urbano. Alguns imigrantes queriam adquirir terras, e se tornarem os donos de seus próprios negócios agrícolas: “o interesse e/ou as crises

<sup>105</sup> Classificação essa de minha autoria, visto que acredito poder dividir o fluxo migratório na região de Rio Claro em três grandes fases/períodos.

da lavoura cafeeira facilitaram a realização do sonho de propriedade da terra, alimentado, sobretudo, pelos vênets, para uma parcela dos imigrantes”.<sup>106</sup>

Os portugueses, diferentemente dos italianos, emigraram sem subsídios dos governos (português e brasileiro). A maior parte dos imigrantes portugueses era adulta e sem família. Uma parte deles foi para as lavouras cafeeiras ou teve acesso à sua própria propriedade agrícola. Os imigrantes portugueses estabeleceram-se preferencialmente na cidade de Rio Claro e nas vilas mais movimentadas do município, onde se destacaram nas atividades ligadas à ferrovia, no pequeno comércio e na área de manufaturas. Os portugueses em Rio Claro nunca chegaram a atingir 25% da população estrangeira no município, embora fossem o segundo maior grupo de estrangeiros na localidade durante o período analisado – a imigração portuguesa ocorreu durante as três fases de imigração do município.

Com relação aos imigrantes espanhóis – terceiro maior grupo étnico no município –, sabe-se que chegaram em Rio Claro em unidades familiares depois da entrada maciça dos italianos – notadamente na segunda e terceira fases da imigração rio-clarense. Como estes imigrantes chegaram ao local depois da entrada de muitos italianos, acabaram por se instalar na lavoura cafeeira num contexto histórico em que o café entrava em declínio em Rio Claro.<sup>107</sup>

Já os espanhóis chegaram num momento em que o acesso a terra havia aumentado para a população estrangeira, em função, principalmente, do declínio da lavoura cafeeira no município. Assim, vários espanhóis se tornaram pequenos proprietários e/ou trabalhadores nessas pequenas propriedades (produtores de alimentos). Dentre os espanhóis foram poucos os que se estabeleceram na cidade de Rio Claro.

Os alemães e suíços foram os primeiros a chegar – primeiro grande volume de imigrantes no município, pertencentes, em sua maioria, à primeira fase da imigração do município de Rio Claro. Assim, tais pessoas marcaram a vida no município, não só por terem sido os primeiros a chegar às terras rio-clarenses, mas, principalmente, pela sua participação em setores importantes da vida econômica e cultural (comercial e industrial, principalmente).

Alguns estrangeiros de origem árabe obtiveram destaque no comércio de armarinhos e tecidos, de secos e molhados. Os austríacos diluíram-se entre os italianos e os demais, dada a sua pouca representatividade no conjunto da população imigrante.<sup>108</sup>

Mesmo entre os europeus, a migração de massa intercontinental estava confinada aos povos de relativamente poucos países, neste período, sobretudo ingleses,

<sup>106</sup> BASSANEZI, 1992, op. cit., p. 71.

<sup>107</sup> Meados do século XX.

<sup>108</sup> Número muito ínfimo de imigrantes das duas etnias, e por isso, não foram objeto desse estudo.

irlandeses e alemães e, a partir de 1860, noruegueses e suecos – os dinamarqueses nunca emigraram na mesma medida. [...] O grande período da emigração eslava, judaica e italiana para as Américas começaria em 1880.<sup>109</sup>

Enfim, como pôde ser percebido nas colocações anteriores deste capítulo, o auge da economia cafeeira na região se deu nas décadas de 1880 e 1890, seguido de expressivo impulso urbano. A cidade adentrou o século XX já com características urbanas modernas em sua infra-estrutura, nos seus serviços de assistência pública e, especialmente, na iniciativa particular, sendo tudo isto impulsionado pela grande presença imigrante na localidade.

---

<sup>109</sup> Idem.

### CAPÍTULO 3

## DESENVOLVIMENTO DA SOCIABILIDADE DOS IMIGRANTES ALEMÃES EM RIO CLARO

### 3.1 A adaptação dos alemães na parte urbana de Rio Claro

Percebe-se, em outros estudos lidos, que uma característica comum a todas as colonizações alemãs no Brasil é a sua sociabilização no local. Com o intuito de promover maior integração entre os descendentes de alemães e também para preservar a cultura da terra mãe, três estruturas sociais são sempre fundadas e mantidas: a Igreja, a Escola e o Clube de Ginástica. Essas três instituições também são criadas para desenvolver as esferas física (Clube de Ginástica), espiritual (Igreja) e mental (Escola), já que devido a sua cultura bastante diversa da existente em Rio Claro, estes foram excluídos dos círculos sociais locais. O imigrante é visto como o outro, segundo Boris Fausto, e essa alteridade do imigrante para o nacional e vice-versa faz com que as sociabilidades entre os semelhantes seja desenvolvida, ao menos num primeiro momento.

O estudo dos processos de sociabilidade que acompanharam, desde os primórdios, a colonização germânica no Brasil requer um exame metuculoso dos seguintes fatores: 1) o status social dos imigrantes no país de origem; 2) os esforços empreendidos pelos imigrantes para conquistar um novo status no país adotivo; 3) o status social das populações nativas com que os imigrantes estabeleceram contato; e 4) as necessidades condicionadas pelo meio físico que levaram os colonos ao abandono de elementos antigos e à aceitação de elementos culturais novos.

Segundo Heflinger Jr a história da imigração em São Paulo ainda não é totalmente conhecida. Em relatório oficial intitulado “Emigração para o Brasil e seu Brillhante Sucesso” alega que o interesse dos alemães para vir ao Brasil somente se dava na classe média; a classe mais pobre não se aventurava em busca de novas oportunidades de vida no Brasil.<sup>110</sup>

Já em 1854, segundo Bessanezi, mais de 28% da população da região de Rio Claro e Limeira era estrangeira.<sup>111</sup> Entre os anos de 1846 e 1851 vieram para o interior do Estado de São Paulo a maioria dos imigrantes alemães e suíços de formação evangélica. Conforme já mencionamos, por iniciativa do Senador Vergueiro, os mesmos vieram para trabalhar como

---

<sup>110</sup> HEFLINGER JUNIOR. **Ibicaba: o berço da imigração européia de cunho particular**, 2007.

<sup>111</sup> BESSANEZI, (et al). **Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1950**, 2008.

colonos nas fazendas Paraíso e São Lourenço (Piracicaba); outros foram encaminhados para as fazendas Ibicaba, Angélica, Itaúna, Boa Vista, São Gerônimo (região de Cordeirópolis e Rio Claro); para a fazenda Cresciumal (perto de Limeira) e para a fazenda Sete Quedas (perto de Campinas).

As epidemias de varíola (1884 e 1889) e de febre amarela (1892, 1893 e 1896), causaram a morte de imigrantes. Há registros de que, de dezembro de 1892 até fevereiro de 1893, foram sepultados 30 mortos da comunidade alemã.

Os imigrantes, na região, também não tiveram assistência institucional religiosa por parte da Igreja da Alemanha. Tanto nas colônias como nas cidades de Campinas, Limeira e Rio Claro, eles contaram apenas com visitas esporádicas do Reverendo Francis Joseph Christopher Schneider, nascido na Alemanha e naturalizado cidadão americano. Foi ele o terceiro missionário presbiteriano a vir para o Brasil para trabalhar com os imigrantes alemães, tendo chegado ao Rio de Janeiro em 7 de dezembro de 1861. No final de janeiro de 1862, seguiu para o interior paulista, visitando colonos alemães e suíços. Fixou residência em Rio Claro, onde permaneceu até março de 1863, pregando aos domingos nas colônias já citadas.<sup>112</sup>

Em virtude do contexto religioso brasileiro dominado pelo catolicismo, muitos não permaneceram fiéis à fé evangélica, e acabaram se tornando católicos. Muitos foram batizados e se casaram na Igreja Católica.

Independentemente de sua origem urbana ou rural, os imigrantes que chegaram em Rio Claro souberam “visualizar” as lacunas existentes nas frentes de trabalho e as ocuparam, proporcionando-lhes a oportunidade de se inserir numa economia de mercado que passava a ganhar impulso, além de lhes fornecer o sustento diário.

### **3.2 A formação da Igreja Luterana**

Motivados pela identidade religiosa, e com o intuito de manter viva, também no Brasil, os laços religiosos que os uniam na Alemanha, os imigrantes radicados em Rio Claro se uniram pela primeira vez a fim de construir um Cemitério para sepultar seus mortos.

No dia 1 de julho de 1863, Eduard Bohn, um comerciante radicado na cidade, preocupado com as condições constrangedoras a que eram submetidos os evangélicos, dirigiu aos imigrantes um apelo em prol da construção de um Cemitério próprio, uma vez que não era permitido aos protestantes sepultar os seus mortos no Cemitérios dos cristãos católicos. Em

---

<sup>112</sup> DE MORAES, 2008.

tal carta anunciou que o magistrado de Rio Claro já havia deferido um requerimento no qual foi solicitada a doação de um lote de terreno adequado para a construção de tal cemitério.

Assim, quarenta e quatro pessoas, entre estas inclusive alguns católicos, comprometeram-se a contribuir com dinheiro para a construção do cemitério. Foi eleita uma comissão de seis pessoas que assumiu a referida construção. A sua inauguração aconteceu na manhã do dia 12 de julho de 1865, com a participação do Reverendo Francis J. C. Schneider, numa solenidade que reuniu um bom número de protestantes da cidade e arredores, e também católicos alemães e brasileiros. No dia 24 de março de 1866 foi sepultado Ulrich Müller, um colono pobre da fazenda Angélica; e alguns meses depois, no dia 12 de agosto, foi sepultado Johannes Kapretz, morador de Rio Claro. De 1866 a 1875 Eduard Bohn foi responsável pela administração do cemitério. O cemitério é localizado na Avenida 23, número 721, em Rio Claro, e ocupa uma área de aproximadamente 10.000 metros quadrados.<sup>113</sup>

Enfim, já nessa movimentação em prol da formação de um cemitério somente para os evangélicos alemães percebe-se que houve um grande esforço por parte dos alemães em manter unida a comunidade alemã, e se fazer presente perante a uma realidade que não favorecia o estrangeiro. Essa era também uma estratégia de permanência nesse contexto dominado pelo catolicismo. Boris Fausto coloca que “a autopercepção do imigrante como outro e a visão etnocêntrica do nacional sobre ele contribuíram para reforçar laços de grupo e laços familiares, pelo menos em uma primeira fase”<sup>114</sup>.

No final de 1866, Eduard Bohn tomou para si as funções de um ministro religioso evangélico em Rio Claro e em outras cidades da região (Piracicaba, Campinas, Pirassununga e Araras). Não se sabe se ele se sentiu impelido para o cargo ou se os alemães solicitaram que ele assumisse a função de “pastor”. A segunda hipótese é mais provável, pois na época, bastava o abaixo assinado de um determinado número de pessoas para a Secretaria do Governo, em São Paulo, dar poderes a uma pessoa para realizar casamentos legalmente válidos e, de um modo geral, desempenhar todas as funções de um ministro religioso.

Utilizamos, assim, os registros realizados por Eduard Bohn durante seu encargo como Pastor da Comunidade Evangélica de Rio Claro, iniciado em 27 de outubro de 1866, e terminado em 25 de julho de 1875, contendo cento e dezenove páginas manuscritas e traduzidas para o português. Os demais registros da Igreja estão em péssimas condições de consulta, visto que estão deteriorando e não foram traduzidos para o português.

---

<sup>113</sup> KRÜGER; KAPPEL; BEIG; op. cit., passim

<sup>114</sup> FAUSTO. Imigração: Cortes e Continuidades. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.). SHWARCZ, (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. 4, p. 27.

Tais registros (casamento, batizado e morte) são de extrema utilidade para a pesquisa, visto que dão um panorama geral da sociedade alemã evangélica da época, mostrando como se formavam no âmbito privado (familiar), com os casamentos, apadrinhamentos e demais questões envolvidas. Logo, no sentido de permanência dos laços culturais e costumes alemães, criaram-se laços de sociabilidade importantes para a sobrevivência desses imigrantes em um cenário não favorável ao diferente (alemães).

Alguns anos depois, já em 1868, a Missão Estrangeira da Basileia (Basel Mission – Suíça), enviou para o Brasil Johann Jakob Zink, jovem missionário destacado para atender as famílias alemãs instaladas na colônia Senador Queiroz, estabelecida na fazenda São Jerônimo, em Limeira. Ele percorreu diversas cidades do interior do Estado de São Paulo com o intuito de reunir luteranos, seus correligionários. Naquela época, chegou a celebrar alguns cultos em Rio Claro, principalmente na zona rural perto do Rio Cabeça. Depois foi morar perto de Campinas.

Nesse período, para que os alemães da região pudessem ter uma assistência religiosa mais efetiva e contínua, o Pastor Johann J. Zink solicitou à Missão Estrangeira da Basileia que enviasse um pastor ao Brasil. Em outubro de 1874 chegou ao Brasil o Pastor Friedrich Müller, tendo fixado residência no Bairro dos Pires, próximo de Limeira, onde viveu durante 44 anos até o dia de seu falecimento em 2 de dezembro de 1918. Visitou Rio Claro pela primeira vez no dia 28 de agosto de 1875, e como Eduard Bohn havia se demitido da função de ministro religioso em 25 de julho de 1875, o referido pastor atuou como seu substituto por dois anos.<sup>115</sup>

Assim, os cultos passaram a ser mais regulares, no templo da Igreja Presbiteriana, ou em casas particulares. O referido pastor residiu na cidade de São Paulo por três anos, de 1875 a 1877, com o propósito de formar uma Comunidade, o que não se concretizou. Desencorajado pelo insucesso e pela dificuldade de manter financeiramente sua família, resolveu regressar a Alemanha. Para tanto, fez contato com a Missão de Basileia, a qual lhe prometeu financiar a viagem de regresso e ajudá-lo a encontrar uma comunidade para trabalhar como pastor. Isto só não se concretizou porque o Reverendo Schneider, da Igreja Presbiteriana, convidou-o para vir para Rio Claro a fim de colaborar com os presbiterianos, atendendo também os alemães. Ele aceitou o convite e transferiu sua residência para Rio Claro, no ano de 1877. Depois de cinco anos de colaboração com os pastores presbiterianos, passou a se dedicar exclusivamente aos imigrantes evangélicos que freqüentavam sua casa para os cultos em língua alemã.

---

<sup>115</sup> TRIMER. **Lições de vida**: histórias do Koelle. São Carlos: Riani Costa, 1994.

### 3.3 Fundação da Igreja e da Escola Alemã

No ano de 1882 o Pastor Johann J. Zink, por sua vez, preocupado com a educação dos filhos dos colonos e a permanência dos valores e da cultura alemã na localidade, reuniu esforços para a fundação de uma Escola – a “Deutsche Schule” (Escola Alemã). O primeiro professor contratado para a Escola foi Adam Zink, irmão do Pastor Zink, tecelão de profissão, que permaneceu em Rio Claro por alguns meses e por motivos de saúde retornou à Alemanha. Em seu lugar foi contratado Hildebrand, que interrompeu suas atividades alguns meses depois.

Tal fundação da Escola e da Instituição Religiosa se deu em todas as localidades de povoação alemã do Brasil, conforme Emílio Willems, pois, em primeiro lugar, as aldeias prussianas da primeira metade do século XIX compartilham das feições semiprimitivas de inúmeras “*folk-cultures*”: são comunidades muito coesas, relativamente auto-suficientes e dificilmente permeáveis a influências estranhas. A organização social é familiar e estritamente local, a mentalidade é tradicionalista.<sup>116</sup> E todas essas características também podem ser observadas nas estratégias de sobrevivência dos alemães em Rio Claro.

Ao saírem da Alemanha, os habitantes de lá estavam vivendo um grande processo de mudança, passando de uma vida extremamente campesina para uma mais urbanizada; ou seja, abandonam uma cultura em plena mudança e, em grande parte, por causa dessa mudança. Assim, cada leva representa uma fase dessa transformação; o próprio campo se industrializa, e jovens buscam diferentes oportunidades de vida nas cidades. Elementos como a escola, a família e a religião eram tratados como essenciais na formação das comunidades alemãs por todo o Brasil. Tais elementos eram organizados de forma a “proteger” a cultura alemã na localidade e também com o intuito de formarem uma massa homogênea capaz de lutar por seus direitos e por mais *status* na localidade que chegam.

Por fim, em virtude das inúmeras atividades de Johann J. Zink como pastor que, por esse motivo, não conseguia dar maior atenção à Escola, ele entrou em contato com a Alemanha e solicitou o envio de um professor para ensinar os conterrâneos de língua alemã. O professor Theodor Albert Koelle interessou-se pela proposta; com dezenove anos de idade veio ao Brasil e iniciou seu trabalho como professor da Escola Alemã, no dia 3 de dezembro de 1883.

---

<sup>116</sup> WILLEMS. **A aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil, 1980

A princípio, como havia necessidade de espaço para ministrar as aulas, foi construída uma sala anexa à Igreja, e à medida que os recursos permitiram, outras salas foram agregadas. A escola e a Igreja sempre estiveram intimamente relacionadas, como já mencionado anteriormente, formando o que podemos chamar de redes sociais da imigração. As redes sociais na migração inseridas na produção econômica e vida social são estratégias de sobrevivência e de sustentabilidade dos envolvidos no processo migratório, como o ocorrido em Rio Claro. Há hábitos tradicionais dos indivíduos que podem identificá-los na composição desse determinado grupo (Comunidade Alemã).<sup>117</sup> A Igreja e a Escola Alemã acabam por formar tal rede, evidenciando a situação de criação e conservação de vínculos entre os imigrantes alemães, a fim de fortalecer esse grupo dentro de um ambiente que repudia o diferente.

Com o tempo, a Comunidade Evangélica Alemã se consolidou (1883) e foi aprovado seu primeiro Estatuto, cujo teor, traduzido do original em alemão, foi transcrito, como a seguir:

#### Estatuto da Comunidade Evangélica Alemã em Rio Claro

Os membros da Diretoria da Comunidade Evangélica reuniram-se a fim de sugerir as seguintes propostas para a criação de uma Comunidade Religiosa e a apresentação a uma Assembléia dos necessários membros.

- 1) Como verdadeiros membros da Comunidade são considerados aqueles que são evangélicos e confirmados e que ao mesmo tempo contribuem anualmente com a importância voluntária para o salário do pastor, mas que não deverá ser menor do que Rs 5\$000. Exceções fazem as viúvas pobres das quais se sabe que não estão em condições de efetuar tal contribuição. Ao mesmo tempo, entretanto, também é permitido a todos os não evangélicos participar dos cultos e poderá estes ser admitidos como membros honorários e também deles se receberão, com agradecimento, contribuições voluntárias.
- 2) A contribuição anual inicia-se de 1º de março em diante e poderá ser paga de uma só vez ou semestralmente ao próprio pregador ou a um dos membros da Diretoria.
- 3) Membros poderão, nos atos religiosos, como batismos, casamentos, confirmação e sepultamentos dar uma oferta ao pastor, conforme seu livre desejo. Não membros, entretanto, são obrigados a primeiramente dirigir-se a Diretoria e deverão pagar a ela para um casamento Rs 20\$000 e para confirmação Rs 15\$000 antes do evento ser realizado, igualmente Rs 10\$000 para um enterro. Batismos também são permitidos para não membros, pagos livremente e permitidos sem que antes tenham se dirigido a Diretoria.
- 4) O pastor compromete-se a realizar regularmente a cada 14 dias um culto e fazer uma exceção somente em casos de força maior. Também deverão ser continuados os cultos semanais nas residências como é habitual. Além disso, ele se compromete a, nos domingos em que precisar estar ausente, de por intermédio de seu professor, apresentar uma pregação adequada, de tal forma que em todo domingo de manhã seja realizado culto.
- 5) A oferta será destinada à despesas da Igreja e será de agora em diante arrecadada duas vezes nos domingos para dar também oportunidade àqueles que não estiveram presentes no culto da manhã, assim oferecer seu óbulo à tarde ou

<sup>117</sup> MANNHEIM. Tradução de FORACCHI. **Sociologia sistemática**: uma introdução ao estudo da Sociologia. São Paulo: Pioneira, 1957, p. 153

à noite. A Santa Ceia será distribuída pelo menos duas vezes ao ano, poderá, porém, a pedido, ser oferecida 3 ou 4 vezes.”<sup>118</sup>

Nesta oportunidade, foi eleita a primeira Diretoria e foram feitas as primeiras tentativas de construção de um espaço próprio para abrigar os evangélicos luteranos. Para tanto, o pastor Johann J. Zink encaminhou um apelo aos seus congregados, conforme tradução do original em alemão:

“Rio Claro, 11 de Julho de 1883. Prezados amigos e irmãos no Senhor. O desejo e a necessidade cada vez mais expressa de se ter, proximamente, uma Igreja Evangélica, arrisco em nome do Senhor, fazer um apelo a todas as pessoas evangélicas aqui e nas redondezas para cooperar conforme suas forças para que uma construção possa ser iniciada, se possível logo. Com prazer eu estou disposto a oferecer um terreno gratuitamente e a me comprometer, por escrito, a não reivindicar mais o mesmo. A esquina em frente a minha residência seria para tanto o lugar adequado. Como precisamos saber, sobretudo, quais os meios que nos serão proporcionados para a obra, desejo assim consultar a cada um que deseja colaborar, para assinar o seu nome e ao mesmo tempo indicar a importância que estaria disposto a doar para este fim, que deveria ser paga aproximadamente, até outubro. Assim que os meios a nós oferecidos forem do nosso conhecimento, poderão ser elaborados um ou mais projetos, talvez alguns tenham um amigo que estaria disposto a elaborar um projeto gratuitamente, se nós o pedirmos. Quanto mais recursos tivermos, tanto mais bonita poderá ser a obra a ser erguida. Termino com o desejo de que este apelo encontre muitos corações abertos para colaborar. Desejo a rica bênção de Deus a cada um que participa. Em sincero amor cristão, assina com todo o respeito Johann J. Zink – ‘Pastor Evangélico’”.<sup>119</sup>

Em uma lista anexa ao documento constam 65 assinaturas; o total arrecadado foi de Rs: 2;421\$000 (dois contos e quatrocentos e vinte e um mil réis).

No dia 5 de agosto foi aprovada, pela comunidade, um projeto de construção. Na mesma oportunidade foi nomeada uma comissão composta pelos senhores Emil Weiss, Peter Stein, Samuel Kleiner e Martin Hess, que deveria se encarregar da execução do projeto. Como a comunidade contava com a participação de um pequeno número de membros, projetava-se uma construção modesta, simples e de baixo custo. Na verdade pensou-se apenas em um espaço para acomodar os fiéis, uma vez que antes da Proclamação da República (1889) os evangélicos não tinham total liberdade religiosa, já que no período monárquico a religião oficial do Estado era a católica e estava, inclusive, vinculada ao poder do Estado. Uma das proibições desse período era a construção de templos com torres. Permitia-se apenas uma edificação simples ou “Casa de Oração”, como era conhecida.

<sup>118</sup> KRÜGER; KAPPEL; BEIG; **125 anos de história da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Rio Claro – Estado de São Paulo (1883-2008)**, 2008, p. 22-23

<sup>119</sup> Idem.

No dia 22 de setembro de 1883, às 8h, foi realizada a cerimônia de lançamento da pedra fundamental. Na oportunidade, o Pastor Johann J. Zink fez uma pequena alocução com base no texto de Isaías 28.16: “Vede em Sião colocamos uma pedra fundamental”.<sup>120</sup>

A partir de então foram iniciadas as obras de construção e seis meses mais tarde, aos 09 de março de 1884, os evangélicos luteranos estavam reunidos para a cerimônia de inauguração do primeiro “templo” da Igreja Alemã, construído no Estado de São Paulo, a “Deutsche Evangelische Kirche” (Igreja Evangélica Alemã). Na oportunidade, durante o culto festivo, a alocução foi feita pelo Pastor Friedrich Müller com base no texto bíblico de Mateus 15, 21-28.

Embora a Comunidade já pudesse contar com local para a realização de cultos, ainda faltava um campanário para abrigar os sinos. Todavia, isto só foi possível após a Proclamação da República, no ano de 1889, quando foi concedida plena liberdade religiosa aos protestantes no Brasil.

A esse respeito é pertinente transcrever um trecho de relatório feito pelo pastor Theodor A. Koelle:

Durante a época da febre, um membro de nossa comunidade ao morrer me havia entregue Rs: 200\$000 (duzentos mil réis) destinados a uma boa obra. Após consultar o Conselho Diretor, esse dinheiro foi aplicado num fundo para aquisição dos sinos. A associação feminina, fundada no ano de 1899, canalizou todas as suas rendas para esse fundo. Logo despertou um entusiasmo geral pela construção da torre com os sinos. Grandes importâncias foram doadas e já no ano de 1900 pudemos pensar no início da construção, que em 11 de novembro, do mesmo ano, seria inaugurada. Três imponentes sinos que haviam sido fundidos em Jundiá, chamariam futuramente os fiéis da comunidade para o culto. De longe os alemães e suíços acorreram para Rio Claro para a festa de inauguração, de tal modo que a pequena igreja quase não pode conter a quantidade dos convidados. E nós, nos vimos forçados a realizar a solenidade à sombra das floridas cerejeiras brasileiras.<sup>121</sup>

A torre e os sinos custaram Rs: 16:000\$000 (dezesesseis contos de réis), montante arrecadado pela comunidade sem grande dificuldade. Cada um dos sinos tinha uma mensagem grafada em língua alemã, cuja tradução é a seguinte:

Sino maior: “Que cada um se sinta chamado pela palavra de Deus. Deus nos chama diariamente, com ou sem os sons dos sinos”.  
 Sino médio: “Ó terra, terra, terra. Ouvi a Palavra do Senhor”.  
 Sino menor: “Espírito Verdade, em nós vem habitar”.<sup>122</sup>

A rigor, a Comunidade de Rio Claro estabeleceu um relacionamento com a Igreja da Alemanha, desde 1868, ano em que o Pastor Johann J. Zink veio ao Brasil, enviado pela Igreja da Alemanha, através da casa de missão Basileia.

<sup>120</sup> TRIMER. **Lições de vida**: histórias do Koelle. São Carlos: Riani Costa, 1994.

<sup>121</sup> KRÜGER; KAPPEL; BEIG, op. cit., p. 30

<sup>122</sup> Idem, p. 33

No dia 13 de março de 1898, a Comunidade, na sua Assembléia Geral, aprovou a decisão da Diretoria de afiliar-se à Sociedade Evangélica para os Protestantes da América do Sul, com sede na cidade de Barmen, na Alemanha. Para oficializar tal decisão foi necessária a elaboração e a aprovação, em Assembléia, de novos estatutos encaminhados, junto ao pedido de filiação, ao Conselho Superior da Igreja Evangélica, em Berlim.

No dia 18 de julho de 1903, o Imperador Alemão aprovou a pretendida filial da *Deutsche Evangelische Kirche*” às Igrejas Nacionais Evangélicas da Mais Velha Província da Monarquia Prussiana. Desta forma, ficava assegurada uma aposentadoria ao pastor que estivesse trabalhando no Brasil. Cumprindo as formalidades do processo, nos dias 28 a 30 de junho de 1907, o Pastor Martin Braunschweig, pastor na cidade de Leipzig (Alemanha) e comissário do Conselho superior Evangélico da Igreja em Berlim, visitou a Comunidade de Rio Claro.<sup>123</sup>

Enfim, a Igreja se dava como um espaço de sociabilidade entre os imigrantes alemães, pois os apadrinhamentos promovidos nos batizados e casamentos, principalmente, criam laços únicos de relacionamentos intra-familiares (laços primários), estruturando uma grande rede de sociabilidade. E conforme as fontes analisadas, podemos perceber que os enlaces nessa instância se dão normalmente entre os advindos da mesma localidade européia.

Nos documentos analisamos, mapeamos a existência de 122 registros de casamento, entre os 324 registros mapeados na Igreja Luterana para os anos de 1866 a 1875. Destes podemos verificar, conforme tabela abaixo (ver **TABELA 9**), que entre os luteranos 15 casamentos foram realizados entre pessoas advindas das mesmas localidades, além de constatarmos que todos os casamentos, sem exceção, foram realizados entre descendentes de alemães, sendo todos praticantes da mesma religião (luterana). Assim, destacamos que tal grupo realmente criou laços sociais entre si, ou seja, não se mesclou com outros grupos sociais ao menos no que tange essa relação de casamento num primeiro momento.<sup>124</sup>

**TABELA 9 Casais advindos da mesma região européia**

Naturalidade dos noivos oriundos do mesmo local	Quantidade de casais
Canton Schaffhausen, Suíça	2
Cantons Glaruss, Suíça	2
Canton Oargau, Suíça	2
Milben (Grancondato de Baden)	1
Condato de Schwartzburg Rudolstadt	1
Wasungen Meiningen	1

<sup>123</sup> KRÜGER; KAPPEL; BEIG. **125 anos de história da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Rio Claro – Estado de São Paulo (1883-2008)**.

<sup>124</sup> Informações contidas nos registros de batismo, casamento e confirmações da Igreja Luterana de Rio Claro.

Hessen Dorstadt	1
Jachlingen (Cant Shuffhausen, Suíça)	1
Unterschvartzgirtein (Gran Principado de Baden)	1
Holstein	1
Cant Zurich	1
Colônia Ibicaba	1

Também nos registros de batizado evidenciam-se os sobrenomes dos padrinhos em todos os registros, tanto das pessoas que vão ser batizadas quanto dos padrinhos destes, ressaltando a importância da família de origem alemã no relacionamento para apadrinhamento, sendo, inclusive, muitos deles pertencentes as mesmas famílias.

A solidariedade desenvolvida pelos alemães, nesse contexto, é classificada como primária segundo Durkeim. A solidariedade social representada é a mais elementar, espontânea e forte, sendo chamada por Durkheim de Solidariedade Mecânica ou por semelhança (solidariedade primária). A Solidariedade Mecânica é constituída por um sistema de segmentos homogêneos e semelhantes entre si.

Os membros da sociedade em que domina a Solidariedade Mecânica estão unidos por laços de parentesco, conforme demonstrado anteriormente, por meio dos registros da Igreja. O meio natural e necessário a essa sociedade é o meio natal; o lugar de cada um é estabelecido pela consangüinidade e a estrutura dessa sociedade é simples. Logo, os imigrantes alemães buscam juntar-se com os seus, ou seja, os da mesma família ou região da Alemanha. O indivíduo, nessa sociedade, é socializado porque, não tendo individualidade própria, se confunde com seus semelhantes no seio de um mesmo tipo coletivo, caso dos alemães frente à sociedade rio-clarense.

Tendo como base essas questões, vale ressaltar algumas pequenas considerações a respeito da Igreja e do Casamento para os alemães. Começemos pelas concepções de Igreja e Religião para os alemães.

No Brasil, o alemão protestante não somente entrou em contato com uma cultura católica, mas, vindo de uma sociedade em que Estado e Igreja Evangélica estavam intimamente associados, ele passou a viver em um meio em que o catolicismo era a religião oficial. Se essa inversão já era bastante complicada para a sucessão dos crentes habituados à junção entre trono e altar, muito mais complicadas foram às conseqüências diretamente relacionadas à conquista de um *status* na sociedade adotiva, como já ilustramos anteriormente na descrição sobre a construção de um templo luterano em Rio Claro num ambiente católico.

A função do pastor na Igreja de Lutero envolvia a difusão do idioma alemão e de outros elementos culturais simbólicos; ou seja, a função ampla do pastor protestante na comunidade era muito mais ampla do que a do padre católico.

Os pastores evangélicos procuravam perpetuar através da Igreja e da comunidade religiosa, a cultura local como entidade distinta provida duma consciência étnica viva. Contribuíam para que a comunidade evangélica se sentisse como *in-group* em confronto com o *out-group* representado pelos brasileiros sobretudo pelas autoridades.<sup>125</sup> Tais elementos podem ser nitidamente percebidos na fundação da Igreja e da Escola Alemãs, como já elucidado anteriormente.

Quanto ao casamento, o mesmo conservou, como em muitas outras sociedades, o significado de um rito de iniciação. O status social do adulto era concedido pela comunidade aos casados. Percebe-se, nos assentos analisados, que os casamentos se dão com redução de idade (homens na faixa dos 20 anos, e mulheres entre 17 e 24 anos), isto pois havia mais possibilidade de trabalho nas terras do Brasil.

O regime matrimonial nesse contexto era geralmente endógamo com relação a outras etnias e, também, comunidades teutas próximas, ou seja, os casamentos se dão somente entre os membros da mesma comunidade. Os nubentes, dentro dessa perspectiva, residem, em geral, no mesmo distrito ou “capela”. A razão da endogamia está sobretudo no isolamento dos núcleos o qual torna raros outros tipos de contato, fortalecendo ainda mais a postura de fechamento de tal grupo em Rio Claro (ao menos neste primeiro momento). A escolha do esposo obedece, muito mais do que no país de origem, à iniciativa dos próprios jovens, e raramente os pais se opõem à escolha dos filhos. Na escolha da noiva recomenda-se especialmente ao jovem que seja somente uma pessoa da mesma crença religiosa, e por isso enfatiza-se tal informação nos registros de casamento analisados.<sup>126</sup>

### **3.4 A Escola Alemã em Rio Claro**

A cidade de Rio Claro crescia, e, como já dito anteriormente, o pastor Zink fixou residência em Rio Claro no final da rua General Osório, esquina com a rua Itororó, praticamente fora da cidade (afastado das 600 casas do município), e logo em frente da sua casa havia a construção da adiantada Igreja de Confissão Luterana (1883). Quando ele chegou em Rio Claro seis anos antes, a comunidade contava apenas com visitas esporádicas de

---

<sup>125</sup> WILLEMS, op. cit., p. 354.

<sup>126</sup> Idem, passim.

pastores evangélicos como o Pastor Müller da comunidade de Pires, em Limeira, e com os serviços de Eduardo Bohn, um leigo que, além de ensinar música e as primeiras letras em sua casa à rua do Comércio, no centro, tinha a autorização para realizar casamentos. Como a história da formação da Igreja e da Escola Alemã no município de Rio Claro são bastante atreladas, vale aqui retomar como se deu o processo de formação da Escola Alemã, apesar de soar repetitivo, visto que em itens anteriores relatamos a formação da Igreja Luterana no município.

Com a chegada do pastor Zink, havia cultos todos domingos e um pastor à disposição da cidade; porém, a educação das crianças continuava deficiente. A escola funcionava também na casa do pastor Zink, desde 1882, que era a primeira escola alemã de Rio Claro, tendo como responsável seu irmão Adam, que não era professor, mas na verdade tecelão e, embora fosse instruído, não tinha a formação e a metodologia de um profissional. Assim, o pastor solicitou na Alemanha a vinda de professor.

A Alemanha ao atender a solicitação do então pastor enviou Theodor Albert Koelle, filho de um mestre-escola de Thieringen, sul da Alemanha, de apenas 19 anos. Deixando a família na Europa, o mesmo se dirigiu para o Brasil, a fim também de encontrar trabalho enquanto a Europa estava em crise. O professor tinha formação em aritmética, geometria, geografia, administração escolar, harmonia musical e órgão, e é claro, religião e língua alemã.<sup>127</sup>

A antiga rua General Osório, onde fica até hoje a casa do pastor da Igreja Luterana local, passou a ser chamada rua 5, e foi onde o professor se alojou. Em 1883 havia 30 famílias alemãs e suíças que seriam atendidas pelos serviços do professor, e quase todos moravam além da estação, formando ali uma espécie de vila alemã. Outras famílias estavam espalhadas, na época, por sítios vizinhos e colônias de fazendas.

Nessa época a Igreja Luterana ainda estava sendo construída, e os cultos eram realizados na própria casa do pastor, e em alguma ocasiões especiais o pastor presbiteriano cedia o espaço de sua igreja para os cultos. Havia também já uma escola evangélica no local, mas não atendia à comunidade luterana, e lá também as aulas não eram ministradas em alemão.

O professor Theodor Koelle enviava relatórios para a Alemanha, verificando alunos com mensalidades atrasadas, incluindo, por exemplo, os filhos do pastor Zink, que não pagavam as mensalidades. O mestre também controlava a entrega dos cadernos com as lições para casa, e dos livros e cartilhas, que eram trazidos da Alemanha. Enfim, as coisas em Rio

---

<sup>127</sup> TRIMER. **Histórias do Koelle**, 1994.

Claro não funcionavam como na Europa. Os alunos faltavam demais – muitos moravam em sítios na região, e como tinham que ir a cavalo, quando chovia não se arriscavam a enfrentar a lama das trilhas; outros tinham que ajudar os pais e desapareciam nas épocas da colheita e plantio. Enviava relatório anual aos pais solicitando que os filhos freqüentassem mais a escola, o que, na maioria dos casos, não surtia o efeito desejado.

Quando o pastor Zink estava em viagem para atender às comunidades vizinhas, era da responsabilidade de Theodor Koelle ler um sermão deixado pronto pelo pastor, como maneira de dar continuidade aos serviços religiosos. Ao professor Koelle também cabia dar as aulas da escola dominical, que ficava a seu encargo. Ele se preocupava com o fato de o pastor Zink ser um missionário e não um pastor alocado àquela comunidade, que já possuíam um templo religioso desde 1884, apesar do mesmo possuir as duas diagonais na cruz e também a proibição da existência de campanários das igrejas não-católicas, pois não havia liberdade de culto no país até a Proclamação da República, conforme já mencionamos.<sup>128</sup>

Em 1889, o pastor Zink casou sua própria filha Julie com Theodor, e algum tempo depois Zink voltava a Campinas, de onde prosseguiria seu trabalho missionário. Os dois começavam a empreender a idéia de fazer um internato. Porém, a febre amarela fez com que o professor fechasse a escola por alguns meses. Na ausência de um pastor na cidade, como já mencionado anteriormente, Theodor Koelle sentia-se responsável por seus alunos e também por todos os outros membros da comunidade, pois era ele a pessoa mais preparada para levar a orientação espiritual para os demais.

Nessa época de surtos de febre amarela (1896), Theodor confortava as famílias, com visitas e preces. Ele mesmo sofreu com febre amarela, recuperando-se sem seqüelas, e também sua filha. Após esse surto de doenças, Theodor decidiu seguir seus estudos teológicos.

Após a Proclamação da República, já em 1900, foi possível inaugurar uma torre na Igreja Luterana; ou seja, a partir de então começaram a ter realmente permissão para existir de fato como Igreja Luterana. Além disso também foram retiradas as duas traves diagonais da cruz do templo luterano, situação de imposição antes da instauração da República.

A formação da escola alemã em Rio Claro teve como intuito principal fortalecer a tradição e a memória na região, para não perder a característica identitária deste grupo na localidade. Logo tal instruição foi formada com a intenção de fortalecer os vínculos sociais entre os descendentes dos imigrantes. Assim, este espaço também deve ser entendido como

---

<sup>128</sup> TRIMER, R, Op. Cit.

um local de sociabilidade, de laços sociais que são criados entre os participantes, com o intuito maior de não perder a memória européia.

Já nas comunidades aldeãs da Europa – pequenas sociedades isoladas do tipo *folk* – a escola transmitia justamente aquela parte da cultura que ligava a aldeia à sociedade nacional. O conhecimento da escrita era indispensável como meio de comunicação na sociedade mais ampla. A aprendizagem da Geografia e da História proporcionava não somente elementos de compreensão racional da sociedade da Alemanha em formação, mas era destinada também a criar vínculos emocionais. Fundir a multiplicidade das comunidades locais em uma única sociedade nacional era também a intenção das escolas alemãs, embora outras instituições corroborassem para os ideais de unificação.<sup>129</sup>

De qualquer maneira, o mestre-escola na Alemanha agia como emissário da sociedade mais ampla, representando-lhe a autoridade, juntamente com certos funcionários administrativos e o ministro protestante. A vinda do professor não dependia da iniciativa da população local e esta não tinha influência sobre a sua atuação profissional controlada como era pelas autoridades escolares superiores.

É óbvio que nas comunidades rurais teuto-brasileiras a função da escola não podia deixar de ser profundamente diversa. Precisamente aqueles conhecimentos, cuja transmissão era destinada, no país de origem, a articular a comunidade local à sociedade nacional, representavam aqui valores estritamente locais ou regionais que segregavam as comunidades teuto-brasileiras em vez de associá-las à sociedade nacional. O velho tipo de escola isolada, mantida e controlada pelos próprios colonos, desempenhava a função de perpetuar a cultura local, contrariamente à escola alemã, cujas funções permaneceram estranhas à cultura local.

Lacmann, por exemplo, observou no início do século XX que, em certas “escolas alemãs” rio-grandenses visitadas por ele, “a nova geração já conversava em português.”<sup>130</sup> Porém, a função de separar (segregar) da escola alemã continuava mesmo quando as demais condições de vivência do ambiente já estavam mudando. Esse fenômeno somente pode ser interpretado como tentativa empreendida pela geração velha, talvez apoiada pela Igreja Evangélica, de perpetuar a cultura tradicional contra as tendências de mudança que se faziam sentir no mundo mental dos jovens.

Modificações estruturais da sociedade teuto-brasileira (formação de classes, urbanização e industrialização), contribuíram para alterar a função das suas escolas que passaram a ser, em proporção crescente, meios de articulação com a sociedade nacional. Nas

<sup>129</sup> WILLEMS. **A aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil, 1980

<sup>130</sup> LACMANN, op. cit., p. 157.

escolas católicas, a mudança ocorreu mais cedo e de maneira muito mais completa do que nas escolas evangélicas.

Ao lado de outras diferenças que distinguiam a escola teuto-brasileira em confronto com a escola alemã, convém assinalar mais uma. Devido à rarefação demográfica da zona de colonização teuto-brasileira e o conseqüente isolamento dos sítios, a escola atraía muito mais as crianças do que na Alemanha. Daí deriva a função inversa da escola: do ponto de vista da criança a escola é, no país de origem, um obstáculo à liberdade de manifestação da sociabilidade infantil. No Brasil a escola é uma das poucas oportunidades de reunir-se a outras crianças e de fugir, em parte, ao controle da geração adulta.<sup>131</sup>

Através da escola teuto-brasileira inúmeras vezes se fizeram tentativas de perpetuar a lealdade dos colonos com relação a determinados valores da cultura originária. Numa cartilha, em alemão, encontramos o seguinte trecho:

Nossa Pátria.

Nossa Pátria é o Brasil. Somos brasileiros porque nascemos no Brasil. A maioria dos habitantes fala a língua portuguesa. Esta é a língua do país. Esta língua devemos e queremos aprender. Mas a nossa língua materna é o alemão, pois esta língua aprendemos dos nossos pais alemães. Nunca devemos esquecer a língua alemã como sendo a herança dos nossos pais; ela é uma língua maravilhosa. Não devemos envergonhar-nos dessa língua e da nossa ascendência germânica. Nossa pátria, o Brasil, é um belo e rico país. Devemos amá-lo de todo o coração.<sup>132</sup>

Todavia, é preciso levar em conta a diferença entre o que se pretendia e o que realmente se conseguia perpetuar no meio teuto-brasileiro. Só os imigrantes vindos em idade adulta tinham uma representação mais ou menos nítida de sua terra, mas, nesta época, como ainda não havia a unificação alemã (antes de 1870), os imigrantes se identificavam apenas com o estado de origem. Aos imigrantes mais antigos nada significava a unificação política da Alemanha, pois não lhe sentiam nem as causas nem as conseqüências de tal unificação. O que importa mais, no entanto, é o fato de que a escola era mais frequentada por descendentes de segunda, terceira, quarta ou quinta geração de imigrantes, ou seja, para quem a noção de terra dos antepassados já tinha perdido o significado real e vivo que possuía para aqueles que transpuseram o Atlântico, sendo que, para estes que atravessaram os mares, não havia nítida, em suas mentes, uma noção de Alemanha enquanto Estado.

É forçoso admitir que, para o colono, um baú, um retrato, um objeto de adorno trazido pelo antepassado, tinha um valor simbólico muito mais vivo do que a apagada idéia de uma terra dos antepassados.

<sup>131</sup> WILLEMS. **A aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil, 1980

<sup>132</sup> **Neue Fibel** (Porto Alegre, 1933), p. 81-82.

Diversa era a situação no meio urbano com grande número de imigrantes e uma vida intelectual baseada em relações diretas com o país de origem. Aí a escola dispunha de recursos mais eficientes para manter viva a lealdade aos valores tradicionais. Mas não se deve esquecer que foi justamente o meio urbano com suas solicitações constantes e cada vez mais insinuantes que acelerava a assimilação e, portanto, a perda dos valores tradicionais.

Não havia conflito enquanto as tentativas de implantar lealdades duplas eram toleradas e a frequência das escolas teuto-brasileiras não acarretava oposição. À medida que a oposição se fazia sentir, que se exigia do indivíduo, com sanções cada vez mais drásticas, que se "definisse", que fosse brasileiro ou alemão, a maioria das escolas teuto-brasileiras se tornavam fatores de marginalização cultural e de conflitos pessoais.

Enfim, foi neste contraste de igual e/ou diferente, tanto na constituição da Igreja Luterana quanto da Escola Alemã, ambas atreladas ao mesmo contexto, é que se deu a inserção dos imigrantes alemães na sociedade rio-clarense. Ora diferenciando-se e ora igualando-se ao diferente que já residia na localidade, o imigrante criou seus círculos sociais, visando assim criar também espaços de poder. Fortalecendo sua cultura, ou seja, agindo enquanto uma endogamia (exemplos: Escola e Igreja Alemãs), conseguiu se fortalecer enquanto grupo social perante à sociedade rio-clarense, que não abria espaço para a integração destes. O estudo deste tipo de sociabilidade criada pelos imigrantes alemães continua no capítulo seguinte.

## **CAPÍTULO 4**

### **OUTRAS ESFERAS SOCIAIS DE PARTICIPAÇÃO DOS ALEMÃES EM RIO CLARO**

#### **4.1 Fundação do Clube de Ginástica**

Um aspecto importante para o estudo é o que Boris Fausto denomina de microssociedades, sendo estas os laços entre os grupos étnicos que se davam por meio de organizações criadas por eles próprios, situadas entre as esferas públicas e privadas. Seriam os clubes comunitários, teatros, associações de socorro mútuo, sindicatos, templos religiosos, escolas, entre outros. Um grande exemplo dessas organizações é o Clube de Ginástica Rioclarense.

Como já explicado anteriormente, o Clube de Ginástica surge na Sociedade Rio-Clarense como mais um espaço de sociabilidade para os alemães. Este círculo social acabou surgindo em todos os locais de colonização alemã no Brasil, como na região sul do Brasil e também no Espírito Santo.

O Grupo Ginástico Rioclarense foi fundado em 6 de janeiro de 1919, sob a liderança de Reynaldo Meyer. Meyer organizou a fundação de uma sociedade esportiva e recreativa, com o intuito de difundir a educação física, assim como organizar bailes e piqueniques, ou seja, criar vínculos sociais mais fortes entre os alemães.

A primeira diretoria foi eleita em 23 de abril de 1919. Ficou assim constituída: Presidente – Reynaldo Meyer; Vice-presidente – João Rattky; Secretário – Frederico Nissen; Tesoueiro – Jorge Fray; 1º Procurador: Frederico Thinemann; 2º Procurador – Ernesto Eigenheer; 1º Fiscal – Ewaldo Meyer; 2º Fiscal – Gustavo Stein; 1º Arquivista – Gustavo Stein; e 2º Arquivista – Ernesto Walter. Além destes foram também fundadores Willy Meyer, Oscar Meyer, Augusto Walter e Paulino Eigenheer.<sup>133</sup>

Num quintal cedido por Christiano Iost à rua 2 entre avenidas 14 e 16, cerca de 30 rapazes exercitavam-se duas vezes por semana, sob a direção de Jorge Fray. Já em julho de 1920, com a orientação de Frederico Thienemann, foi fundada a seção feminina. Esta seção também foi dirigida por Ewaldo Meyer, Paulino Eigenheer, Antonio Margara e depois por Lydi Meyer. Posteriormente, em 1929, foi fundada a seção infantil, dirigida por Lydia Meyer até 1952, quando encerraram todas as atividades relacionadas à ginástica.

Segue abaixo transcrição da Ata da Fundação do Clube:

“Sob a presidência do senhor Reynaldo Meyer e secretariada pelo senhor Frederico Nissen, às 19:30 horas, do dia 6 de janeiro de 1919, no prédio situado na esquina da rua 4 n° 71, presentes os sócios fundadores abaixo assinados, foi convocada uma reunião para instalação e fundação do Grupo Ginástico Rioclarense, sociedade esportiva (ginástica livre e aparelhos) e recreativa (bailes e convescotes). Instalada e fundada a Sociedade, foi marcada nova reunião para o dia 23 de abril de 1919, para aprovação dos estatutos, prestação de contas, eleição da primeira diretoria e outros assuntos de interesse da Sociedade. Nada mais havendo a tratar, o senhor Presidente deu por encerrada a reunião às 22:30 horas, tendo eu Frederico

<sup>133</sup> Arquivo do Clube Ginástico Rioclarense.

Nissen, secretário, lavrado a presente ata. Rio Claro, 6 de janeiro de 1919. Seguem-se as assinaturas dos fundadores: Reynaldo Meyer, Frederico Nissen, Jorge Fray, Frederico Thienemann, João Rattky, Donato Marcucci, Ernesto Eigenheer Filho, Antonio Eichenberger Sobrinho, Godofredo Moga, Oscar Meyer, Ramon Marba, Ernesto Walter, Ewaldo Meyer, Gustavo Stein, Willy Meyer, Emilio Fischer, Bruno Francisco Meyer, Manoel A. Hoffmann e Camillo Cazzaniga.”<sup>132</sup>

Na ata do mês de maio foram discutidas outras questões, como a proposta do Sr. Presidente Reynaldo Meyer, de aceitar pessoas do sexo feminino como sócias em condições diferenciadas, tendo entrada franca em todas as festividades realizadas pelo clube. As mensalidades para essa modalidade foram de meia, que é de \$500. Na mesma reunião foram decididas que haveria 4 festividades durante o ano, dois bailes e dois piqueniques. Na mesma reunião Gustavo Stein propôs que os sócios que quisessem dançar nos bailes pagariam a importância de 1\$000 e aqueles que apenas fossem para apreciar nada pagariam. O uniforme do clube ficou estabelecido em maio: calças brancas, faixas pretas, meias pretas e gravatas borboletas pretas.

Na ata de 23 de julho de 1919 foi aceito como sócio o Sr. Augusto Schmidt, de nacionalidade austríaca, segundo o documento do clube, casado, com 45 anos de idade, industrial, residente a Av. 3 entre as Ruas 1 e 2, tendo como observação a seguinte escrita entre parêntesis “pai do nosso ex-prefeito”. Aos 22 de outubro de 1919, segundo a mesma publicação, foi aceito como sócio do Grupo Ginástico Rooclarense o jovem Sr. Augusto Schmidt Filho, brasileiro, solteiro, com 14 anos de idade, residente a Av. 3 nº 1, tendo como proponente os Srs. Reynaldo Meyer e Frederico Nissen, mostrando, mais uma vez, que as relações de amizade e de alguma maneira “apadrinhamento” entre os descendentes alemães também se fazem presente na formação do Clube Ginástico Rioclarense.

No ano de 1921, com o grande aumento no número de associados, a sociedade pôde adquirir, no mês de outubro, um terreno para a sua sede própria, segundo os registros existentes no próprio clube. Tal terreno foi adquirido pela quantia de 4:000\$000, com a metragem de 15 por 46 metros, situado à avenida 4 entre as ruas 4 e 5.

Além de difundir a cultura física, a sociedade promovia muitos bailes. As chamadas “partidas dançantes”, realizadas nos salões da Sociedade Italiana, eram sempre abertas por uma “polinesa” ao som da marcha “two-step 6 de janeiro”, composta especialmente por Paschoal Gullo. A animação era entregue à Orquestra “Variedades” que, tendo a frente o maestro Fábio Marasca, reunia os melhores músicos da época. Piqueniques, segundo jornais analisados nos arquivos do Clube Ginástico Rioclarense, também eram frequentes, e estes

---

<sup>132</sup> Arquivo do Clube Ginástico Rioclarense.

eram organizados pelo Clube, e eram realizados aos domingos, principalmente na Usina da Central Elétrica. Como de costume, eram realizados dois bailes e dois piqueniques anuais.

O clube teve grande desenvolvimento graças ao convívio e entrelaçamento com sociedades congêneres, como a “Deutscher Turverein” e a “Turnerehaft von 1890” de São Paulo e a “Deutsche Turnergruppe” de Campinas, o que mostra a sociabilidade desenvolvida entre os descendentes de alemães do estado de São Paulo. Durante muitos anos estas sociedades estiveram presentes com grandes caravanas em todas as comemorações do Ginástico, participando não somente de espetáculos de ginástica, mas também de bailes.

Os bailes carnavalescos eram promovidos desde a fundação do clube, mas somente em 1925 marcou sua presença nas ruas. Naquele ano, o Ginástico, cuja comissão carnavalesca era composta por Willy Meyer, Jodate David e Oscar Meyer, participou do curso com quatro carros alegóricos: “Quiosque Japonês”, “Princesa d’Oeste”, “Carro dos Moços Ginásticos” e “Moinho de Vento”, sendo este último classificado em primeiro lugar.<sup>133</sup>

Em 1927, a diretoria do clube, procurando obter melhores instalações, adquiriu por 55:000\$000 o antigo prédio da Santa Casa, localizado na esquina da rua 2 com avenida 3, desfazendo-se então do terreno da avenida 4. O prédio totalmente reformado foi entregue aos associados em 26 de janeiro de 1929. Agora com sede própria, o Clube Ginástico passou a ser a liderança nos festejos carnavalescos em Rio Claro. A década de 30 foi marcada por uma série de memoráveis carnavais, nos quais se destacam as artísticas decorações de Carlos Hedler e os grandiosos blocos organizados por Lola Walter. Em 1959, o presidente Otávio Pagni lança a Festa da Cerveja, o que caracteriza ainda mais a ligação entre a colonização alemã e a fundação do clube. Tal promoção passou a ser uma atração turística na cidade, visto que foi a primeira festa do gênero no interior e a segunda do Brasil. Em 1965, o clube volta a prestigiar as atividades esportivas, formando equipes masculinas e femininas.

Enfim, as condições para a fundação do clube pela família Meyer eram bastante humildes, e localizaram-se num terreno de propriedade do dr. José Vasconcelos de Almeida Prado Junior, que era deputado estadual pelo 8º Distrito e foi eleito senador estadual. Depois, o Grupo Ginástico transferiu-se para o terreno da Avenida 4 entre Ruas 4 e 5, onde depois foi construída a residência do sr. João Augusto Alves Meira. Por volta de 1928 a Santa Casa mudou-se para o seu novo prédio. O Ginástico resolveu comprar as instalações da Santa Casa, e iniciaram-se as reformas.

---

<sup>133</sup> Informações contidas em jornal comemorativo de aniversário de 50 anos do clube de ginástica, disponível no arquivo do próprio clube, na cidade de Rio Claro.

Além da parte edificada, o dr. Ruy Ladislau comprou o restante do terreno, sendo que tal transação teve apenas um voto desfavorável, o do sr. Leopoldo Meyer. Isto ocorreu pois, segundo jornal arquivado no clube Ginástico Rioclarense, Leopoldo comprou por 200 contos de réis os terrenos que estavam sendo adquiridos pelo dr. Ruy Ladislau. Após essa transação o próprio senhor Leopoldo vendeu os terrenos ao Grupo Ginástico por 50 contos, com facilidades.<sup>134</sup>

A partir de então o Grupo Ginástico passou por sucessivas reformas, mas não se desvinculou das atividades de ginástica, em que o instrutor era George Fray, aposentado da Companhia Paulista de Estrada de Ferro.

José Romão Pereira Junior, participante efetivo da grande diretoria, exercia o cargo de gerente do Banco Mercantil, de forma que eram mais facilitadas as operações de crédito para o clube. Coube à iniciativa de Romão as sucessivas e grandes reformas que modernizaram o prédio.

Segundo publicação de 1952 nos arquivos do Grupo Ginástico Rioclarense, “destaca-se que o Grupo Ginástico Rioclarense se integrou logo na sociedade, sempre se apresentando com a mais convincente formação moral.” A partir desses relatos anteriores podemos perceber a importância da Fundação do Clube de Ginástica para a Integração dos imigrantes alemães e seus descendentes na sociedade local. Além dos laços sociais primários, formados entre os familiares, podemos perceber que são feitos laços secundários dentro dessa associação. A Solidariedade Orgânica (ou secundária), segundo Durkheim, é fruto das diferenças sociais, já que são essas diferenças que unem os indivíduos pela necessidade de troca de serviços e pela sua interdependência. Os membros da sociedade em que predomina a Solidariedade Orgânica estão unidos em virtude da divisão do trabalho social, como no caso da Fundação do Clube de Ginástica, onde cada um possui uma função na sua constituição e funcionamento.

Sobre o urbano, podemos pensar em, por exemplo, no conceito de *habitus*<sup>135</sup>; ou seja, os conhecimentos incorporados por diversas formas da sociedade, as experiências, os modos de vida que passam de uma geração a outra, mesmo quando ocorrem deslocamentos ou transformações espaciais ao redor de um determinado grupo social. Isto pode ser nitidamente percebido com relação ao grupo de imigrantes alemães na região de Rio Claro, que trouxe consigo a Igreja Luterana, os conceitos de Escola Alemã e também a cultura da Educação Física (Clube de Ginástica), que também é um espaço de lazer.

Tais questões relativas ao *habitus* podem ser percebidas, por exemplo, na mudança dos

---

<sup>134</sup> Informações contidas em jornal comemorativo de aniversário de 50 anos do clube de ginástica, disponível no arquivo do próprio clube, na cidade de Rio Claro.

<sup>135</sup> BOURDIEU. **O poder simbólico**, 1989.

“modos de vida” da população rio-clarense em geral, visto que tais imigrantes importavam também hábitos (alimentícios – verduras, legumes; costumes – utilização de troles; experiências urbanas diferenciadas – criação de Igrejas; escolas; etc) que eram incorporados paulatinamente ao cotidiano rio-clarense.

#### **4.2 Participação política dos alemães em Rio Claro (séculos XIX e XX)**

A partir da segunda metade do século XIX, a ocupação de cargos administrativos na cidade de Rio Claro se deu por membros das famílias que dominaram a história econômica e política local, entre eles o Senador Vergueiro, com o cargo de Inspetor de Caminhos – promover abertura de estradas, construção de pontes e outros melhoramentos a fim de facilitar a comunicação, respondendo aos interesses na ocupação das terras.

Até 1870, o partido Conservador dominou a política no município; já a partir de 1872, os republicanos começaram a ascender no cenário político. Os fazendeiros locais eram chefes dos três partidos: Liberal (líder: José Elias Pacheco), Conservador (líder: Visconde do Rio Claro) e Republicano (líder: Manoel Ferraz de Campos Salles), e também ocupavam vários cargos do poder municipal, regional e/ou nacional. Assim, o período se caracterizou como uma luta aberta entre coronéis-fazendeiros,<sup>136</sup> com eleições republicanas que davam desfechos às disputas, sem grandes divisões na política hegemônica do município.

Antes da proclamação da República (1889), em 67 anos de duração, o regime anterior contou com 526 posições políticas ocupadas por 342 indivíduos. Entre 1889 e 1925, a elite política paulista era de 263 pessoas que ocuparam todos os cargos importantes no governo e no Partido Republicano (círculo fechado; e a origem social era o critério de ascensão) - nesse período, nenhum trabalhador entrou para seus quadros, e os imigrantes e seus descendentes que conseguiram status ascensionais proporcionados pela riqueza, participaram numa proporção de 5% do total paulista, ou seja, apenas 11 pessoas.<sup>137</sup>

A modernização de Rio Claro pode ser considerada como de caráter conservador, visto que a idéia de modernização conservadora está vinculada a todo um desenvolvimento urbano e um desejo de experimentar os “novos acessórios modernos” (urbanização, ferrovia, entre outros já supracitados), associados, entretanto, as marcas históricas que definem a configuração social brasileira, em especial a costumeira manutenção do poder das elites, que,

---

<sup>136</sup> Os coronéis faziam e desfaziam tudo: escolhiam cabos importantes, gente com mando para as mesas eleitorais, dividiam a cidade, e o resultados das eleições era o que eles queriam. DAVIDS, 1968, op. cit., p. 42.

<sup>137</sup> RODRIGUES. **Estruturas de classes e poder político local nas cidades médias paulistas**. São Carlos: Núcleo de Documentação, UFSCAR, s/d, relatório de pesquisa, 1991

como em todo o Brasil, também ocorreu em Rio Claro.<sup>138</sup>

Entre o final do século XIX e 1904, houve a ascensão e o declínio dos chefes mais tradicionais de Rio Claro. A oligarquia Salles se estabeleceu de forma rápida no poder; porém, sofreu um rápido declínio de 1901 a 1904. A família Salles teve grande desprestígio devido ao assassinato de Diogo Salles que ficou vinculado aos imigrantes italianos, o que o abalou os Salles no cenário político local. Também houve abalos na política nacional no mesmo período, o que ocasionou uma dissidência do partido republicano paulista, partido este da família Salles, enfraquecendo-o.

Em Rio Claro, o episódio que envolvia o assassinato de Diogo Salles por um imigrante causou um “maremoto”, na expressão de Warren Dean. Em Analândia, local do crime, a polícia agiu violentamente, espancando vizinhos para arrancar depoimentos. Em Rio Claro, município onde os sallistas eram oposição, e local do julgamento, as simpatias pelo imigrante Ângelo eram fortes. Para sua defesa, os italianos de classe média contrataram um advogado famoso. O presidente da República, no Rio de Janeiro, enfrentava o fantasma da reação do governo italiano, pois o incidente extrapolou as dimensões locais, como acontecia com as questões envolvendo imigrantes e seus patrões.

A Itália já estava preocupada com a suspensão, em 1899, do sistema de contrato de imigrantes. Os relatórios enviados pelos consulados sobre dificuldades nas fazendas levaram o governo italiano a proibir, em março de 1902, que seus cidadãos aceitassem transporte gratuito para o Brasil. Em resposta, o governo brasileiro aprovou algumas medidas para melhorar a posição dos trabalhadores em caso de falência.<sup>139</sup>

Os fazendeiros abandonavam Rio Claro ao mesmo tempo que o café entrava em decadência. Assim, um espaço político precisava ser ocupado, que, agora, deveria contar com a população urbana, composta, em grande parte, pelos imigrantes, que, no núcleo urbano, eram uma parcela significativa da população, tanto qualitativa como quantitativamente, como já elucidado em capítulos anteriores. Assim, a participação política dos imigrantes em Rio Claro esteve ligada, a partir desse momento, ao papel que exerceram no comércio e na indústria incipientes no município, e nas áreas social, cultural e religiosa.

A situação mais favorável aos imigrantes em Rio Claro se deu devido a sua história no local: a sua integração aconteceu desde cedo e não sofreu, de forma clara, discriminação ou preconceito étnico.<sup>140</sup> Como foi visto anteriormente, o desenvolvimento do complexo urbano

<sup>138</sup> SEVCENKO, N. **Introdução:** o prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In SEVCENKO, N. (coord.). **História da vida privada no Brasil:** República: da Belle Époque à Era do Rádio. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, vol. 3, p. 07-48.

<sup>139</sup> DEAN, 1977, op. cit., p. 175.

<sup>140</sup> Somente na década de 1930 ocorreu um caso desse tipo, contra um presidente da Câmara Municipal, acusado

esteve estreitamente ligado à economia rural, com o estabelecimento de atividades ligadas ao transporte, ao beneficiamento e ao financiamento do café. Devido às crises do produto e as limitadas possibilidades de aquisição de pequenas propriedades, o meio rural passou a deixar de atrair a mão-de-obra. O núcleo urbano passou a se constituir como o pólo de atração, particularmente para os imigrantes, que aí se estabeleceram como comerciantes ou industriais.

Na educação local, já em 1873, a escola protestante – Colégio Americano – foi fundada por um português; e em 1883 teve início a escola alemã, futuro Colégio Koelle, como já explicitado anteriormente; e a partir de 1893, abriram-se outros grupos isolados, com professores alemães. Na década de 1920 outra escola foi fundada por Arthur Bilac, de família italiana, que mais tarde seria vereador e presidente da Câmara. No campo religioso, a presença de imigrantes também foi importante: a figura do padre Botti, ainda não mencionada nesse estudo, chegado da Itália em 1891, consolidou ainda mais a integração do estrangeiro na cidade.<sup>141</sup>

Dentro desse contexto, Marcelo Schmidt utilizou o cenário a seu favor. Já no início do século XX, o núcleo urbano se firmava como pólo dinâmico de Rio Claro, pela presença das atividades artesanais e industriais de pequeno porte e tendo a Cia. Paulista de Estrada de Ferro como fonte de emprego, atraindo a população rural, principalmente a imigrante; ou seja, Schmidt desenvolveu uma política mais adequada à nova realidade que se apresentava.

Paulatinamente, o poder político tradicional passou a enfrentar problemas, visto que a força e o poder dos chefes locais estavam vinculados também às condições de sua capacidade de adaptação às mudanças havidas com o deslocamento das bases econômicas e políticas do eixo exclusivamente rural para o centro urbano. As eleições de 1904 marcaram uma transição de poder, que contou com novos elementos – a presença do eleitorado urbano. Este eleitorado exigiu novas estratégias para a dominação coronelista exercida por Schmidt, como uma maior atenção para as questões que envolviam os imigrantes, como as greves de trabalhadores.

A exemplo do que acontecia no Estado de São Paulo, em 1902 já estavam presentes, em Rio Claro, os movimentos socialistas e anarquistas, e no mesmo ano, conseguiram, inclusive, o apoio de um representante consular à greve de colonos na Fazenda Morro Grande, próxima à cidade. Em 1901 aconteceu a primeira greve dos ferroviários, idealizada poucos meses antes das eleições, que iniciou com objetivos salariais, mas tornou-se um caso político,

---

de ser italiano, o que o impediria de ocupar cargos políticos.

<sup>141</sup> BILAC, 2001, op. cit., p. 75.

pois os chefes da Cia. Paulista de Estradas de Ferro eram ligados a Joaquim Salles.

Em 1906, os movimentos grevistas afloraram com maior intensidade, o que levou à elaboração de uma política com caráter mais conciliatório, ou seja, apoiando os movimentos operários. Segundo Davids<sup>142</sup>, o coronelismo, em 1906, pretendia dominar os movimentos antagônicos à estrutura oligárquica do município.

Assim, Marcello Schmidt apoiou o movimento, atravessando, inclusive, as medidas conciliatórias do governo estadual, conseguidas via Joaquim Salles, seu adversário político e deputado estadual. Enfim, percebe-se que as greves políticas tornaram-se objeto de luta entre os coronéis Schmidt (Partido Republicano Histórico) e Salles (Partido Republicano Paulista) em Rio Claro, ambos pertencentes a facções opostas do Partido Republicano.<sup>143</sup>

A partir de 1904, o novo chefe político, o Coronel Marcello Schmidt, pertencia a uma família imigrante de classe média do Rio de Janeiro, que se aliou à oligarquia local por meio dos laços de casamento. É preciso lembrar a importância das relações de parentesco e amizade nas respostas dadas pelos imigrantes às oportunidades que se lhe apresentaram. Assim, retoma-se o conceito de homem cordial<sup>144</sup>, que leva em conta as “relações de simpatia” que tanto marcaram o homem brasileiro, fazendo com que baseasse suas relações sociais na afetividade e no desrespeito aos códigos de impessoalidade que regem as organizações burocráticas (como o Estado) e a posição e/ou função exercida pelo indivíduo.

Tais relações pessoais facilitavam o acesso a determinadas oportunidades se tal relação de simpatia já existisse, excluindo, portanto, a população estrangeira na região de Rio Claro, visto que tal contingente populacional não fazia parte desses laços previamente estabelecidos. O coronel Schmidt, descendente de imigrante alemão, favoreceu-se dessa “cordialidade” ao se casar com a filha de um fazendeiro da oligarquia local; ou seja, apesar de ser descendente de imigrante, conseguiu chegar ao poder em virtude dos laços de família.

Segundo Rodrigues<sup>145</sup>, em sete cidades do complexo cafeeiro parece ter havido uma ascensão significativa de imigrantes ao cargo de vereador, embora não se verifique o mesmo para o cargo de prefeito. Até 1930, a ocupação destes cargos era quase exclusivamente feita pelas famílias tradicionais da cidade ou da região.<sup>146</sup>

<sup>142</sup> DAVIDS, 1968, op. cit., p. 58

<sup>143</sup> DAVIDS, 1968, op. cit., passim

<sup>144</sup> HOLANDA, S. B. op. cit., 1995, passim

<sup>145</sup> RODRIGUES. **Estruturas de classes e poder político local nas cidades médias paulistas**. São Carlos: Núcleo de Documentação, UFSCAR, s/d, relatório de pesquisa, 1991

<sup>146</sup> *Rio Claro Sesquicentenária*. Rio Claro: Museu Histórico e Pedagógico “Amador Bueno da Veiga”, 1978, In: BILAC, 2001, op. cit., p. 89 e 90; e BILAC, 2001, op. cit., p. 91

A partir da década de 1920, aconteceram muitas dissidências e realinhamentos no seio das elites; ou seja, houve a fundação de partidos oposicionistas; insurreições que contestavam a legitimidade do regime; e movimentos de trabalhadores. Além disso, a industrialização e a urbanização que ocorriam no país deram origem a conseqüências políticas importantes, que inseriram novos atores no processo político.

A crise em 1930, que levou ao fim da Primeira República, em síntese, teve início nos desafios dos anos 20, quando os setores excluídos do jogo político, elites dissidentes e classes médias e populares, entre eles os imigrantes, propunham a abertura do sistema político. Vide tal panorama abaixo (ver **TABELA 10** e **QUADRO 3**). Conforme podemos ver abaixo, um dos dois prefeitos de família imigrante é o prefeito de descendência alemã Marcello Schmidt; e entre os vereadores de origem imigrante alemã podemos destacar o próprio Marcello Schmidt, Luiz Frederico Barthmann, Frederico Eigenheer, Jorge Hebling, Simão Hofling e Augusto Schmidt Filho.

**TABELA 10 Origem dos prefeitos e vereadores – Rio Claro (1900-1930)**

	Família tradicional da cidade	Família tradicional da região	Família imigrante	Desconhecida	Total
<b>Prefeito</b>	-	7	2	2	11
<b>Vereador</b>	1	1	17	3	22

Fonte: BILAC, M. B. B., 2001, p. 91

**QUADRO 3 República e o predomínio das novas famílias – Rio Claro (1889-1930)**

Anos	Membro da Câmara Municipal	Cargo
1889-91	José Ferraz de Assis Negreiros	presidente
	Francisco de Assis Sales	vereador
	Felício Antonio Caetano	vereador
	Dr. Jorge Black Scorrar	vice-presidente
1892-95	Dr. Jorge Black Scorrar	presidente
	Marcello Schmidt	vice-presidente
	José Jachynto de Moraes	intendente
	Luiz Frederico Barthmann	vereador
	Raphael Minervino	vereador
1895-96	Conrado Huck	vereador
1896-98	Conrado Huck	vereador
1899-01	Francisco da Santa Cruz Negreiros	vereador
	José de Campos Negreiros	vereador
	Marcello Schmidt	vereador
	Dr. Joaquim Teixeira das Neves	vereador
1902-04	Joaquim Augusto Salles	presidente
	João Antonio do Valle	vice-presidente
	Júlio Joly Netto	vereador
	Marcello Schmidt	vereador
1904-05	Frederico Eigenheer	vereador
1904-05	Marcello Schmidt	presidente

	Major José Jachynto de Moraes	intendente
	Frederico Eigenheer	vereador
	Raphael Minervino	vereador
1908-10	Major José Jachynto de Moraes	intendente
	Bruno Meyer	vereador
	Raphael Minervino	vereador
	Marcello Schmidt	vereador
1911-13	Marcello Schmidt	Prefeito
	Agesilau Nociti	vereador
1914-16	Agesilau Nociti	vereador
	Jorge Hebling	vereador
	Simão Hofling	vereador
1917-19	Marcello Schmidt	vice-presidente
	Irineu Penteado	vereador
	Simão Hofling	vereador
	Agesilau Nociti	vereador
1920-22	Irineu Penteado	vereador
	Agesilau Nociti	vereador
	Simão Hofling	vereador
1923-26	Irineu Penteado	prefeito
	Simão Hofling	vereador
	Agesilau Nociti	vereador
1927-30	Solon do Rego Barros	presidente
	Irineu Penteado	prefeito
	Humberto Cartolano	vereador
	Simão Hofling	vereador
	Augusto Schmidt Filho	vereador
	Benedito Pires Joly	vereador

Pode-se constatar também a importância do comércio e da indústria para se assumir um cargo político. Isso mostra como os círculos sociais sempre são entrelaçados, fazendo com que a integração social tenha que se dar, num primeiro momento, no âmbito econômico (ter uma profissão de destaque) para depois conseguir assumir um cargo político (vide **TABELA 11** e **TABELA 12**).

**TABELA 11 Composição profissional do Executivo e Legislativo de acordo com o primeiro mandato – Rio Claro (1900-1930)**

<b>Profissão</b>	<b>Prefeito</b>	<b>Vereador</b>
Fazendeiro	4	7
Farmacêutico	3	1
Advogado, médico, engenheiro, dentista	-	-
Funcionário público	4	-
Comerciante	-	13
Industrial	-	1
<b>Total</b>	11	22

Fonte: BILAC, M. B. B., 2001, p. 92.

Assim, dos onze prefeitos do período, quatro (36%) eram fazendeiros de expressão na cidade e região, quatro funcionários públicos (36%) e três profissionais liberais (27%). Em

relação aos vereadores, o quadro é diferente: há grande número de comerciantes (59%), ao lado de 31,8% de fazendeiros.<sup>147</sup> Apesar da ascensão do imigrante aos cargos políticos em Rio Claro já no início da República, observa-se que no caso dos prefeitos, a origem imigrante de Schmidt mesclou-se com a “situação de fazendeiro” por meio de seu casamento, a qual pode-se dizer que foi “determinante” para a ocupação do cargo. Entre os vereadores a situação era mais aberta, pois a ocupação dos cargos estava mais ligada às funções desempenhadas pelo comércio e pela indústria do que à condição de “fazendeiro”.

**TABELA 12 Origem social da elite política de Rio Claro (1900-1930)**

Níveis Ocupacionais	Pai	Políticos: ocupação à época do cargo
Baixo*	13	9
Médio**	43	46
Médio-alto***	38	39
Desconhecido	4	4
<b>Total</b>	<b>98</b>	<b>98</b>

\* Baixo: trabalhadores de pouca ou nenhuma qualificação e que são assalariados.

\*\* Médio: pequenos agricultores, pequenos comerciantes e trabalhadores assalariados qualificados média (funcionalismo público e particular de nível médio).

\*\*\* Médio-alto: médio e grande proprietário, médio e grande empresário, cargos médios e altos da burocracia, profissionais liberais autônomos.

Fonte: BILAC, M. B. B., 2001, p. 125.

Também os dados acima mostram que a maior parte dos políticos de Rio Claro possuía nível médio-alto em suas ocupações. O coronelismo é, portanto, “a forma assumida pelo mandonismo local a partir da proclamação da República”, e a figura do coronel, normalmente com origem de nível médio-alto, aparecia, ao imigrante, como seu ponto de apoio.<sup>148</sup>

Nós saímos de Jaboticabal, da fazenda do coronel [...] chegamos em Rio Claro que você nem pode imaginar: sujos, cansados, não falávamos uma palavra de português. Só meu pai que falava um pouco. Precisamos do trabalho, procuramos algum patrício (alemão) e o coronel Marcello Schmidt, que era político em Rio Claro, conseguiu emprego na metalúrgica. Lá a gente trabalhava bastante, mas dava prá viver. Foi um alívio, nós estávamos acostumados a uma vida boa na Alemanha, o que encontramos aqui, de começo, Deus me livre.<sup>149</sup>

A importância dos grupos oligárquicos se deu pelo relativo fracasso dos grupos emergentes (classes médias e grupos de empresários vinculados às indústrias) que, apesar da importância econômica, a partir de 1930, não conseguiram fazer das classes emergentes o centro decisivo da atividade econômica. Ou seja, a decadência da cultura cafeeira em Rio Claro levou à decadência também dos fazendeiros e à formação de uma classe média, que

<sup>147</sup> Dados recolhidos de: BILAC, 2001, op. cit., p. 92

<sup>148</sup> QUEIRÓZ. **O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios**. São Paulo: Alfa-Omega, p. 160.

<sup>149</sup> Apud DAVIDS, 1968, op. cit., p. 84, nota 74

deveria ser integrada ao poder antes que se tornasse uma força contrária. Os fazendeiros não conseguiam, por exemplo, excluir as novas camadas sociais ascendentes. Segundo Dean:

[...] herdeira do município foi a classe média urbana, constituída de uns poucos antigos colonos e, na maioria, de imigrantes que na Europa tinham vivido em cidades e tinham chegado com uma ocupação, um capital e relações familiares. [...] Casaram-se com as filhas dos fazendeiros falidos e, depois, casaram-se entre si. À medida que prosperavam e compravam lotes e casas na cidade, sítios suburbanos e, finalmente, as fazendas repartidas, ao mesmo tempo o poder econômico e político da capital do Estado penetravam mais a fundo no município.<sup>150</sup>

Fez-se necessária uma manobra de adaptação diante dos novos rumos, papel este exercido por Schmidt, sendo ele próprio filho de imigrante. Schmidt fez com que as composições no poder político fossem possíveis, reforçando, por mais um tempo, o *status quo* do município, excluindo os marginalizados e controlando os mais radicais (os grevistas).

A partir das informações supracitadas, observa-se que havia uma certa mobilidade social no período estudado, visto que a corrida pelo lucro e pelo poder (político e/ou econômico) atingia a todos que aportassem na cidade, sejam os donos das fazendas de café, sejam os imigrantes que na região se instalavam e que possuíam um “espírito empreendedor”, a exemplo do imigrante Schimidt, que conseguiu entrar na política de poder local devido a seu poder econômico aliado aos seus laços de sociabilidade.

Enfim, a comunidade de imigrantes alemães em Rio Claro, aos poucos, passou a buscar a reconstrução do modo de vida da terra de origem visando transmitir às novas gerações os seus sistemas de idéias, sentimentos, hábitos, crenças religiosas, as tradições nacionais e as opiniões coletivas, empreendendo um "amplo projeto educacional". Dessa forma, a escola, o lar, a igreja, a imprensa, os grupos de governo e as associações diversas atuaram como agentes promotores da educação de maneira formal e não-formal, intencional e não-intencional. A influência formativa/educativa se realizava, portanto, em uma pluralidade de direções e se expressava em uma diversidade de modos. Nesse panorama, as sociedades alemãs, fundadas em Rio Claro no século XIX, se destacaram na função de transmitir e preservar a herança cultural da terra de origem.<sup>151</sup>

<sup>150</sup> DEAN, 1977, op. cit., p. 182

<sup>151</sup> [NOBRE. Colégio Koelle: um marco na história da educação em Rio Claro \(1883-1933\)](#). Rio Claro: UNESP, 1998

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região de Rio Claro, segundo Emílio Willems, teve um grande número de imigrantes alemães, como já explicitado anteriormente, isto já em meados dos séculos XIX e XX.<sup>152</sup> A amplitude em termos de quantidade de imigrantes alemães em Rio Claro foi demonstrada anteriormente, e o seu impacto na formação da cidade de Rio Claro também foi estudada nos primeiros capítulos.

O desenvolvimento da cafeicultura em Rio Claro e seus desdobramentos (imigração européia, desenvolvimento urbano, entre outras questões) foram abordados no primeiro capítulo deste trabalho. Também dentro deste capítulo, foi abordada a participação do senador Nicolau de Campos Vergueiro na introdução do modelo de produção cafeeira com mão-de-obra imigrante européia e sua vinculação à modernização e à imigração na cidade de Rio Claro, destacando a chegada da ferrovia na região e também a formação da *Sociedade do Bem Commum*, que visava “modernizar” a cidade, exemplo de rede de sociabilidade forjada com o intuito de conceder melhorias à sociedade.

O segundo capítulo deste trabalho pretendeu dar continuidade nesse estudo, mostrando as características dessa imigração européia para a região. Tal capítulo teve o intuito de dar, ao leitor, um panorama geral do surgimento e desenvolvimento de Rio Claro no período proposto, e também de esclarecer como a socialização dos imigrantes europeus, entre estes em especial os alemães, ocorreu em Rio Claro. Obviamente há várias questões que merecem ser melhor aprofundadas com relação principalmente à estatística da imigração da região, as quais poderão ser objeto de estudo de pesquisas futuras.

Os contatos com a cultura originária dos alemães, também objeto de estudo desta pesquisa, fazem-se através de suas agências: pelos imigrantes novos e mediante determinadas instituições da sociedade teuto-brasileira. Tais instituições exercem (intencionalmente ou não) a função de conservar certos valores culturais originários tomando, por vezes, a feição de centros de conservação cultural, a exemplo das três instituições estudadas (Igreja, Escola e

---

<sup>152</sup> WILLEMS, op. cit., p. 145.

Clube de Ginástica), tornando-os uma endogamia, com o intuito de se fortalecer enquanto grupo social na localidade.

Também merece atenção o fato de que as referidas instituições proporcionam contatos apenas com certos aspectos da cultura de origem, aspectos esses essenciais para o fortalecimento de tal microssociedade enquanto grupo. Tal aspecto pode ser melhor percebido nos estudos sobre a Escola Alemã e a Igreja Luterana na região, já mencionados anteriormente, objetos do terceiro capítulo deste trabalho, e que poderão ser melhor aprofundados posteriormente.

O terceiro capítulo da dissertação pretendeu mostrar quais foram os instrumentos utilizados pelos imigrantes alemães para a criação de laços de sociabilidade, utilizando para tal o espaço social da Igreja de Confissão Luterana de Rio Claro. Essa análise proposta teve como fonte principal os registros de casamento e batizado dos alemães e seus descendentes que chegaram à região de Rio Claro, fornecidos pela Igreja Luterana.

A escolha dos valores a serem defendidos por essas instituições não obedece apenas às concepções ideológicas da instituição defensora, mas, em grande parte, às possibilidades reais de conservação cultural determinadas pelas mudanças já consumadas. Pode-se afirmar que a própria ideologia das instituições defensoras é diretamente influenciada pelo ritmo e pela extensão das mudanças que não lhes foi possível controlar. Um dos exemplos mais significativos é a perpetuação da língua alemã. Enquanto e onde os colonos falavam somente o alemão, a Igreja Evangélica Alemã defendia o princípio de que essa língua constituía a vigamestre da religião, como no caso de Rio Claro, e para tanto funda-se a Escola Alemã na região, com o intuito de ensinar a língua-mãe aos descendentes dos imigrantes. Para se ter noção desta exigência, apenas a partir dos anos de 1980 é que os registros da Igreja Luterana de Rio Claro começaram a ser feitos em português; antes disso somente encontramos registros em alemão (ver **ANEXOS**).

A criação de “bairros étnicos” representava, conforme já mencionado anteriormente, um fator de intimidade e segurança em contradição com as divergências da vida na cidade. Para o imigrante, esta ordem estabelecida pelo grupo faria com que este conseguisse reproduzir um pouco da sua origem neste novo lugar, oferecendo meios para que seus antigos hábitos e costumes fossem restabelecidos.

Assim, a casa, a família, a religião, a escola, o clube de ginástica, entre outros, contribuíam para trazer esses costumes para os imigrantes alemães na região de Rio Claro. Por outro lado, inúmeros pequenos grupos de imigrantes introduziram, nas primeiras décadas

da colonização germânica, uma série de elementos culturais trazidos da Europa, na sociedade brasileira, como já demonstrados anteriormente.

Cada exemplo de esfera social foi pensado, neste estudo, dentro das relações sociais (Clube de Ginástica e Escola Alemã), econômicas (desenvolvimento da cidade), religiosas (Igreja Luterana), de poder (inserção política dos imigrantes), de afetividade, entre familiares, interrelacionadas e produtoras de sociabilidades. Desta maneira, as redes sociais seriam construtos e práticas que tentam dar conta das pressões de estruturas familiares, econômicas, políticas e religiosas sobre os migrantes e de como estes reagem a elas.<sup>153</sup>

Também o quarto capítulo desta dissertação tentou dar continuidade neste estudo, abordando a Fundação do Clube de Ginástica Rioclarense, local para o lazer dos descendentes de imigrantes alemães. Tal clube, conforme demonstrado anteriormente, também se consolidou enquanto instituição na cidade de Rio Claro, fortalecendo as relações entre os imigrantes alemães e os habitantes do local “não-alemães”. Além disto, neste capítulo, também tentamos demonstrar como tais imigrantes conseguiram se inserir na política rioclarenses. Esse tema da política para os imigrantes europeus no Brasil é muito pouco abordado pela historiografia, e, por isso, merece mais destaque em trabalhos futuros.

Todo o estudo proposto teve, como fonte principal, a documentação dos arquivos da Igreja Luterana de Rio Claro e fontes primárias do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Também foram consultados teses e livros a respeito da imigração em Rio Claro na Biblioteca Pública Municipal “Centro Cultural” (Rio Claro), na Biblioteca Pública Municipal “Lenyra Camargo Fracarolli” (Rio Claro) e também na Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP) do campus de Rio Claro.

Além de todas essas instituições arquivísticas, o estudo também foi desenvolvido com bibliografia encontrada na Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP) do campus de Franca, que possui um acervo teórico e também documental de grande importância para a presente pesquisa. Destaco também, dentre as principais obras de referência que foram utilizadas nesta pesquisa, o livro **Imigração e Oportunidades de Trabalho no Período Cafeeiro**, de **Maria Silvia C. Beozzo Bassanezi**, In: Textos NEPO (Núcleo de Estudos de População) 21. Campinas: UNICAMP, 1992. Tal estudo aborda muitos aspectos importantes para esta pesquisa, conforme já mostrado anteriormente.

Enquanto esses imigrantes alemães se assimilaram à sociedade nativa, as grandes comunidades homogêneas conservaram-se diferentes elaborando, no entanto, aos poucos, uma

---

<sup>153</sup> CARLEIAL. **Redes sociais entre imigrantes**. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu – MG – Brasil, de 20 – 24 de Setembro de 2004.

cultura híbrida que pode ser chamada de teuto-brasileira, embora contenha inúmeras soluções originais: respostas a necessidades novas que não puderam ser satisfeitas com o equipamento tradicional dos imigrantes. Apesar do isolamento, ou pelo menos tentativa de isolamento, das grandes comunidades homogêneas, houve hibridação cultural; ou seja, inúmeros elementos da cultura brasileira foram integrados à nova configuração do status do imigrante que nascia.

Somente com a urbanização e a densidade demográfica crescente, houve o aparecimento de artífices entre os imigrantes, que introduziram novas técnicas (como na parte de ferramentaria, na construção de carros de boi, etc), e fundaram também pequenas indústrias. E quanto a acumulação de riquezas nota-se, já nessa época, uma diferença evidente entre os imigrantes protestantes e os católicos do local, questão essa não abordada neste estudo, que poderá ser objeto de futuros estudos, visto que o empreendedorismo foi maior entre os imigrantes alemães (luteranos) do que os outros imigrantes europeus (católicos).

O processo migratório, de modo geral, envolveu certas relações de interesse, entre aqueles que chegam e os outros residentes no lugar. Trata-se de redes de determinado tipo de sociabilidade, de reciprocidade, que resignificam as ações sociais, reterritorializam os grupos sociais, rearrajam as parcerias, na passagem ou permanência do imigrante no lugar de destino, integrando-o, adaptando-o ou re-definindo sua situação. Algumas são nitidamente políticas, outras comerciais, poucas são as promovidas pelo governo, existindo, também, as religiosas.

154

Tais redes de sociabilidade nem sempre reúnem numa só comunidade estas características, podendo ter mais de uma delas ao mesmo tempo. Mas, o que é geral, em todas elas, é sua natureza alternativa e complementar à economia formal e à sociedade dos naturais, constituindo-se em formas produtivas típicas da migração. Todas elas são organizações que envolvem novas formas de sociabilidades, objetos de pesquisa deste estudo. As formas como essas articulações se desenvolvem são as mais diversas, do mesmo modo, também, sua natureza pressupõe situações de constrangimentos, tensões, conflitos, contradições e oposições.

O processo migratório caracteriza-se por relações sociais entre os migrantes e os não migrantes, e que envolvem relacionamentos, ações e estratégias de poder, interagindo grupos, pessoas e instituições em distintos espaços e tempos.<sup>155</sup> Logo, o intuito deste esforço de pesquisa foi mostrar como se deu a estruturação de redes de sociabilidade entre os imigrantes

---

<sup>154</sup> CARLEIAL. **Redes sociais entre imigrantes**. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu – MG – Brasil, de 20 – 24 de Setembro de 2004.

<sup>155</sup> CARLEIAL. **Redes sociais entre imigrantes**. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu – MG – Brasil, de 20 – 24 de Setembro de 2004.

alemães em Rio Claro. Nesse período, o grupo de imigrantes alemães em Rio Claro pode ser considerado uma endogamia, pois apenas cria laços e associações, de maneira geral, entre si, fechando-se, de certa forma, para outras associações “multi-étnicas” de Rio Claro.

Enfim, este estudo visou tratar, portanto, das redes de sociabilidade entre os imigrantes alemães, promovidas por eles mesmos para seus pares, a fim de conservar a cultura alemã no local, entre outras finalidades. A forma como estas conexões tomam consistência basearam-se em estruturas e sistemas governamentais ou da sociedade civil, que, de uma maneira ou de outra, dificultam a colocação desses imigrantes em determinadas esferas sociais. Suas motivações estão calcadas em interesses políticos, econômicos, religiosos ou por laços de parentesco, vizinhança, ou de amizade. Objetivou-se, assim, verificar os espaços vivenciados pelos imigrantes alemães em Rio Claro, suas estratégias de sobrevivência e de ascensão social na localidade, temas estes que podem ser melhor aprofundados em pesquisas subseqüentes.

## REFERÊNCIAS

### Memórias

ALMEIDA, N. M. **Álbum de Rio Claro**. Rio Claro: Gráfico Pantaleão, 1951.

ALMEIDA, R. D. **Atlas municipal e escolar**. Rio Claro: FAPESP

BUSCH, R. K. **História de Limeira**. Limeira: Prefeitura Municipal de Limeira : Departamento de Educação e Cultura, 1927.

CAMPOS, Z. F. de. **Centenário de Rio Claro**. Rio Claro: Typ. Conrado, 1929.

FERRAZ, J. R. **História do Rio Claro (A sua vida, os seus costumes e os seus homens): 1821 – 1827 – 1922**. São Paulo: Typographia Hennes Irmãos, 1922.

FONSECA, A. A. Algumas palavras sobre a fundação de Rio Claro. In: MOLINA, T. C. (Org.). **Almanak de São João do Rio Claro para 1873**. Campinas: José Maria Lisboa : Typografia da Gazeta de Campinas, 1972; São Paulo: Arquivo do Estado : Imprensa Oficial do Estado, 1981.

KRETTLIS, C. L. **Almanak do Rio Claro**. Rio Claro: Typografia Conrado, 1906.

NEVES, C. **Almanach de Rio Claro**. São Paulo: Typografia da Gazeta, 1895.

PENTEADO, O.A. **Rio Claro, Apontamentos para sua história**. 1976.

### Obras específicas

“**A colônia Ibicaba – a influência da colônia Ibicaba no progresso de Rio Claro**”, de Aloysio Pereira, Almanaque: **Rio Claro Sesquicentenária**. Rio Claro: Museu Histórico e Pedagógico “Amador Bueno da Veiga”, 1978, p. 89-90.

DINIZ, D. L. **Rio Claro e o café: desenvolvimento, apogeu e crise (1850-1900)**. 1973. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Rio Claro, 1973.

HOLANDA, S. B. **Memórias de um colono no Brasil**. São Paulo: Livraria Martins, 1941.

[NOBRE, S. A. S. \*\*Colégio Koelle: um marco na história da educação em Rio Claro \(1883-1933\)\*\*](#). 1998. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia ) – Instituto de Bio

Ciência, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 1998.

RODRIGUES, J. A. **Estruturas de classes e poder político local nas cidades médias paulistas**. São Carlos: Núcleo de Documentação/ UFSCAR, 1991.

SANTOS, F. A. **Rio Claro: uma cidade em transformação (1850-1906)**. São Paulo: Annablume, 2002.

TSCHUDI, J. J. V. **Viagem à Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo**. São Paulo, 1954

TRIMER, R. **Lições de vida: histórias do Koelle**. São Carlos: Riani Costa, 1994.

WITTER, J. S. **Ibicaba, uma experiência pioneira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1982.

### Obras gerais

ALENCASTRO, L. F. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALMEIDA, O. **Uma ponte entre o arcaico e o moderno: José Gabriel de Oliveira e Souza e a modernização urbana em Santa Bárbara D'Oeste (1892-1920)**. 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2003.

ARRIGHI, G. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo**. São Paulo: Contraponto : Ed UNESP, 1996.

BEIGUELMAN, P. **A formação do povo no complexo cafeeiro**. São Paulo: Pioneira, 1977

CALVINO, Í. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

DELFIN NETTO, A. **O problema do café no Brasi**. São Paulo: FIPE : USP, 1981 (Ensaio econômico; v. 16).

DOIN, J. E. M. **O capitalismo bucaneiro: dívida externa, materialidade e cultura na saga do café (1889-1930)**. 2001. Tese (Livre-Docência em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2001. 2 v.

\_\_\_\_\_. Olhar, desejo e paixão: lazeres e prazeres nas terras do café (1864-1930). **ArtCultura**, Uberlândia, n. 2, v. 2, jan./dez. 2000.

DOIN, J. E. M.; PEREIRA, R. M. (Org.) **A Belle Époque caipira: a saga da modernidade nas terras do café (1864-1930)**. Franca: Ed. UNESP-FHDSS : CEMUNC, 2005

FREYRE, G. **Ordem e progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre e da monarquia para a república**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional,

1970.

GHIRARDELLO, N. **À beira da linha:** formações urbanas na Noroeste paulista. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

GRAHAM, D. H. Migração estrangeira e a questão da oferta de mão-de-obra no crescimento econômico brasileiro – 1880-1930. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 7-64, 1973.  
HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUTTER, L. M. **Imigração italiana em São Paulo (1880-1889):** os primeiros contatos do imigrante com o Brasil. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1972.

MAGALHÃES, G. **Força e luz:** eletricidade e modernização na República Velha. São Paulo, Ed. UNESP : FAPESP, 2000.

MARQUES, M. E. A. **Apontamentos históricos, biográficos e noticiosos da província de São Paulo**. São Paulo: Livraria Martins, 1952.

MATOS, O. N. **Café e ferrovias:** a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira. São Paulo: Alfa-Ômega, 1974.

MELLO, J. M. C. **O capitalismo tardio:** contribuição a revisão crítica da formação e desenvolvimento da economia brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MOTTA SOBRINHO, A. **A civilização do café (1820-1920)**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, [19--].

OLIVEIRA, J. T. **História do café no Brasil e no mundo**. São Paulo: Francisco Alves, 1989.

PESAVENTO, S. J. **O imaginário da cidade:** visões literárias do urbano, Paris-Rio-Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

QUEIRÓZ, M. I. **O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

SAES, F. A. M. **A grande empresa de serviços públicos na economia cafeeira, 1850-1930**. São Paulo: Hucitec, 1986.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SCARANO, J. M. L. **O imigrante:** trabalho, saúde e morte. 1974. Tese (Livre-Docência em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1974.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

STOLCKE, V. **Cafeicultura homens, mulheres e capital (1850-1980)**. Tradução de Denise Bottmann e João R. Martins Filho. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TOSI, P. G. Cultura do café e cultura dos homens em Franca: a influência da ferrovia para a sua urbanização. **Estudos de História**, Franca, v. 5, n. 2, p. 113-148, 1998.

### **Obras teóricas**

ARENDT, H. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1989.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV a XVIII: As estruturas do cotidiano**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. v. 1.

BURKE, M. L. G. P. **As muitas faces da história: nove entrevistas**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2000

CHATIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações** Rio de Janeiro: Difel, 1988

GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Difel, 1991.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBBSBAWN, E. **A era do capital (1845-1875)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, J. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LESSER, J. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. Tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

MAFFESSOLI, M. **A conquista do presente: por uma sociologia da vida cotidiana**. Natal: Argos, 2001.

MALERBA, J. (Org.) **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2008.

MENEZES, M. A. (Org.). **História de migrantes**. São Paulo: Loyola, 1992.

### **Obras de referência**

BASSANEZI, M. S. C. B. **Imigração e oportunidades de trabalho no Período Cafeeiro**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992. (Textos do Núcleo de Estudos de População, 21).

\_\_\_\_\_. et al. **Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1950**. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.

BASSANEZI, M. S. C. B. **Roteiro de fontes sobre a imigração em São Paulo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2008

\_\_\_\_\_. et al. **Repertório de legislação brasileira e paulista referente à imigração**. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.

BILAC, M. B. B. **As elites políticas de Rio Claro: recrutamento e trajetória**. Piracicaba: Ed. Unimep; Campinas: Ed. Unicamp : Centro de Memória da Unicamp, 2001

BOOTH, W.; COLOMB, G.; WILLIAMS, J. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CINTRA, A. Rio Claro, história e geografia. In: DICIONÁRIO das Cidades Paulistas. São Paulo: [s.n.], 1935.

DAVATZ, T. **Memórias de um colono no Brasil (1850)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1980.

DEAN, W. **Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura (1820-1920)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FAUSTO, B. **Historiografia da imigração para São Paulo**. São Paulo: Sumaré : FAPESP, 1991.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Imigração e política em São Paulo**. São Paulo: Sumaré : FAPESP, 1995.

\_\_\_\_\_. Imigração cortes e continuidades. In: NOVAIS, F. A. (Coord); SCHWARCS, L. M. (Org). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. v. 4.

FORJAZ, D. **O senador Vergueiro sua vida e sua época (1778-1859)**. São Paulo: Oficinas do “Diário Oficial”, 1924.

FOUQUET, C. **O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil, 1808-1824-1974**. São Paulo: Instituto Hans Staden; São Leopoldo: Federação 25 de julho, 1974.

HOLLOWAY, T. H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

NAXARA, M. R. C. **O estrangeiro em sua própria terra**. São Paulo: Annalume, 1998.

\_\_\_\_\_.; MARSON, I.; BREPOHL, M. (Org.). **Figurações do outro**. Uberlândia: Edufu, 2009.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Ed. USP, 1998.

SEVCENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. v. 3.

WILLEMS, E. **Aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1946.  
**Os lugares de memória**

BARTLETT, F. C. **Remembering: a study in experimental and social psychology**. Cambridge University Press, 1977.

BRASCIANI, S.; NAXARA, M. R. C. (Org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

BURKE, M. L. G. P. **As muitas faces da história: nove entrevistas**. São Paulo: Ed Unesp, 2000.

GAGNEBIN, J.-M. Trabalhos da memória. **Projeto História**, São Paulo, n. 17, nov. 1998.

\_\_\_\_\_. O início da história e as lágrimas de Tucídides. **Margem**, São Paulo, n. 1, p. 9-28, mar. 1992.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KOSSOY, B. Estética, memória e ideologia fotográfica: decifrando a realidade interior das imagens fotográficas. **Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 6, n.1/2, jan./dez. 1993.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

PAOLI, M. C. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In: CUNHA, M. C. P. (Org.). **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura : Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-5, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.

SANTOS, M. S. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

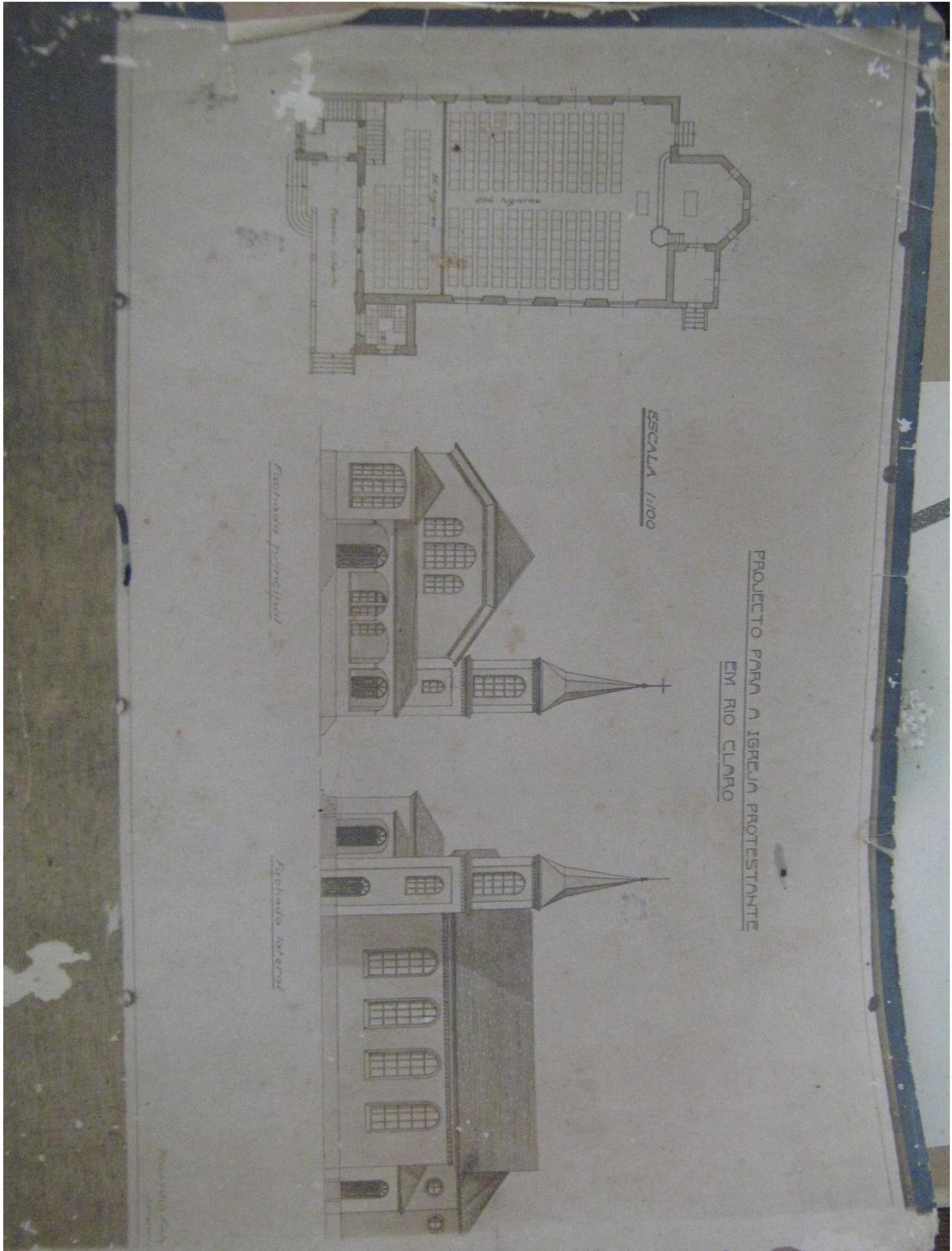
\_\_\_\_\_. O pesadelo da amnésia coletiva. **RCBS**, ano8, n. 23, out. 1993.

SELIGMANN-SILVA, M. **História, memória, literatura: o testemunho da era das**

catástrofes. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

**ANEXOS**

**ANEXO A – Projeto da Primeira Igreja Luterana em Rio Claro**



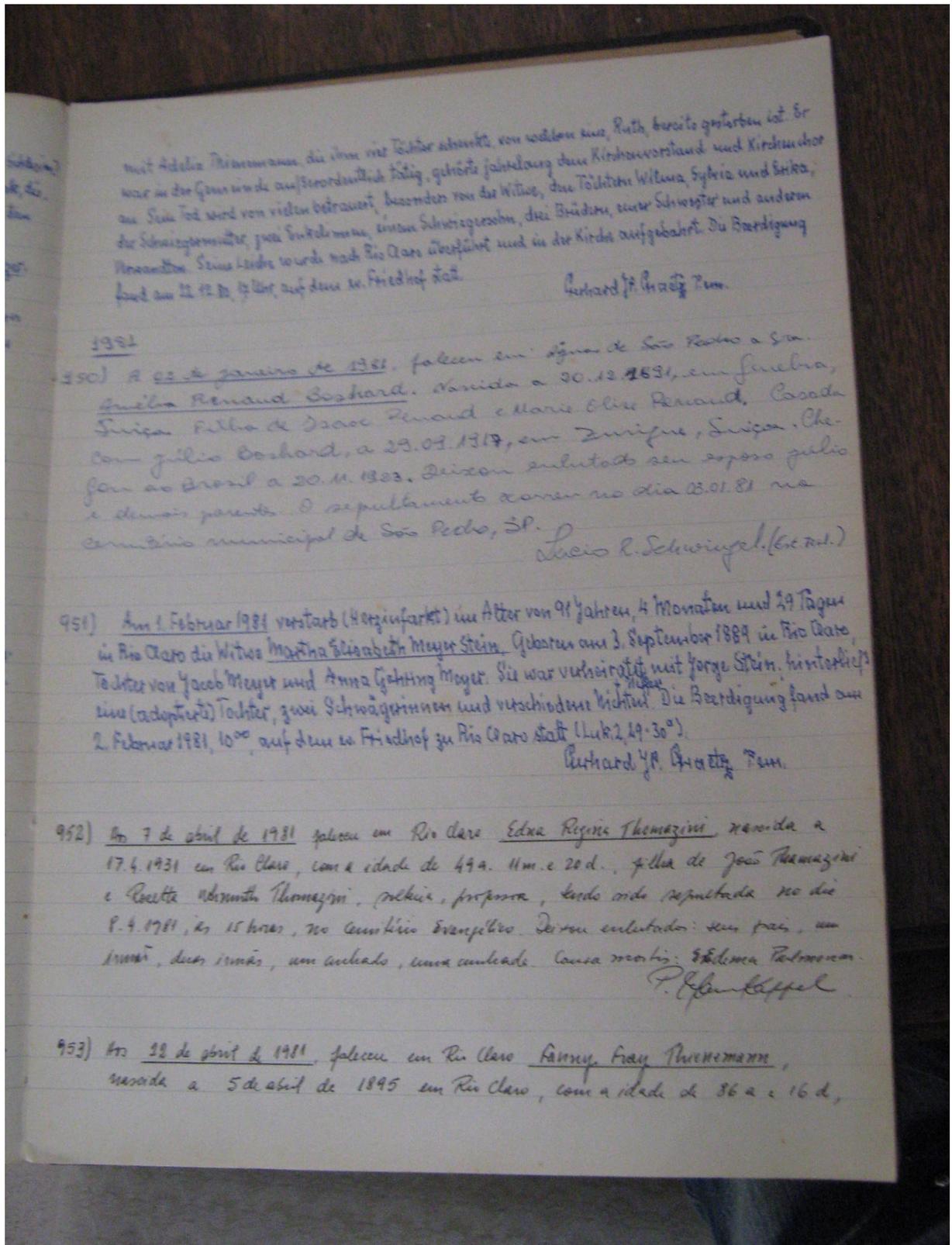
**ANEXO B – Certificado de Batismo redigido em alemão (sem data)**

\* Arquivos da Igreja de Confissão Luterana em Rio Claro, SP.



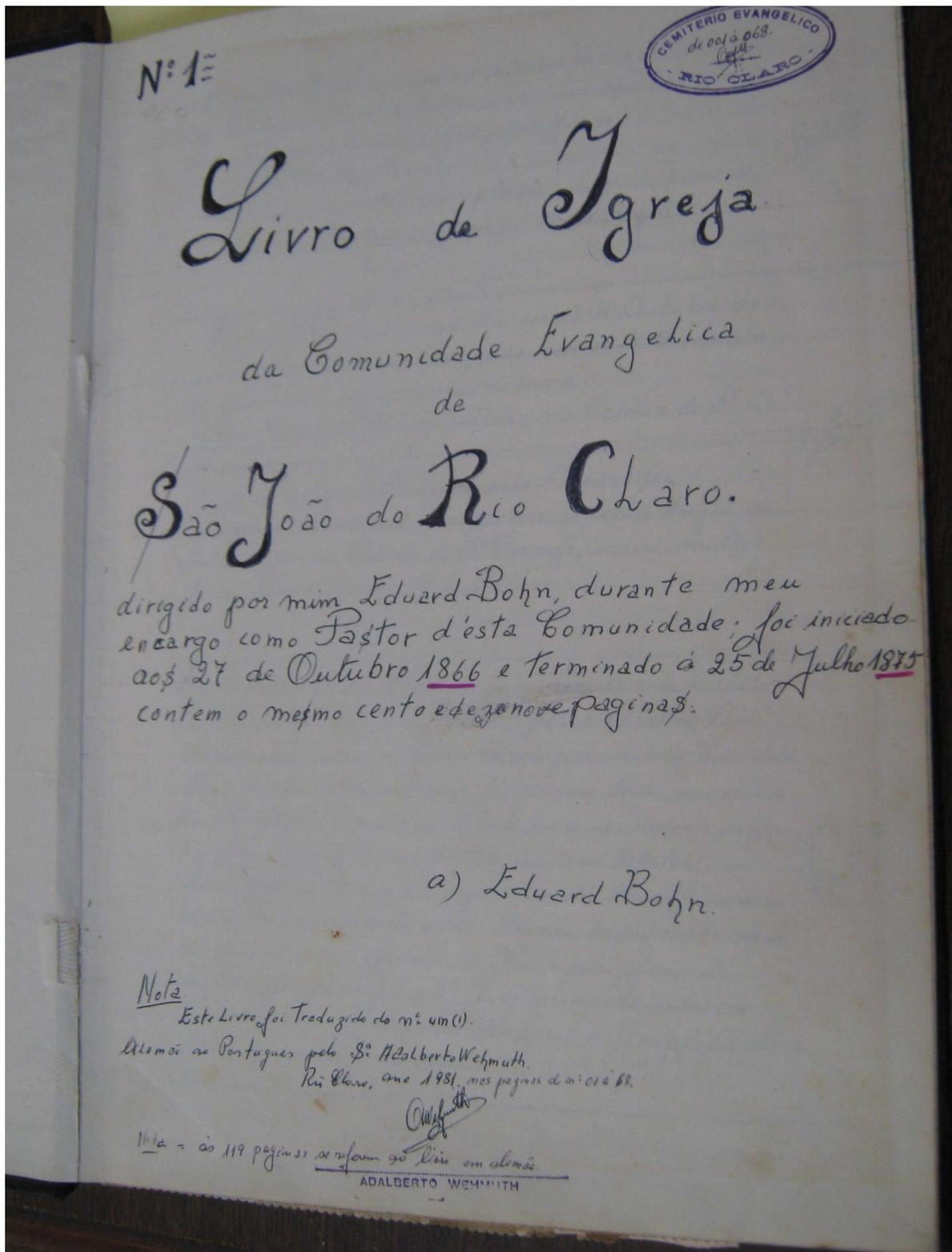
ANEXO C – Registros da Igreja Luterana de 1981 ainda redigidos em alemão

\* Arquivos da Igreja de Confissão Luterana em Rio Claro, SP.



ANEXO D – Livro de Igreja da Comunidade Evangélica de Rio Claro (1866-1875);  
páginas de registros traduzidas do alemão para o português

\* Arquivos da Igreja de Confissão Luterana em Rio Claro, SP.



Carl Otto Reif, nasceu aos 11 de setembro do ano de 1866, e foi  
por mim aos vinte e sete de Outubro do mesmo ano batizado na moradia dos  
Pais: - Pai: Johann Heinrich Reif de profissão ferreiro.  
Mãe: Anna Menge Capretz  
Padrinhos: Carl Otto Müller - de Elsch em Cantão Zurich - Suíça. e  
Anna Maria Greb. esposa de Johann Greb domiciliada aqui.

1866

Batismo

Anna Blumer: nascida aos 13 de Outubro do  
ano de 1866 e por mim batizada aos 04 de Novembro  
do mesmo ano em a minha residência.

Pai: Johann Blumer, colono na Colonia do S<sup>o</sup>  
Camargo  
Mãe: Barbara Blumer nascida Maertzer.  
Padrinhos: Samuel Doepfzer de Cantão Argau da  
Suíça, colono na Colonia do S<sup>o</sup> Camargo, e sua mulher  
Anna Doepfzer nascida Colter.

Batismo

Christian Peter Weidemann: com 24 anos de idade,  
nascido em Gerstebonech em Holstein, filho de Christian Paul  
Weidemann, colono na Colonia Paraíso pertencente ao Comendador  
Luís Antonio de Souza Barros, foi por mim hoje aos nove de  
Novembro 1866 às duas horas da tarde em minha residência, com  
Christina Dindorf, 20 anos de idade nascida em Tiefentahl em  
Hessen, filha de Philipp Dindorf e Charlotta Dindorf nascida na  
colônia velha acima mencionada e não havendo impedimento algum  
de acusar-os na forma de Lei e para fins de  
direito foi favorável o S<sup>o</sup> Juiz assinando então as  
Testemunhas - Johannes Kluppert e Joseph Meth-  
fessel que então foram casados.

Casamento

ANEXO E – Livro de Registros da Igreja Católica de Rio Claro obtidos na Cúria Diocesana de Piracicaba

